

legislativas 83

Mota Pinto não se aguentou na Televisão

Quatro redactores do «DL» — Fernanda Mestrinho, Luís Humberto Marcos, Eugénio Alves e Manuel Anta — já começaram a acompanhar os principais líderes partidários (respectivamente Mota Pinto, Mário Soares, Álvaro Cunhal e Lucas Pires) nas suas maratonas de campanha, embora esta, oficialmente, só comece às zero horas de segunda-feira próxima. Em campanha estamos na realidade, desde há mais de um mês, e a abertura formal das hostilidades teve lugar na quinta-feira à noite com o debate televisivo entre os quatro ditos «grandes». Um debate em que, para surpresa, sem dúvida, do seu próprio eleitorado, o prof. Mota Pinto, nervoso, hesitante e pouco à vontade no seu novo papel de líder do PSD, não aguentou o fogo cruzado de Soares e de Cunhal, por um lado, e as «mordelidas» de um Lucas Pires apostado em demonstrar que «a social-democracia

não é senão uma espécie de euro-socialismo».

Hoje, no «DL», Luís Humberto Marcos conta o que se passou nos bastidores do «Primeira Página» e dois correspondentes estrangeiros em Lisboa — José Rebelo, de «Le Monde» e Eduardo Monteiro, da «France Presse» — comentam com João Mendes o corpo a corpo entre os líderes na noite de Quinta-Feira Santa.

Entretanto, em Odivelas, ocorreu já um primeiro incidente envolvendo candidatos a deputados e PSP: na noite de quinta para sexta, dois candidatos do POUS foram levados à força para a esquadra local quando faziam propaganda do seu agrupamento. Motivo, explicado na própria esquadra, mais tarde: «São proibidos os ajuntamentos de mais de três pessoas...»

Págs. 5 a 8

O debate e a clareza da campanha

A RTP, depois da RDP, desta vez com o suplementar atractivo da imagem, ofereceu-nos um debate entre os líderes dos quatro maiores partidos: PSD, PS, CDS, PCP. Em nossas casas e em lugares públicos, tivemos ocasião de ver e ouvir Álvaro Cunhal, Lucas Pires, Mário Soares, Mota Pinto. Não sabemos o que o leitor, se foi telespectador do programa «Primeira Página», ficou a pensar do debate e dos intervenientes. Se a partir das exposições, respostas e esclare-

cimentos dos dirigentes máximos dos quatro partidos com maior representação parlamentar, ficaram em situação de saberem já em quem irão votar no próximo dia 25 de Abril.

Não sabemos se, para além de aspectos particulares, de pormenor, que constituíram para o telespectador motivo de satisfação ou de desagrado, do debate, não terá resultado, genericamente, uma certa apreensão em relação ao futuro económico e ao futuro político do País.

Continua na pág. 24



Apesar das divergências entre ambos, Mário Soares e Álvaro Cunhal foram os mais bem dispostos



À procura de uma cábula que o ajudasse a não repetir mais a promessa de «firmeza e autoridade»?

Antes e depois de estarem no poder

Políticos vão ter de dar contas das suas riquezas pessoais ao Tribunal Constitucional

Pág. 15

Delegada libanesa denuncia no Congresso da ISM

“PS’s europeus sempre foram fortemente sionistas”

Pág. 4

Páscoa pacifista na RFA e Inglaterra

Os movimentos antinucleares do Reino Unido e da República Federal da Alemanha programaram para esta Páscoa jornada de luta contra os «euromísseis», em especial, e contra as armas nucleares em geral. Na Inglaterra, na quinta-feira, vastos milhares de pessoas postraram-se no chamado «vale nuclear» — que inclui a base de Greenham Common (onde devem ser instalados os mísseis de Cruzeiro), o centro de Aldermaston e a fábrica de Burghfield —, constituindo uma cadeia humana de 24 quilómetros. Alguns manifestantes penetraram na base, sendo detidos e

logo libertados. Na RFA, registaram-se concentrações em muitos pontos, tendo a Polícia intervindo com gases lacrimogénios em Neu-Ulm (Baviera). Hoje haverá uma concentração junto ao Ministério da Defesa em Bona e, no sábado e domingo, as 90 marchas de paz dispersas por todo o país convergirão para diversos centros principais. Enquanto isto, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, respondeu hoje, como se esperava, à última proposta de Reagan, rejeitando-a e explicando porque.

Páginas centrais

O País por dentro

Alentejo não tem espaço na televisão portuguesa

Um brado do Alentejo, à atenção de todos: a RTP ignora sistematicamente, desde há anos, tudo o que passa entre o Tejo e o Algarve. Em compensação, não há romaria ou foguetório no Norte que não mereça imagens e som, com cobertura de repórter...

O Alentejo não terá realizações que justifiquem um pouco da atenção da RTP? O «Brados do Alentejo» garante que tem e dá exemplos das realizações autárquicas. Mas, pelos vistos, na RTP não estão pelos ajustes: a maioria das autarquias alentejanas vota na APU...

Um retrato do país poderia ainda ser composto com um aviso publicado num jornal d região de Leiria. Os partidos não terão voz nas suas páginas, com vista às próximas eleições, por absoluta falta de espaço. Saliente-se que o eleitorado deste distrito cai (tem caído) maioritariamente para a direita.

BRADOS DO ALENTEJO

RTP põe Sul na prateleira

Uma grande parte do território nacional não merece, sistematicamente, qualquer atenção da Radiotelevisão Portuguesa. Trata-se do Alentejo que raramente consegue «dar» uma notícia para os «jornais» televisivos. No «Brados do Alentejo» de 25/3, comentava-se assim:

«O «País, País», que a Radiotelevisão Portuguesa nos impinge, de segunda a sexta, pela hora do lusco-fusco, não é um programa propriamente dito — é um equívoco geográfico. O País de que nos dá imagens e, por vezes, o som das falas dos entrevistados, não vai muito além das extremas do «condado portucalense». Ou mais precisamente: fica-se de ordinário pela porta de Lisboa, ao Martim Moniz, arranjaram aquela gloriosa mas fatalíssima entaladela.

«Tudo o que surge mais para o Sul, em especial neste grande país em que os alentejanos vivem, é serraceno, é estrangeiro, é terra inóspita da vil moirana. Ourique que o diga, nesta última investida que levou os infieis à reconquista da vila e seu termo.

«De Valença do Minho a Alcains (desculpem: Alcains, não!), de Valença do Minho a Ceboleiros de Cima, de Carraceda de Ansiães a Rio Maior qualquer acontecimento de lãna caprina é motivo para se povoarem dois ou três minutos daquele espaço televisivo. Até não é virgem uma notícia ter sido dada no noticiário da emissão do dia anterior, mas como (porque) se passou em Cabeceiras de Basto (por exemplo) e Cabeceiras de Basto é importante do ponto de vista de, vá de repeti-la quase vinte e quatro horas depois no jornal que se reclama de regional, das regiões de todo o País.

«Do Tejo para baixo, nicles. O Alentejo das grandes realizações autárquicas — saneamento básico, cultura, desporto, etc — o Alentejo dos homens que «nunca cantam sozinho», e, sobretudo, o Alentejo da Reforma Agrária, nada diz àquele País (País da RTP)».

REGIÃO DE LEIRIA

Não há nada para ninguém

Na região de Leiria há falta de espaço para a política?

Pelo menos o «Região de Leiria» alertava os partidos no seu número de 25 de Março:

«Por absoluta falta de espaço não nos é possível inserir no nosso jornal qualquer matéria referente à própria campanha eleitoral, pelo que ficam avisados os respectivos partidos candidatos às eleições de 25 de Abril de 1983».



Jornal de Odivelas

Electrificar às portas de Lisboa

A inauguração de energia eléctrica ainda dá festa neste Portugal de 1983 e, para cúmulo, aqui mesmo às portas de Lisboa. O «Jornal de Odivelas» (número de Março) dá conta do facto, ocorrido em Loures, num bairro clandestino...

«Os moradores dos bairros da Carochia em Odivelas e da Milharada, freguesia de Loures, viram concretizada no último fim-de-semana uma das obras que há muito aspiravam: a electrificação.

«O bairro da Carochia, constituído por 28 lotes, é um dos muitos bairros de construção clandestina em recuperação no concelho. Neste momento já possui abastecimento domiciliário de água e energia eléctrica, obra que custou 1500 contos, tendo sido comparticipada pela Câmara em dois terços.

«A execução da obra de saneamento básico, arruamentos e construção de um parque infantil, são os objectivos imediatos da Comissão de Melhoramento, contando para o efeito com o apoio da Junta de Freguesia de Odivelas e da Câmara Municipal de Loures».

Noticias d'Évora

O que faz falta... em Évora

Évora, a cidade-museu, bate-se pelo progresso, cuidando do turismo. De súbito, olha para uma vila vizinha e... o «Noticias de Évora» noticiava e comentava, no dia 29 de Março.

«Adivinhem o que é. Pois bem, para além de, possivelmente, muitas coisas mais que a capital do seu distrito não têm, a progressiva vila de Montemor-o-Novo já possui cabanas telefónicas públicas, o que, de há muito, a Cidade-Museu reclama.

Com efeito não se compreende porque é que Évora ainda não dispõe nas suas praças e ruas, de tão úteis instrumentos. Julgamos ser a nossa cidade um caso único no panorama português. O que é que os CTT respondem a isto? Qual a razão desta discriminação?

Cabo Verde

Uma gestão hábil e um auxílio externo considerável atenuam os 'handicaps' de um arquipélago sem recursos

Pierre Biarnès

Nas encostas desoladas das áridas montanhas de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde, em Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Fogo, Brava e nas outras ilhas, vê-se o mesmo espectáculo pungente de um povo de camponeses lutando a pés juntos para conservar um magro solo incapaz de o alimentar.

ASSIM vive a maioria dos trezentos mil cabo-verdianos que não emigraram como mais de seiscentos mil compatriotas seus, para a Guiné e o Senegal vizinhos, para Portugal, para a Holanda ou, e estes são os mais numerosos, para a América longínqua. Assim vivem também os que não têm a sorte de morar num dos raros vales verdejantes do arquipélago, ou de trabalhar na Praia, capital política, ou no Mindelo, principal centro económico. O Estado comanda trabalhos ingratos como a feitura de estradas, inteiramente pavimentadas à mão, ou uma arborização difícil cujos resultados só se verão dentro de algumas décadas. Os trabalhadores ocupados nestas tarefas também podem comprar aos poderes públicos a farinha de trigo e a sémola de milho do auxílio alimentar internacional, que perde assim o seu carácter humilhante e desmobilizador de esmola, para se tornar uma autêntica contribuição para o desenvolvimento do país. O auxílio externo é, com efeito, indispensável a esse pequeno arquipélago particularmente afectado pela seca.

A economia de Cabo Verde sofre os efeitos cumulativos de graves dificuldades geográficas e humanas. Os recursos minerais e energéticos são inexistentes. A percentagem de terras aráveis é fraca: uns 40 000 hectares numa superfície total de uns 40 000, só 8% dos quais são irrigados. O resto só é cultivável nos raros anos em que as chuvas o permitem. Apesar dos esforços de mobilização das águas subterrâneas feitos nos últimos anos, só 27% da população tem acesso directo à água potável e o seu estado sanitário ressent-se gravemente do facto.

Embora Cabo Verde esteja relativamente melhor preparado neste aspecto do que a maior parte dos países africanos, a insuficiência de mão-de-obra qualificada é patente, e, de um modo mais geral, a taxa de analfabetismo mantém-se elevada (uns 60% entre os de mais de vinte anos).

Por todas estas razões a que se junta a fraqueza dos meios financeiros, as técnicas de produção agrícola mantêm-se quase sempre rudimentares, o mesmo se dando no sector da pesca, sector este que no entanto, é promissor.

Toda a política de desenvolvimento parece pois interdita a um país tão pobre: num «ano médio», isto é, quando choveu alguns dias durante o Verão, a agricultura (milho, feijão, alguns legumes verdes, raros) só fornece 40% das necessidades alimentares da população. A taxa de cobertura das importações pelas exportações (bananas, atum e lagostas) mal atinge os 5%. O P.I.B. por cabeça é, segundo os cálculos oficiais, da ordem dos 170 dólares por ano.

Para além destas constatações deprimentes, o visitante não tarda em descobrir algumas razões de esperança. Desde há alguns anos, embora as camadas mais desfavorecidas do arquipélago ainda sofram de graves carências alimentares, já não se morre de fome.

Na Praia, e, mais ainda, no Mindelo os mercados e as lojas estão razoavelmente abastecidas e, embora as habitações populares sejam modestas não há

bairros de lata.

Temos pois de convir que tanto o Estado como os particulares dispõem sensivelmente de mais dinheiro do que a situação da produção e do comércio externo faria supor. De facto, embora as exportações sejam quase nulas, Cabo Verde tem uma balança de pagamentos excedentária e os seus habitantes dispõem de rendimentos que ultrapassam o dobro do número que figura das estatísticas oficiais.

Os envios de dinheiro que os emigrantes mandam às famílias e os auxílios internacionais, que se elevaram, em média, depois da independência a doze mil milhões e quinze mil milhões de centimos por ano, e cujo montante total é, pelo menos, equivalente ao valor dos recursos internos, explicam este «milagre» aparente, ao mesmo tempo que recordam o segundo aspecto principal de Cabo Verde: a vida do arquipélago tem sido, há mais de cinco séculos, orientada para o largo. Apesar de um discurso oficial fundado numa africanidade real mesmo que parcial, os seus habitantes têm mais do que nunca o olhar mais voltado para a Europa Ocidental e para a América do Norte do que para o vizinho continente negro.

A grande aventura da emigração

É no Mindelo, na pequena ilha de São Vicente, onde mais ainda do que nas outras ilhas, se cruzaram, pelo menos, uma boa dúzia de povos, que a antiguidade e a força de impregnação europeia — portuguesa mas também inglesa, holandesa, escandinava — mais se fazem sentir. Construída em semicírculo sobre as pequenas colinas que abrigam o porto de águas profundas onde, há séculos, aportam os barcos vindos do Norte, entreposto tradicional de mercadorias, a cidade, com as suas casas limpas, cor-de-rosa, azul celeste ou verde amêndoa, as suas lojas antiquadas, os seus bares onde correm o «punch» e o «grog» artesanais e onde se ouvem, logo que chega a noite, as melodias langarosas da morna ou os ritmos vivos da sugestiva coladera, as duas danças nacionais cabo-verdianas, exibe um arzinho de prosperidade.

Daí, vindos de todo o arquipélago, embarcaram, durante gerações, aqueles que, não podendo viver no país, se sentiram tentados pela grande aventura da emigração. É aí que muitos deles que fizeram fortuna, mesmo modesta, ainda hoje regressam para acabar os seus dias.

No Mindelo, mais ainda do que na Praia, desenvolveu-se, antes da independência, uma pequena burguesia, por vezes proprietária, ao lado de alguns portugueses ricos, senhores das terras irrigadas do arquipélago, cultivadas por feitores ou camponeses mediocrementemente retribuídos e por isso mesmo pouco motivados, e com o auxílio de trabalhadores agrícolas ainda mais mal pagos. A partir do Verão de 1975 essa pequena burguesia foi um pouco agitada pelos filhos dos emigrantes de África, muito menos numerosos e sensivelmente mais pobres do que os da Europa e da América,

que regressam vitoriosos ao país, depois de se terem ilustrado nos combates do PAIGC feitos, unicamente, no continente, e a quem a metrópole passou sem transição a totalidade de um poder político que conservam.

Uma posição estratégica

Até à reforma agrária, votada o ano passado, nenhum dos negócios dessas famílias ricas, mesmo das que se exilaram mais ou menos em Portugal, tinha sido nacionalizado. As autoridades soberanas, habilmente, levá-las a associar-se ao Estado nas primeiras sociedades industriais do país: pequenas unidades de conservas, de bebidas gasosas, de confecção, de fabrico de calçado, uma fábrica de moagem que trata os cereais do auxílio alimentar internacional, etc. O Estado só reserva a si mesmo o controlo exclusivo dos negócios de interesse público: dessalinização da água do mar, electricidade, entreposto frigorífico, estaleiro naval...

Ao fim e ao cabo, este respeito realista pela propriedade privada tradicional, mantido pelos novos senhores do país, teve o resultado feliz e evidente de, apesar dos esforços em contrário de alguns pequenos grupos de exilados, instalados em Lisboa ou nos Estados Unidos, o maná das divisas dos emigrantes ter continuado a afluir.

Fortes com as amizades que, no tempo da luta armada, fizeram na Guiné-Bissau, e que, depois, a seriedade da sua gestão lhes permitiu reforçar, os dirigentes cabo-verdianos jogam habilmente com o interesse estra-

tégico da sua posição no Atlântico Sul e estão, decerto, entre os mais cortejados do Terceiro Mundo. Neutralizando, habilmente, os seus numerosos pretendentes, sem, até agora, ter desencorajado nenhum, puderam, desde há sete anos, financiar, graças a esses concursos externos, quase todos os seus investimentos.

140 milhões de dólares, 40 milhões dos quais em auxílio alimentar, foram-lhes entregues entre 1975 e 1980, o que parece constituir um recorde mundial. O financiamento dos 405 milhões de dólares de investimentos do seu primeiro plano quinquenal de desenvolvimento, a ser lançado e cujo principal eixo é a agricultura, a pesca e as infra-estruturas, será obtido, pensa-se na Praia, da mesma maneira. Já em fim de Junho, depois de uma «mesa redonda de doadores», na qual só os países socialistas, que preferem sempre intervir num plano bilateral estiveram ausentes, a realização de vários projectos num montante total de 350 milhões de dólares estava quase definitivamente assegurado.

Se os soviéticos e os seus aliados, alemães de Leste, e cubanos exerceram, até agora, um verdadeiro monopólio em matéria de assistência técnica e fornecimentos ao Exército e à Polícia, nem por isso conseguiram obter as bases, nem mesmo as facilidades militares que, por várias vezes, pediram. Em contrapartida, a influência dos países ocidentais, principais fornecedores de auxílio (principalmente a França, cuja língua é correntemente falada por toda a classe dirigente) não deixou de aumentar.



SINDICATO MARINHEIROS MERCANTES DE PORTUGAL

2.ª CONVOCATÓRIA

Em conformidade com o disposto no art.º 37.º e a fim de se dar cumprimento ao estabelecido no n.º 7 do artigo 24.º dos estatutos convocam-se os sócios a estarem presentes na assembleia geral ordinária no dia 15/ABRIL/83, pelas 17 horas, na sede social — Cç. Salvador Correia Sá, 42-2.º 1200 Lisboa.

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — Examinar, discutir e votar o relatório e contas de 1982.
- 2 — Discutir e votar o orçamento ordinário para 1983.

Nos termos dos artigos 32.º e 33.º dos estatutos é admitido o voto por correspondência.

30/Março/83.

Pelo Presidente da Mesa Assembleia Geral

(Benjamim Sousa Melo)

VII Cimeira dos Não-Alinhados em Nova Dehli

«A voz dos mais fracos nunca é ouvida»

● Sublinhada a necessidade e urgência de uma Nova Ordem Internacional de Informação

O senhor Mani Shankar Aiyar, um cavalheiro indiano que desempenhou as funções de porta-voz da Cimeira dos Não-Alinhados, foi, sem dúvida, a pessoa mais popular em Nova Deli durante os seis dias em que a reunião funcionou.

Como um relógio suíço, ou, se preferirem, com a pontualidade dos britânicos, Mani Shankar Aiyar reunia com os jornalistas duas vezes por dia. E era um regalo assistir ao modo como ele conduzia as conferências de imprensa, respondendo ora em inglês, ora em francês, ora, de quando em vez, em árabe, com uma fluência notável e sempre com um leve toque de humor quando eram abordadas as questões consideradas mais polémicas.

CALEJADO nestas andanças, ele quase conhecia pelo nome os jornalistas dos principais órgãos ocidentais: do «New York Times» ao «Monde», passando pelo «Washington Post», «Die Welt» ou qualquer das grandes agências (FP, UPI, AP, Reuter's), ele respondia e, depois, perguntava se o sr. X estava satisfeito com a resposta. E, a partir daí, era o diálogo humorado, a pergunta e a resposta prenhes de insinuações, um certo jogo do gato e do rato que todos aceitavam porque, naquelas assembleias de jornalistas, embora ninguém o dissesse expressamente, todos sabiam ao que ali iam e todos admitiam as regras do jogo.

Um «fartar vilanagem»

Mas para além das conferências de imprensa, ou «briefings», da responsabilidade de Mani Shankar Aiyar, outras havia, bem diferentes: a partir do segundo dia da cimeira realizaram-se, em média, por dia, naquele centro de imprensa, meia dúzia de conferências a cargo dos responsáveis pelas delegações.

Era um «fartar vilanagem»: a sala enchia-se com jornalistas de todos os cantos do Mundo e as perguntas choviam sem parar, nalguns casos com insistências a roçar a inconveniência. Mas, também aí, as regras do jogo eram claras: quem ali ia sabia que tinha que responder a tudo. Dependia da sua capacidade de expressão, maleabilidade de raciocínio, sangue-frio e paciência, o êxito da defesa das suas posições. Não sendo inimigos, a verdade é que os jornalistas não estavam ali para fazer favores a ninguém. Ou melhor: não estavam ali para fazer favores a quem dava as conferências de imprensa, o que é bem diferente... E todos tinham consciência disso.

Daqui resulta que, três ou quatro conferências, tenham sido, digamos, as mais especta-

culares. Já muito antes da cimeira ter começado se sabia que os «casos» Kampuchea e Afeganistão, bem como a guerra Irão-Iraque, eram os alvos mais apetecidos pela grande imprensa ocidental, que deles faziam cavalo de batalha, pensando que seria por aí que a unidade dos não-alinhados iria por água abaixo. Assim, não constitui surpresa que as entrevistas

de meigo, Jaloud, com uma convicção que impressionava, sem fugir a nenhuma das questões que lhe iam sendo postas, derivava para questões de fundo e chegou mesmo a pôr em causa a informação que existe nos nossos dias, defendendo, junto de jornalistas de todo o Mundo, a necessidade imperiosa de uma nova ordem internacional de informação. Um espectáculo.

O Islão do futuro

Alto, magro, de algum modo lembrando, fisicamente, Gathafi, Jaloud, também ele senhor de uma certa imagem mítica de revolucionário incorrupto, insistiu na necessidade de unidade no seio do Movimento dos Não-Alinhados. «A ideia central» — disse — «é fortalecer a nossa unidade». O que não queria dizer que todos estivessem de acordo em todos os pontos e questões que se levantavam.

Os jornalistas, porém, não desistiram. E a certa altura alguém se lembrou, com uma certa

para a nossa Jamahiria, mas nós somos contra o Islão reacçãoário que quer voltar séculos atrás, o Islão que é propagado nos EUA, o Islão dos ricos que se tornam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Não acreditamos no Islão dos palácios, do ouro, da prata, do dólar. Acreditamos no Islão virado para o futuro, onde todos são iguais, contra os ricos (...). E na sua base o Islão dá a todos uma oportunidade, é uma religião de liberdade, de socialismo de igualdade social. O Islão é a religião do povo que é igual entre si.»

E de repente, entrando na resposta directa à pergunta feita:

«Em relação à unidade árabe de que falou: acreditamos na unidade do povo, na liberdade do povo, e não na unidade daqueles que fazem as leis, não na unidade dos exploradores, não na unidade dos fascistas, não na unidade vertical, mas na unidade popular, na unidade do povo.»

Claro que, também a propósito, Jaloud não deixou de falar na necessidade da libertação da Palestina, problema pelo qual passa, de uma forma insofismável, a questão da unidade da Nação Árabe. E aproveitando a deixa falou também dos Não-Alinhados. Assim:

«Devemos reconhecer que o nosso movimento conheceu retrocessos graves que têm ameaçado a sua existência. (...) O nosso movimento é necessariamente um Movimento progressista porque os povos são progressistas. Mas a perda dos guias históricos do nosso movimento e a infiltração de estados alinhados no seio do movimento são factos que têm sido explorados pelas forças imperialistas para tentar paralisar o movimento, antes de o tentarem liquidar. E por isso mesmo que o meu país exige normas precisas para os seus membros e que seja encontrada uma definição nítida e precisa para o termo não-alinhamento».

EUA: sinónimo de guerra

No seu diálogo, vivo e por vezes quente, com os jornalistas, muitas outras questões foram abordadas: a guerra Irão-Iraque e o apoio claro que a Líbia dá a revolução iraniana, o que não impede que desenvolva todos os esforços para se encontrar uma solução pacífica para o diferendo entre aquelas duas nações árabes; o papel da mulher na sociedade líbia, que, contrariamente ao que acontecia no regime anterior e continua a acontecer na generalidade dos países árabes, tem agora, na Jamahiria, direitos iguais aos dos homens, participando a todos os níveis na vida

Continua na pag. 4



Major Jaloud durante conferência de imprensa

colectivas dadas pelo presidente vietnamita, Pham Van Dong, pelo presidente do Conselho de Ministros do Afeganistão, Ali Keshmand, e pelo embaixador do Irão nas Nações Unidas, Raja le Khorassani, tenham sido as que maior expectativa criaram e as que maior número de jornalistas reuniram. Com uma excepção apenas: a conferência de imprensa conduzida pelo chefe da delegação líbia, major Abdussalam Jaloud, em nada ficou atrás das que acabei de mencionar. A sala de conferências foi pequena para albergar todos os jornalistas que a ela quiseram assistir — e a verdade é que valeu a pena ter arranjado um lugar. É que, bombardeado, é o termo, com perguntas que nada tinham

ironia, de pedir a Jaloud para falar um pouco da unidade árabe...

Sem pestanejar o líder líbio respondeu:

«Qual unidade? A revolução de Setembro é uma revolução de massas na Jamahiria. É uma revolução popular. Não tem por base o que se chama a teoria da exploração — política, económica e social. Pelo contrário: transferimos o poder para as mãos do povo. Além de ser uma revolução política e social é também uma revolução espiritual. Acreditamos na religião e no nacionalismo, no devir histórico, na liberdade da sociedade humana. Somos uma revolução islâmica, mas uma revolução progressista. O Islão de Maomé e o Corão são a base

ponto a ponto



AS Forças Armadas portuguesas necessitam de reequipar-se, mas enfrentam problemas de escassez de recursos, afirmou ontem na cidade de Salvador o general Melo Egídio, que actualmente realiza uma visita oficial ao Brasil. Indicando que esta sua viagem tem por fim conhecer o parque industrial militar brasileiro e as pesquisas que estão a ser feitas, Melo Egídio acrescentou não estar prevista a assinatura de um acordo militar entre os dois países e que «em hipótese alguma Portugal permitirá a instalação de engenhos nucleares no seu território, seja dos países da NATO ou não».

AJuventude Comunista Portuguesa (JCP) considera, em comunicado distribuído, que «tal como Crespo e Fraústo não foram alternativa a Cardia, nenhum novo Cardia será alternativa a Crespo e a Fraústo». A JCP declara que «vai intervir activamente na próxima campanha eleitoral, levando à Universidade a campanha da APU», de acordo com as decisões da reunião nacional de quadros da organização do ensino superior realizada no passado dia 28 em Coimbra. Para a organização da juventude do PCP, é necessária «a participação do movimento estudantil universitário na definição de uma nova política educativa».

PORTUGAL ocupa a vice-presidência do Conselho Europeu de Estudos Africanos (CEEAA), que foi recentemente criado em Paris, informou a Universidade Nova de Lisboa (UNL). O CEEAA foi constituído em reunião da Agência de Cooperação Científica e Técnica (ACCT), organismo internacional, com sede na capital francesa, que reúne africanistas em representação de 11 nações europeias. Mesquita Lima, professor da UNL, partilha a vice-presidência do referido Conselho Europeu com um especialista belga, sendo secretários-gerais representantes da França e do Reino Unido.



O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, aceitou o convite que lhe foi dirigido pelo Governo da Baixa Saxónia para participar, no dia 12 de Abril, na inauguração oficial da Feira de Hanover 83 — revelou uma fonte oficial. No dia 11, o Primeiro-Ministro terá um encontro em Bona com o vice-chanceler e ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal, Hans Dietrich Genscher, que o convidou para um jantar em sua homenagem. Na inauguração da Feira de Hanover, Pinto Balsemão fará uma intervenção na qualidade de orador internacional.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros tem a decorrer até 18 de Abril um concurso para adidos de Embaixada. O concurso, que foi publicado no «Diário da República», explica que os interessados irão ocupar o lugar de terceiro-secretário de Embaixadas, pelo prazo de dois anos. Só poderão candidatar-se cidadãos de origem portuguesa com um curso superior tirado numa universidade portuguesa ou um curso estrangeiro equivalente, reconhecido pelo Ministério da Educação.

A análise da evolução da situação em Timor-Leste será feita no Encontro Europeu de Solidariedade com esse território a decorrer em Lisboa a 9 e 10 de Abril. A acção dos comités europeus de apoio a Timor-Leste será também tema de debate no encontro, a contar com presenças da Grã-Bretanha, Holanda, França, Espanha e Portugal, entre outras. No primeiro dia de trabalho, o encontro discutirá uma mensagem ao Décimo Sexto Congresso da Internacional Socialista, que nessa altura se reúne também em Portugal e que deverá abordar de igual modo a situação em Timor-Leste.



ALiga Socialista dos Trabalhadores (LST) tomou quinta-feira posição ao lado da «Nicarágua sandinista contra a invasão do imperialismo americano». Num comunicado, a LST alertou para a «agressão de que está a ser alvo a Nicarágua por parte de efectivos militares contra-revolucionários apoiados e dirigidos por responsáveis militares e diplomáticos dos Estados Unidos da América». «Propomos a todos os partidos de esquerda e a todas as organizações dos trabalhadores e democráticas a organização em comum de uma campanha de solidariedade que alerte a opinião pública portuguesa para o que se está a passar neste momento e preste auxílio efectivo à revolução centro-americana».

Seis questões prioritárias

No final da sua intervenção no plenário da VII Cimeira, o major Abdussalam Jaloud, para além de pedir uma Nova Ordem Internacional de Informação, resumiu assim as seis questões prioritárias que o Movimento dos Não Alinhados tem que resolver (e que acabou por ser contemplado de uma forma ou doutra, na declaração política final):

1 — Acabar com a agressão e ameaças de agressão que os povos do Movimento dos Não Alinhados sofrem por

parte do imperialismo americano;

2 — Conseguir a independência dos povos, liquidar os regimes racistas na Palestina e na África do Sul, e conseguir a libertação dos povos da Namíbia, da África do Sul, da Palestina e do Sarah Ocidental;

3 — Resolver a crise económica aguda em que o mundo está mergulhado e que tem destruído as economias do Terceiro Mundo e aniquilado toda a esperança, para os países Não Alinhados, de conse-

guir um desenvolvimento económico real. Para tanto é necessário atacar as causas reais da crise e exigir uma Nova Ordem Económica Mundial que garanta a igualdade de oportunidades, de justiça e equidade;

4 — Dissipar o fantasma de uma guerra nuclear apocalíptica e criar uma nova vontade política humanitária e uma opinião pública influente e efectiva, que transforme em acção e realidade os «slogans» do desarmamento, com a finalidade de neutralizar to-

talmente as armas nucleares, químicas e bacteriológicas e de parar toda a sua produção;

5 — Reforçar o papel da Organização das Nações Unidas, fazendo dela realmente a Organização de todos os povos (actualmente é apenas a organização das grandes potências), e dando mais prerrogativas à assembleia geral e abolindo o direito de veto;

6 — Terminar com a fome que afflige milhões de homens e organizar uma campanha internacional sob o lema de «uma casa e comida para todos os homegs».

Perez de Cuellar desde ontem em Lisboa

Contactos políticos depois de conviver com a família

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, chegou ontem a Lisboa para uma visita que tem carácter particular até segunda-feira.

Perez de Cuellar, que nos dias 4 e 5 será recebido pelo Presidente da República, que o convidou a vir ao nosso país, e pelo Presidente da Assembleia da República, Primeiro-Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros, ficou desde já instalado no Palácio de Queluz, mas passará o fim-de-semana em casa de sua filha, que reside em Lisboa. Chama-se Águeda Cristina Perez de Cuellar Sousa e Costa, é funcionária da Embaixada do Peru em Portugal e está casada com o médico cirurgião português Elmano Sousa e Costa.

No aeroporto o secretário-geral da ONU era aguardado pelo almirante Silva Horta, em representação do Presidente da República, e por altos funcionários do Protocolo de Estado.

Em breves declarações aos jornalistas presentes Perez de Cuellar afirmou que para si esta era «uma oportunidade muito

grata» para estabelecer contactos com as autoridades de um país como Portugal «com uma grande tradição de cooperação com a ONU». Acrescentou que a opinião portuguesa será certamente «um apoio muito valioso» aos seus esforços para resolver os grandes problemas que afligem a comunidade das nações.

O secretário-geral da ONU, que deixa o nosso país na manhã de quarta-feira, dia 6, seguindo para a Irlanda, via Londres, dará uma conferência de imprensa no aeroporto da Portela imediatamente antes de embarcar.

Soares foi a Queluz

Mário Soares foi ontem recebido no Palácio de Queluz por Perez de Cuellar. À saída do encontro, que durou 40 minutos, o secretário-geral do PS disse ter encontrado no s.g. da ONU «a maior convergência de opiniões» em relação aos grandes temas da actualidade internacional.

Os temas dominantes, segundo Soares, foram África e Timor-Leste, tendo a audiência

servido para os dois políticos passarem em revista problemas gerais e, em particular, problemas do desarmamento e da paz.

Questões relacionadas com a América Latina e Médio Oriente foram igualmente abordadas.

Depois do encontro Mário Soares partiu para o Algarve a fim de passar a Páscoa na residência de férias que possui na praia do Vau, junto da Praia da Rocha. Segunda-feira inicia, logo pela manhã, em Portimão, a campanha eleitoral do seu partido.

Biografia

Javier Perez de Cuellar, de nacionalidade peruana, foi eleito por aclamação secretário-geral das Nações Unidas pela Assembleia Geral, em 15 de Dezembro de 1981, depois de ter desempenhado as funções de secretário-geral adjunto para os Assuntos Políticos Especiais e de representante pessoal do anterior s.g. Kurt Waldheim, para a questão do Afeganistão.

Advogado e diplomata de car-

reira ocupou também o cargo de embaixador do Peru na Venezuela, URSS, Polónia e Suíça e bem assim o de representante permanente do seu país junto das Nações Unidas e de representante especial do s.g. da ONU em Chipre.

Perez de Cuellar ingressou no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Peru e na carreira diplomática em 1944, tendo desempenhado funções de secretário das Embaixadas do seu país em França, Reino Unido, Bolívia e Brasil e de conselheiro da Embaixada do Peru no Brasil. Foi igualmente professor de Direito Diplomático na Academia Diplomática do Peru e professor de Relações Internacionais na Academia de Guerra Aérea do Peru e é autor de um Manual de Direito Diplomático (1964).

Perez de Cuellar nasceu em Lima, no Peru, em 19 de Janeiro de 1920 e licenciou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Lima, em 1943. É casado com a senhora Marcela Temple e tem uma filha e um filho.

Delegada libanesa denuncia influência sionista na IS

O XXI Congresso da Internacional Socialista das Mulheres, que terminou na quinta-feira no Algarve, esteve à beira da ruptura face ao violento protesto apresentado pela representante do Líbano, Janine Rubeiz, pelo facto de não ter sido possível aprovar uma moção condenando a invasão israelita ao seu país.

De acordo com Janine Rubeiz, que foi apoiada pelas representantes sul-americanas, o Partido Socialista Progressista Libanês (de Jumblatt) vai debater a utilidade da sua permanência na Internacional Socialista após o Congresso desta organização que se vai realizar de 7 a 10 deste mês no Algarve.

Indignada pela ausência de qualquer condenação, por parte da Internacional Socialista das Mulheres, dos actos praticados por Israel, Janine Rubeiz atribuiu esse facto «à forte influência sionista no interior da IS».

«Os partidos socialistas europeus» — acrescentou — «sempre foram fortemente sionistas e nós sabemos isso quando entrámos, mas fizemo-lo para mudar um pouco esse estado de coisas. Contudo não é fácil mudar uma tradição tão velha».

A delegada libanesa afirmou que o «mínimo que o Congresso da ISM poderia fazer seria condenar uma agressão, mas nem isso fez».

Para Rubeiz, Israel «finge ter invadido o Líbano por causa dos palestinos, mas agora, que já não há mais palestinos, eu pergunto o que faz Israel no Líbano».

«Os israelitas transformaram o Líbano numa colónia sua, destruindo toda a infra-estrutura económica do sul e impõem-nos agora os seus produtos» — concluiu.

De sublinhar que Janine Rubeiz apresentou inicialmente uma proposta de resolução na qual se exigia, entre outros pontos, a criação de uma Comissão de Inquérito ao «destino dos prisioneiros e a todos os massacres perpetrados» e à retirada rápida e incondicional das tropas israelitas do Líbano.

Vendo que não conseguiria consenso pediu apenas que o Congresso condenasse Israel, mas esta proposta apesar de apoiada pelas latino-americanas, também foi recusada pela maioria das delegadas que transferiram a questão para o Congresso da IS a realizar dentro de dias. O que, obviamente, não aconteceu em relação à Polónia e ao Afeganistão, «casos» em que a URSS foi condenada sem apelo nem agravo pelas mulheres socialistas.

Entretanto, as representantes latino-americanas também acusaram as socialistas europeias de ignorarem e desconhecerem os problemas da sua região.

Comunicado final

No comunicado emitido no final da reunião a ISM acentua a necessidade de esclarecimento

dos problemas das mulheres no contexto Norte-Sul. Esta posição — lembra a ANOP — difere fundamentalmente da do último congresso, realizado em Madrid, em que as mulheres da IS atribuíram particular relevo às acções a empreender com vista ao desarmamento.

A ISM manifestou-se, ainda, disposta a promover reuniões e seminários para esclarecimento e debate dos problemas do meio ambiente, fazendo a reafirmação da importância do desarmamento.

Outro tema que ocupará as mulheres socialistas nos próximos dois anos será «o direito da mulher à integridade do seu próprio corpo», incluindo os problemas da sexualidade, maternidade, meios de contracção, aborto e mutilações sexuais.

A ISM discutirá também o valor económico do trabalho doméstico e as suas consequências concretas e ainda «a nova direita e as suas consequências para as mulheres».

Por outro lado, a ISM aprovou uma moção que apela para o respeito pela autodeterminação de Timor-Leste, cujo povo «sofre de pobreza e privação sob o re-

gime colonial indonésio».

A luxemburguesa Lydie Schilt foi reeleita presidente da ISM.

Expressamente confidencial

- **NÃO TIVEMOS** confirmação de que os líderes partidários estivessem preparados para, em resposta ao desafio do dr. Francisco Lucas Pires, indicarem os nomes dos respectivos candidatos a futuro ministro das Finanças. Ele estava. O líder do CDS indicaria o nome do professor Adriano Moreira que, segundo foi reconhecido, tem umas mãos parecidas com as de um ministro das Finanças do regime anterior.
- **O DR. FRANCISCO PINTO BALSEMÃO** desistiu de publicar um Livro Branco sobre a crise do PSD. Trabalha, segundo nos disseram, numa obra de ficção para a qual o título já estaria escolhido: «A Traição de Montechoro».
- **PESSOAS DE BOA REPUTAÇÃO** residentes na Quinta da Marinha consideram com alguma apreensão a presença e a actuação da arquitecta Helena Roseta na presidência da Câmara Municipal de Cascais. Em privado, chamam-lhe, Helena de Tróia.
- **NOS MEIOS MILITARES** repele-se, com indignação, a notícia que correu relativa aos objectivos da viagem do general Melo Egidio ao Brasil. É rigorosamente falso que tenha ido contactar especialistas de «golpes de Estado».
- **O DR. ANTÓNIO BARRETO** ainda não está equilibrado entre as solicitações contraditórias: candidato a presidente PSD da Câmara do Porto; candidato a deputado PS por Évora. Mas terá esclarecido os seus amigos políticos de que não é ele o N.º 200, do «Documento dos 199», assinado pelo seu compatriota reformador dr. José Medeiros Ferreira.
- **NOVIDADE DA PRÉ-CAMPANHA** eleitoral: Mário Soares, no Parque Mayer, pagou a conta do almoço com uma nota de cinco mil escudos, com a efígie de António Sérgio. Esta atitude foi interpretada por alguns empresários como de insistência na agitação socialista.
- **NÃO É VERDADE** que o professor Mota Pinto tenha mantido contactos, para preparação de imagem e correcções da maneira de falar, de dizer e de estar. E não se confirma a cooperação de D. Maria Elisa que está completamente absorvida pelo seu trabalho de entrevistadora tardia.

A Voz dos mais fracos

Continuação da pág. 3

do país; a «intervenção» líbia no Chade, ponto a que os jornalistas deram particular ênfase, e que foi desmontado por Jalloud que se limitou a fazer uma breve retrospectiva sobre quanto se tem passado nestes últimos tempos naquele país centro-africano; e o diferendo com os EUA, que se dão ao luxo de violar o espaço aéreo e marítimo da Líbia, tendo até, recentemente, abatido dois aviões líbios.

E foi perante o silêncio dos jornalistas que Jalloud, depois de ter sublinhado o que tem sido a actuação dos EUA, disse:

«Os EUA são sinónimo de guerra, de agressão, de terrorismo, de injustiça, de monopólios, de chantagem pela fome, da CIA cuja história é sinistramente negra, de assassínios de militantes como Lumumba e Aliende. Nos dias de hoje assistimos a um colonialismo americano que suplanta o colonialismo europeu, sob a forma de bases militares, bases de intervenção rápida, es-

quadra, dominação económica do mundo (...) Os EUA fazem do povo palestino e da nação árabe o campo de experimentação dos seus meios destruição. Aliados ao sionismo os EUA decidiram liquidar fisicamente o povo palestino como liquidaram antes o povo da América do Norte — os índios — embora eu possa firmar aqui, peremptoriamente, que o povo palestino voltará à sua terra mesmo que o preço seja o extermínio da Nação Árabe».

E já a finalizar, respondendo a alguns jornalistas que tinham perguntado qual o grau de envolvimento da Líbia numa tentativa de golpe para tornar a Sicília independente de Itália, bem como o grau de apoio líbio aos movimentos «terroristas» que existem no mundo, o major Jalloud pôs os próprios jornalistas em questão. Lembrou que o seu povo não deseja igrrometer-se nos assuntos internos de nenhum país, mas que não deseja igualmente que outros intervenham nos seus

assuntos; sublinhou que o seu país é alvo de gigantescas campanhas de desinformação e da guerra psicológica levada a cabo pelos órgãos de informação a soldo dos americanos; mostrou como a informação e a comunicação estão intimamente ligadas ao desenvolvimento, à liberdade — mas como, no Ocidente, têm distorcido a imagem do terceiro mundo; e depois de afirmar bem alto que a Líbia respeita a soberania italiana e a de todos os outros Estados, desafiou os jornalistas presentes, ou alguém, a apresentar provas daquilo de que acusavam a Líbia. E concluiu:

«O problema é que a voz dos mais fracos nunca é ouvida. Essa é a lógica. A lógica dos EUA, que sabem que podem fazer ouvir a sua voz. Mas o meu país disse não aos EUA e dirá sempre, porque nós aceitamos ser o «Centro Mundial da luta contra o Imperialismo e o Sionismo».

Ribeiro Cardoso

PARA COMPANHIA DE PETRÓLEOS

PRECISA-SE ECONOMISTA

PRETENDE-SE:

- Idade máxima 45 anos
- Experiência profissional mínima de dez anos
- Experiência comprovada em organização, gestão e métodos, auditoria interna e contabilidade analítica.

OFERECE-SE:

- Regalias sociais de acordo com os regulamentos da Empresa
- Ordenado de acordo com os parâmetros internacionais.

Resposta a este jornal ao n.º 2405

PARA COMPANHIA DE PETRÓLEOS

PRECISA-SE 2 TÉCNICOS DE LABORATÓRIO PRETENDE-SE:

- Idade compreendida entre 30 e 35 anos;
- Mínimo 5 anos de experiência em laboratório de terminal de carga de óleo bruto ou refinaria;
- Boa formação em Química;
- Habilitações académicas: 7.º ano dos liceus ou equivalente;
- Bons conhecimentos da língua inglesa.

OFERECE-SE:

- Regalias sociais de acordo com os regulamentos da empresa;
- Ordenado de acordo com os parâmetros internacionais.

Resposta a este jornal, ao n.º 2401.

PARA COMPANHIA DE PETRÓLEOS

PRECISA-SE TÉCNICOS DE SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS

PRETENDE-SE:

- Idade 35/40 anos;
- Mínimo 5 anos de experiência em instalações petrolíferas, Refinaria ou Petroquímica;
- Habilitações académicas — 5.º ano dos liceus ou equivalente;
- Conhecimento da Língua Inglesa.

OFERECE-SE:

- Regalias sociais de acordo com os regulamentos da Empresa
- Ordenado de acordo com os parâmetros internacionais.

Resposta a este jornal ao n.º 2403.

legislativas 83

O leão amestrado e o seu marquês

Mota Pinto foi sem dúvida o dirigente partidário que mais maltratado saiu do debate de quinta-feira à noite na RTP. Acusado por Lucas Pires de nunca ter estado na AD e de ter aceitado ser ministro do Comércio de Mário Soares e primeiro-ministro de Ramalho Eanes, Mota Pinto não conseguiu sequer usar, a seu favor, o facto de o défice externo se ter reduzido em 1979, quando ele chefiava o Governo. Soares acusou-o de apenas se ter limitado a aproveitar, na esteira de Nobre da Costa, as «boas condições» deixadas pelo segundo governo constitucional — um executivo PS.

ALIÁS, Mota Pinto não está bem na sua pele, neste papel de dirigente de um PSD obrigado a admitir que a coligação com o PS é talvez a única forma de se manter na área do poder. Ele, o homem do Estado autoritário, o homem para quem a «firmeza» (palavra que usou até à saciedade durante o debate) é a chave do poder, obrigado a deitar a escada a Mário Soares e a responder simpaticamente a Lucas Pires que o acusa de ser uma espécie de euro-socialista...

Convencido de que tudo, nestas eleições, joga a seu favor, Mário Soares trata Mota Pinto com bonomia, como um primeiro-ministro trataria um seu ministro da Administração Interna de um partido coligado: eles são um pouco, desde anteontem à noite, a caricatura do marquês de Pombal e do seu leão domesticado na estátua

da Rotunda.

Insurgindo-se contra esta «nova imagem» do professor de Coimbra, o jovem líder do CDS garante que preferirá ser oposição perante um eventual executivo PS/PSD, explicitamente admitido por Mário Soares, e não se cansa de repetir que o abandono da AD foi o maior trunfo dado aos comunistas desde 1975: a abstenção de direita tenderá a aumentar, o método de Hondt não funcionará.

Lucas Pires mostrou qual vai ser o seu jogo durante a campanha ao afirmar que a social-democracia e o socialismo se têm limitado a gerir, em Portugal, o sistema económico e social inventado pelo PCP e ao recusar a «larga convergência democrática» proposta por Mota Pinto. O «jovem turco» que sucedeu a Freitas do Amaral (esse desaparecido pela caixa do ponto, como diz Soa-

res) parece estar certo de que não bastará a Mota Pinto invocar o programa do PSD de Sá Carneiro para galvanizar o eleitorado da AD. O seu projecto de «criar uma nova Aliança Democrática sobre os escombros do Bloco Central que se anuncia» pode — ele espera-o certamente — morder no eleitorado que tiver dificuldade em reconhecer o antigo Mota Pinto, arrogante e autoritário, no actual dirigente PSD, cheio de tiques delicados e subservientes perante Mário Soares.

Também confiante em que já nem Mota Pinto pode valer ao PSD, apareceu o líder socialista: de outro modo não se compreenderia o seu apelo final ao voto de esquerda no PS, como se o de direita já estivesse garantido. A Mário Soares convém, aliás, que o jogo de Lucas Pires tenha êxito nas urnas: um crescimento eleitoral do CDS à

custa do PSD ajudaria o PS a compensar o eventual falhanço do seu objectivo eleitoral — alcançar os 40 por cento.

As cartas anteontem postas na mesa confirmam o que se esperava: apesar da insólita operação de cosmética dos partidos com que Sá Carneiro fez a AD, esta campanha poucas surpresas vai trazer. Cresce, entretanto, neste cenário, o interesse pela disputa do terceiro lugar, em 25 de Abril. Conseguirá a APU, mantendo o seu eleitorado das autárquicas, aparecer como terceira força, iludindo uma tendência que chegou a parecer inevitável para o voto útil no PS e ultrapassando, ao mesmo tempo, o CDS?

A possibilidade preocupa não apenas os centristas mas também o PS e o PSD, e leva-os a todos a garantir desde já que, qualquer que seja o resultado eleitoral, os

comunistas terão de permanecer fora do Governo. Nada de novo, nesta frente Ocidental.

Assim, a importância relativa do terceiro e quarto lugares reside menos na influência que eles poderão vir a ter na fórmula governativa, do que no caso que terão na nova Assembleia, e no estabelecimento das maiorias de dois terços de deputados, que poderão tender a «flutuar».

Caso os resultados favoreçam a aliança de governo desejada por Mário Soares, o executivo a formar pelo líder do PS não deixará de ter tanto menos a ver com muitos socialistas quanto mais «inevitável» fôr, para ele, a cêndia de pastas importantes ao PSD.

É difícil antever com que socialistas poderá Soares, do cimo do seu providencialismo no desideologizado, contar para esse eventual Governo. A presença, a seu lado, de um Mota Pinto amestrado e disposto a representar o príncipe consorte para poder voltar a dispôr de responsabilidades governativas apenas garante o perfil caricaturalmente autoritário desse executivo.

Dissolvida a Assembleia, propostas novas eleições, o Governo que delas sair ten-

derá a surgir, perante a nevrose de crise que se instalou na formação social portuguesa, como «de salvação nacional». Por isso a ideia de «consenso», roubada Belém, emerge irre sistivelmente no discurso soarista e transforma Mota Pinto em travesti.

Mas o que acontecerá a seguir, se, embora negociado mais dois pares de «empréstimos da República», esse governo não «salvar a nação?»

Não parece exagerado dizer que a opinião pública descrita por Soares como a eminência parda que, hoje, «governa» o País, está desde já, mais preocupada com o provável falhanço do próximo executivo do que com os resultados eleitorais propriamente ditos.

E é nesse quadro que ganha sentido a afirmação de Ramalho Eanes de que terá de ser o eleitorado a decidir sobre a necessidade da criação de novas forças partidárias.

Cremos que, para além do «som e fúria», quase meramente alegóricos, desta campanha eleitoral, se voltará a falar de explosão do actual quadro partidário, logo após este 25 de Abril.

João Mendes

As «mornas mas boas» do corpo-a-corpo televisivo

▼O lapso mais notável do debate de anteontem à noite foi o de Álvaro Cunhal, ao tratar o actual dirigente do PSD por «dr. Lucas Pinto». O líder comunista emendou e pediu desculpa, mas em nosso entender, e dada a semelhança de pontos de vista que atribui aos seus três interlocutores, pensamos que ele poderia muito bem ter alargado as confluências nominais, dirigindo-se ora a Mota Lucas, ora a Mário Pinto, ora a Pires Soares.

▼Afastado da vida partidária e do Governo desde 1979, o dr. Mota Pinto foi o líder partidário que mais dificuldade teve em encontrar o que deveria dizer, na Televisão, ao eleitorado. Uma análise de conteúdo sumária, a partir da gravação das suas intervenções, mostra que a palavra que mais repetiu foi «firmeza» e que a ideia que mais acentuou foi a de que «não basta legislar, é preciso governar com autoridade». Infelizmente, o registo sonoro não permite associar a voz ao registo enfático dos tiques faciais.

▼Outra constante das intervenções de Mota Pinto foi a repescagem do vocabulário dos seus interlocutores, testemunho da pobreza do seu vocabulário próprio: ao ouvir Mário Soares falar de «diagnóstico» e de «terapêutica», não resistiu a utilizar as mesmas imagens para falar da «crise» do País. Ao ouvir Álvaro Cunhal dizer que para os comunistas não há uma «fatalidade» de crise, logo recuperou a expressão. O dr. Mota Pinto devia conversar mais com o dr. António Capucho, para ter mais coisas originais a dizer.

▼Muito à vontade porque não pretende participar no executivo que sairá das próximas eleições (a não ser que uma «nova AD» nascesse vitoriosa em 25 de Abril), Lucas Pires deu largas a uma certa iconoclastia «irresponsável». Exemplos:

1) «O PS vai para o governo fazer o mesmo que fez antes; quando deixou de poder viver de impostos e de expropriações, passou a viver dos salários reais dos portugueses».

2) «Acho graça a que ainda acreditem num sistema falido que o PC inventou e que o PS e o PSD têm administrado» (...) «Aliás a social-democracia não é senão uma espécie de eurosocialismo».

3) «A Margarida Marante devia era perguntar quem é que são os ministros das Finanças do próximo governo para o PSD e para o PS».

4) «O Margarida Marante, então é o dr. Mota Pinto que tem autoridade sobre si?»

5) «O PSD parece que está a trabalhar para a estatística, com essa de só pretender ser o maior partido».

▼Depois de ter afirmado que a agressividade da CIP não representa o conjunto dos empresários e que a passividade das cúpulas da CGTP não representa o conjunto dos trabalhadores, Mário Soares foi interrogado por Margarida Marante sobre quem pretendia então assinar o «pacto social de progresso». Resposta de Soares: «A opinião pública é que pressiona os governos, e a sr.^a sabe-o muito bem como jornalista. Se a AD não conseguiu formar um governo foi porque tinha contra ela a opinião pública». Resta saber quem é que se vai sentar à mesa das negociações com Mário Soares, em nome da opinião pública.

▼Ainda sobre a mesma questão, a moderadora pediu a Soares que tirasse algumas consequências do facto de admitir que não era um personagem simpático para a CIP, para a CGTP e «muito menos para a CAP». Resposta do líder socialista:

«Por amor de Deus, do ponto de vista da simpatia é que não há nada a dizer...»

▼Álvaro Cunhal perguntou a Soares com que trabalhadores da CGTP ia ele assinar o pacto social, já que talvez não fosse com as cúpulas. Resposta de Soares:

«O sioutor está com medo de que eu lhe revolucione as bases?»

▼Disse Mota Pinto a Lucas Pires: «O PSD está muito no cerne da coisa portuguesa». Mais adiante, explicou também: «Nós, no PSD, quando ganharmos as eleições vamos para um Portugal ligado aos valores portugueses. Democrático, mas com firmeza e autoridade do Estado». Mota Pinto garantiu aos portugueses casa própria e rendas baixas, a juventude asfixiada primeiros empregos, aos reformados melhores reformas, «tudo sem demagogia».



Do outro lado do espelho, na maquilagem, Lucas Pires espreita um Mota Pinto pouco à vontade

legislativas 83

Pré-campanha hoje no Algarve, Alentejo e Ribatejo



Lucas Pires, admitido no «clube dos grandes», esteve à vontade durante todo o debate, e nos bastidores dele



Mota Pinto, Álvaro Cunhal e Adriano Morais participam hoje, respectivamente, em comícios no Algarve, Alentejo e Ribatejo, finalizando, assim, praticamente, as actividades pré-eleitorais, uma vez que o dia de amanhã será marcado por uma relativa pausa destas: Mário Soares passará o domingo recolhido na sua casa do Algarve. O PSD comunicou já que não desenvolverá qualquer acção de campanha devido à solenidade do dia, o CDS limitar-se-á a partir de Lisboa em direcção ao Porto, num autocarro-campanha, visto ser aquela cidade a escolhida para quartel-general do CDS durante os primeiros dez dias de campanha e a APU tem programadas algumas operações no distrito de Santarém.

Regressando ao dia de hoje, e no que respeita ao PSD, a sua agenda integra um comício que se realiza, a partir das 21 horas, no cinema de Tavira e no qual participam Mota Pinto, Cunha Dias e José Vitorino. O mesmo partido apresenta, às 15 horas, os candidatos sociais-democratas e o manifesto eleitoral do círculo de Bragança.

Por seu lado, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, percorre o Alto Alentejo, visitando sucessivamente Mora (14 horas), Estremoz (15 horas e 30 minutos), Borba (16 horas e 30 minutos), Vila Viçosa (17 horas e 30 minutos), Bencatel (18 horas e 30 minutos), Redondo e S. Miguel (19 horas e 30 minutos), encerrando a jornada com uma intervenção num comício, que terá lugar em Évora, às 21 horas, no Pavilhão do Rossio de S. Brás. A APU promove ainda hoje acções de pré-campanha nos distritos de Santarém e Coimbra, e no concelho de Sintra onde desde esta manhã, decorre uma jornada cultural.

Quanto ao CDS, as acções previstas para hoje são um comício, em Coruche, às 18 horas e 15 minutos, onde usará a palavra Adriano Moreira, Caldas de Almeida e Soares Cruz; num «convívio rock» com o agrupamento «Da Vinci», na Feira Nacional da Agricultura em Santarém, enquanto Lucas Pires se desloca à Régua, na sua qualidade de ministro da Cultura.

Também hoje o PS-Açores promove uma conferência de imprensa onde divulgará o seu manifesto eleitoral.

Campanha abre segunda-feira

A abertura oficial da campanha eleitoral, que tem lugar na próxima segunda-feira, terá diferentes expressões. Assim, enquanto o

PSD e o CDS têm, em agenda diferentes comícios, o PS optou por caravanas e sessões de esclarecimento e a APU por intervenções descentralizadas em diferentes distritos.

O Porto foi o local escolhido, pelo PSD, para o comício de abertura da campanha, que terá lugar no Coliseu daquela cidade, às 21 horas, e no qual usará da palavra Mota Pinto, Eurico de Melo, Nascimento Rodrigues, Montalvão Machado e Manuel Moreira.

Depois de ter descansado, durante o dia de amanhã, na sua casa do Algarve, Mário Soares integrará na segunda-feira, uma caravana do PS que, a partir das 8 horas, visita Portimão, Loulé, Lagos, Lagoa, Silves, Fábrica de Cimentos CISUL, Tavira, Olhão e Faro, onde o líder socialista intervém num comício, às 21 e 30, no cinema Santo António. O PS leva ainda a efeito, na segunda-feira, sessões de esclarecimento nos distritos de Portalegre, Évora e Lisboa, onde, pelas 21 e 30, terá lugar no Pavilhão Atlético de Moscavide, uma festa com a participação de Herman José, Paco Bandeira e Lena D'Água.

O CDS abre, pelo seu lado, a campanha eleitoral, com comícios em Aveiro e Lisboa, às 21 e 30, sendo os oradores, respectivamente, Lucas Pires e Adriano Moreira e Nuno Abecasis, Gomes de Pinho e Luís Beiroco. Os democratas-cristãos têm ainda sessões de esclarecimento programadas para Viseu e Évora.

A APU promove, durante segunda-feira, iniciativas nos distritos de Faro, Beja, Viana do Castelo, Santarém, Coimbra, Aveiro, Porto e Castelo Branco. No Porto, a APU promove no circo «Povo Unido», instalado na Avenida Fernão de Magalhães, uma noite de jazz com o quarteto António Pinho Vargas.

Quanto ao PPM irá iniciar a sua campanha com a pintura de um mural, em Lisboa, e uma colagem de cartazes, por todo o país, com a legenda «um só povo, uma só terra». O PCTP/MRPP apresenta, por seu lado, o seu programa eleitoral, durante uma conferência de imprensa a realizar na segunda-feira.

Também no próximo dia quatro se «inauguram» os tempos de antena na RTP, que terão a sua estreia com a OCMLP, UDP/PSR e MRPP.

Quanto ao dia de ontem, sexta-feira, ele foi preenchido com um almoço de Mário Soares com ecologistas, uma sessão de esclarecimento da APU na Amadora e uma conferência de imprensa do PC(R).

Candidatos do POUS detidos em Odivelas

A Polícia deteve, cerca das zero horas de ontem em Odivelas, arredores de Lisboa dois candidatos do POUS, disse um porta-voz do partido. A detenção ocorreu sem qualquer explicação e durou perto de uma hora — referiu a mesma fonte.

Os dirigentes do Partido Operário de Unidade Socialista José Manuel Catarino, cabeça de lista por Aveiro, e José Luís Mendes, quarto candidato pelo círculo de Lisboa — acrescentou — foram detidos por uma patrulha da PSP nas ruas de Odivelas, quando juntamente com outros militantes, se preparavam para encerrar a actividade da pré-campanha.

«Sem qualquer explicação e depois de ambos se terem identificado e declarado a sua qualidade de candidatos às eleições legislativas pelo POUS, a patrulha, comandada por um subchefe, conduziu-os, pela força, à esquadra de Odivelas, onde os reteve durante mais de uma hora» — afirmou o porta-voz.

«O único arremedo de explicação ouvidona esquadra — declara o POUS — referiu-se a que «são proibidos ajuntamentos de mais de três pessoas».

A comissão nacional do POUS anunciou que apresentará um protesto competente na Comissão Nacional de Eleições.

Luís Humberto Marcos

Dos bastidores ao ecrã

Muitas questões ficaram sem resposta

Quinta-feira, 23.03. Os rostos «maquilhados» dos líderes tinham acabado de desaparecer nos «ecrãs». No estúdio, Mário Soares, Mota Pinto, Álvaro Cunhal e Lucas Pires arrumam os apontamentos. Se os primeiros fazem contas, os segundos parecem satisfeitos. Álvaro Cunhal e Lucas Pires nada tinham a perder e não perderam: Mota Pinto e Mário Soares estavam apostados em «ganhar» e terão ficado aquém das suas próprias expectativas.

Promessas todos tinham feito. Apelos também. Mas o mais mendigante de votos foi, sem dúvida, o líder socialista.

Fogo cruzado também houve algum, mas Lucas Pires esteve mais preocupado em «disparar» para a sua esquerda (Mota Pinto) do que em frente. De resto, Lucas Pires esteve para Mota Pinto (em físgadas) como Álvaro Cunhal não chegou a estar para Mário Soares e vice-versa.

ARRUMADOS os «dossiers», cada um dos líderes deu impressões ao «DL». «Foi um debate bastante esclarecedor» — diz-nos Mário Soares que considera ter conseguido demarcar-se o suficiente do PSD para conquistar o eleitorado. (Quem sentiu essa demarcação?). Que «não houve alterações substanciais das posições dos partidos», opina Lucas Pires. Ainda acha possível reconstruir a AD depois da forma como decorreu o debate? Ao líder centrista não falta optimismo: «Não se perdeu nada daquilo que se poderá vir a fazer no futuro».

Para Álvaro Cunhal, o debate «pode ter contribuído para o esclarecimento de muitas questões». Mota Pinto prefere fugir à apreciação para sublinhar que «a nossa força não resulta de operações de «marketing», mas da nossa colocação equilibrada no espectro político português».

Contava o líder social-democrata com a forma dos ataques de Lucas Pires?

— Não sei... não faço comentários. A nossa posição é de grande equilíbrio no espectro...

— Mas, vindo como vieram de um parceiro da AD não beliscaram demasiado... (insistimos)

— Não quero fazer comentários... Estamos em pré-campanha eleitoral e...

Seguindo atrás de Mário Soares, Mota Pinto encaminhou-se para a sala da maquilhagem. Depois, Lucas Pires, por fim, Álvaro Cunhal. Se tenso estava, tenso continuou o lente de Coimbra enquanto, diante dos

espelhos, Soares, Cunhal e Pires gozavam da operação cosmética que os repórteres fotográficos não perdiam, disparando sucessivamente. Cunhal manifesta-se contra o aproveitamento. Fala em «maldade fotográfica» e desabafa: «Estas situações têm piada, sobretudo quando são os outros». Todos riem, descontraindo, menos Mota Pinto que tenta descansar do desgaste, reclinando-se para trás, de olhos fechados.

Soares despacha-se cedo. Cunhal é o último, preterido que foi por uma funcionária em relação a Mota Pinto. As 21.15 já todos tinham abandonado as instalações da RTP.

Os primeiros e o último

Mas vamos ao começo. Vinte minutos antes do programa ir para o ar já os quatro líderes estão sentados diante das câmaras. Mário Soares e Álvaro Cunhal foram os primeiros a chegar. Trocaram informação sobre sondagens e até foi deles que se ouviu a gargalhada mais forte antes do programa começar.

Só o líder comunista precisou de estimulante: foi o único a servir-se da rodada de cafés que passa pelo estúdio. Enquanto isso, Margarida Marante define as linhas do programa, diz que não vai fazer muitas perguntas e refere-se aos tempos previstos para cada um (vinte minutos). Onde estão os cronómetros? — quer saber Mota Pinto. Não es-

tavam à vista.

Lucas Pires foi o último chegar ao estúdio, mas o primeiro a abrir os seus «dossiers». «Bateu» Álvaro Cunhal que, só depois de Soares e Mota Pinto, puxou calmamente da sua pasta preta cheia de elementos. Seria, todavia o líder comunista a fazer maior uso deles ao longo do debate.

Quinze minutos antes do início da «1.ª Página»: ordem de saída do estúdio para todos os jornalistas e assessores dos líderes. Outra sala nos estava reservada. Nos intervalos, nem os assessores chegaram ao pé dos seus líderes, ao contrário do que acontecera noutras ocasiões.

O debate

A crise económica o «consenso social» e as perspectivas de alianças pós-eleitorais foram os grandes temas do debate. Álvaro Cunhal abriu-o, Lucas Pires, encerrou-o.

Sobre a crise económica, as diferenças de posição estiveram mais nas terapêuticas do que na radiografia. Vai agravar-se o poder de compra dos portugueses? — a questão que toda a gente queria saber. Ficou a promessa geral: «não».

Logo na abordagem deste primeiro tema, Lucas Pires, causa espanto. Deita para cima do PCP, do PS e do PSD a responsabilidade da crise. Faz de conta que não houve AD e o CDS não «existiu». É claro que Mário Soares não poupou o líder centrista, mas Mota Pinto preferiu começar com um discurso de quem quer estar acima das «tricas» partidárias. Não considera a crise uma fatalidade, fala em autoridade e firmeza e atribui ao «pão» Gonçalvismo) a grande responsabilidade pela crise. Refere-se ao sector público como um «enorme fiasco». Mais tarde, Álvaro Cunhal em análise comparada, diria com números concretos, que o sector público tem tido melhores índices, quer na criação de emprego, quer no Valor Acrescentado Bruto, por trabalhador.

No termo desta discussão: a lei da delimitação dos sectores. Mota Pinto acusa o PS de a ter recusado na AR e de estar agora a acenar aos industriais. Soares: «era má, mas pode ser boa, e nós vamos fazê-la».

Consenso social. Mário Soares, Lucas Pires e Mota Pinto expressam posições de defesa idênticas. Álvaro Cunhal, taxativo: «O pacto social é uma coisa velha, não tem nada de novo». O líder centrista recusa a paternidade da ideia a Soares e promete-lhe um livro. Depois acusa o PS e o PSD de estarem «a fazer a promiscuidade». «Não sei se são o braço político da UGT, se esta é o braço sindical de ambos». De resto a intenção de Lucas Pires em juntar sempre o PS ao PSD para poupar um interlocutor foi bem visível: «Social-democracia é, afinal, um euro-socialismo».

Nada claro foi o líder socialista quanto à forma como há-de chegar ao «consenso social». Soares «acredita» no bom-senso do povo, mas ao dizer que as cúpulas quer da CIP quer da CGTP não representam totalmente as bases deixa no ar a impossibilidade do «pacto».

O «golpe de Estado»

Alianças pós-eleitorais. Nenhum dos líderes especificou qual o governo possível depois das eleições, caso nenhum dos partidos obtenha a maioria absoluta. Se Mário Soares confirmou a intenção de aliança com o PSD, já Mota Pinto estendeu a aliança ao CDS, hipótese que Lucas Pires recusou peremptoriamente. «Seria uma solução de partido único democrático». O líder centrista prefere aguardar para depois, «sobre os escombros do bloco central, reconstituir a AD».

Foi nessa altura que Lucas Pires mais assustou as baterias sobre Mota Pinto. «O ter-se abandonado a AD, é já um insucesso eleitoral». Responsável: O PSD. Mais: «O abandono da AD foi o maior trunfo dado ao PCP depois de 1975». Não percebendo as hesitações do PSD, o líder centrista acusa Mota Pinto de «estar quase a propor um golpe de Estado». E esclarece: «O que está em causa não é saber qual vai ser o Primeiro-Ministro, mas qual o projecto para a sociedade portuguesa».

No final, uma conclusão: não é diante das câmaras da TV que os políticos abrem todo o jogo.

legislativas 83

O "DL" convida dois correspondentes em Lisboa a comentarem o debate de quinta-feira santa

Pequenos partidos comentam o debate

Quase todos os pequenos partidos participantes nas próximas eleições manifestaram-se negativamente sobre o balanço das declarações feitas pelos quatro líderes na TV.

Para Borges de Carvalho (PPM), Álvaro Cunhal foi o 'fóssil', Mário Soares o 'vazio', Mota Pinto o 'desastre' e Lucas Pires o 'fácil'.

Um dirigente do POUS disse à ANOP que o que ficou do debate foi «a imagem clara de derrota e desmoralização do PSD e CDS». Quanto a Soares e Cunhal, o POUS afirma que ambos «reafirmaram não querer assumir o poder para a maioria PS-PCP como os trabalhadores exigem».

Segundo a UDP todos os dirigentes escolheram «uma falsa receita milagreira». Aproveitando a oportunidade, Carlos Marques disse à ANOP compreender «por que razão a UDP foi ilegal e arbitrariamente impedida de participar no debate», porque se lá estivesse diria que a resolução da crise passa por outros caminhos: retirar aos ricos os grandes lucros e suspender o pagamento de dívidas ao estrangeiro.

Para o PSR, «as coisas novas surgidas eram velhas». Por isso o debate reforça «a convicção da necessidade de correr com a direita do poder e eleger deputados revolucionários do PSR e da frente eleitoral UDP/PSR, para defenderem intransigentemente os verdadeiros interesses dos trabalhadores».

Referindo-se ao debate, a LST disse também à ANOP que «um futuro governo PS-PSD será tão negativo para os trabalhadores como foi o governo PSD-CDS». Por sua vez, o PC(R) considera que o debate revelou que os partidos da AD «são os principais responsáveis da situação em que o país se encontra, enquanto procuram alijar as suas responsabilidades, limitando-se a repetir as suas já estafadas receitas que se resumem à iniciativa privada e a uma política de autoridade, leia-se repressão, sobre os trabalhadores».

Para o PCTP/MRPP, o debate foi «a pública demonstração da falência da democracia parlamentar burguesa e dos seus partidos». Segundo o dirigente ouvido pela ANOP, os quatro intervenientes procuraram «um cheque em branco do eleitorado, para depois desfecharem toda a sorte de manobras contra o povo».

José Rebelo/Correspondente do "Le Monde" em Lisboa

Valeu pela expectativa



A emissão valeu a expectativa. É raro que os líderes dos quatro maiores partidos portugueses se reúnam, publicamente, com o propósito de confrontar as respectivas opiniões. Só que não houve, praticamente, confronto. Tratou-se, apenas, de um conjunto de declarações separadas por alguns intervalos destinados à publicidade.

Dois grandes temas estiveram no centro do «debate»: a situação económica e a política de alianças.

Relativamente ao primeiro, poucas novidades surgiram. Destaque, no entanto, para o tom com que Mário Soares apresentou as suas «cem medidas para os cem primeiros dias de governo socialista». O documento estava ali. Mesmo à mão. E foi exibido diante das câmaras. Um documento que contém tudo: o diagnóstico e a terapêutica. Infalível e de fácil aplicação. Basta que o eleitorado acredite e, em 25 de Abril, conceda uma maioria ao PS.

Destaque, também, para o facto de ninguém ter defendido a gestão económica levada a cabo pelo governo da Aliança Demo-

crática no decurso dos dois últimos anos. Os representantes dos partidos até há pouco membros da AD manifestaram, não há dúvida, um objectivo comum: o de «enterrar» o mais depressa possível essa herança indesejável. De notar a tese curiosa exposta por Mota Pinto. É que, explicou, o ano da grande recuperação económica, aquele em que, pela primeira vez, a balança de transacções correntes apresentou saldo equilibrado foi, exactamente, o ano em que ele exerceu as funções de primeiro-ministro. Quem se lembraria de tal? De certeza que Vítor Constâncio, no caso de ter assistido ao programa, ou gracejou pachorrentemente ou não digeriu o jantar.

Destaque para o didactismo de Álvaro Cunhal ao comparar o nível de vida em 1975 com o de 1982. Com o salário mínimo de 1975 comprava-se muito mais bacalhau e muito mais batatas. Já se, muito mais vezes, de Lisboa a Casilhas. Conseguia-se pagar um bilhete de comboio de Lisboa a Coimbra. Sete anos mais tarde, o salário mínimo permitia, apenas, viajar até Pombal. Esta defesa intransigente do regime que vigorou em 1975 pode ter tido, porém, efeitos contraproducentes. Em 1975, numerosos foram os por-

tugueses que se sentiram libertados. Que se manifestaram. Que pensaram ser possível construir um país novo. Certo. Só que tudo isso se paga. Quando se desencadeia uma dinâmica revolucionária acontece sacrificar-se a balança de pagamentos, o Produto Interno e todos os demais indicadores habilmente manejados pelos economistas. As prioridades são outras. E valem ou não valem consoante a posição, à partida, de quem se pronuncia sobre os acontecimentos. Pretender-se que 1975 tenha sido um ano de prosperidade económica afigura-se exagerado. Ou, pelo menos, contraditório.

Uma referência, enfim, para a perspectiva económica desenvolvida por Lucas Pires. Desilusão. Lucas Pires perdeu as qualidades que faziam dele um jovem líder. Será, quanto muito, um líder jovem se se atender a que a sua nomeação como primeira figura do CDS é recente. Perdeu irreverência. Ousadia. Sarcasmo. Pareceu querer assumir um discurso que não é o seu. Lição mal aprendida? O liberalismo «a outrance» que preconizou já não é defendido por ninguém. Nem por Ronald Reagan.

Quando os intervenientes abordaram a última parte do programa deveriam ter trocado

de lugares. Dum lado Mário Soares e Mota Pinto.

Do outro Álvaro Cunhal e Lucas Pires.

Dos primeiros, o mais claro foi o secretário-geral do PS. Alianças com quem? Nunca com o PCP. Dos partidos restantes reconheceu ser o PSD aquele que mais se aproxima dos seus objectivos programáticos.

Al está: no mesmo dia em que a UEDS anunciava a sua oposição a uma coligação PS-PSD, Mário Soares vem sugerir o contrário. Tensão à vista? Ou preparar-se-á a UEDS para concorrer com os monárquicos na deglutição de paquidermes vivos?

Mais discreto, ou mais embaraçado, Mota Pinto começou por idealizar uma situação em que o PSD e o CDS dispõem de maioria absoluta. E constituiriam governo. Vá lá, vá lá, que, no domínio das hipóteses académicas, o dirigente social-democrata poupou os telespectadores a um outro cenário: aquele em que o PSD conseguiria obter uma maioria absoluta...

Na impossibilidade de se formar um governo PSD-CDS, Mota Pinto propõe uma «convergência democrática» a três. Com o PS. A fórmula não é nova. O seu autor foi Sá Carneiro. Na altura o PS recusou-a. Que razões poderiam levar Mário Soares

admiti-la alguns anos mais tarde? Afastada a segunda possibilidade restaria a Mota Pinto pronunciar-se sobre o modelo evocado pelo líder socialista. Não o fez. Governo PS-PSD? A resposta é adiada para depois das eleições. Será talvez positiva se o PSD não descer muito. Será, talvez, negativa se o PS se afastar demasiado. Por outras palavras: Mota Pinto dispôs-se a negociar um lugar de vice-primeiro-ministro. Mas declinará uma oferta para regressar a um qualquer ministério do comércio.

Já que para Álvaro Cunhal e Lucas Pires, a guerra é outra. Um e outro procurarão tirar dividendos duma solução governamental que os excluirá. Significativamente, ambos apresentaram Mário Soares e Mota Pinto como estando já envolvidos num terno e apertado abraço. Mais explicito, Lucas Pires referiu-se, mesmo, a uma «nova AD» que, dirigida pelo CDS, renasceria dos escombros da experiência «burocratizante» tentada por socialistas e sociais-democratas.

Uma «nova AD»? Ao calor da lareira, numa vivenda perdida em pleno pinhal da Quinta da Marinha, alguém sentiu, de súbito, um calafrio.

JR

Eduardo Monteiro/Chefe de redacção da Agência France Presse

A crise eclipsou os partidos



A desgraça irmana as pessoas. A crise nacional parece que uniformizou a linguagem dos líderes políticos e o programa dos partidos. Era caso para dizer abençoada crise que os salvou do orgulho partidário, se o tal consenso, pacto social, ou concertação de que falam os partidos, e se a política de alianças que pretendem fazer depois das eleições fossem tão certos como a desvalorização do escudo ou o aumento do custo de vida.

Os portugueses que passam este ano a Páscoa em tempo de campanha eleitoral reagiram por certo a esta mudança de tom e não terão estranhado que não surgissem autoproclamados salvadores nacionais durante o debate que reuniu, na quinta-feira à noite, na Televisão, os líderes dos quatro principais partidos políticos.

Foi um debate sem história e frustrante para aqueles poucos que esperavam a poção mágica para a saída da crise. Foi morno, elegante e sem acutilância, à volta de consensos evidentes e de divergências, na maior parte

das vezes formais, com uma incursão ou outra mais controversa ao passado no intuito evidente de assacar culpas ou buscar coroas de louros.

Mas só a crise foi a vedeta da noite, acompanhada do seu cortejo de taxas de inflação, de desemprego e de cifrões da dívida externa. Os líderes partidários, que já há muito vêm repetindo, pelos quatro cantos do País do que não há soluções milagrosas falaram de diagnósticos e de terapêutica em ambiente asséptico. Ali, no pequeno ecrã, envenenados ou remojados uns, subitamente amadurecidos outros, entraram-nos pelo serão dentro com o mesmo cuidado inicial com que posaram para as fotografias dos cartazes da campanha eleitoral que começam a cobrir as paredes e os «placards» publicitários do País.

Só que a Televisão tem as suas leis e os seus milhões de fiéis e, mais do que o programa que se defende, conta a maneira como ele é defendido pela imagem, pela linguagem, pela presença diante das câmaras. No final fica uma impressão difusa de antipatia ou de simpatia televisiva e que na grande maioria das pessoas tem normalmente pouco a ver com a erudição e o

bom fundamento dos argumentos invocados pelos intervenientes no programa. Neste campo restrito, sem levar pois em linha de conta as tomadas de posição ideológicas se perguntarmos a opinião dos que assistiram ao debate numa pequena sondagem é possível que sobressaia em grandes traços um quadro que não estará longe do que fazemos a seguir.

Mota Pinto apareceu inseguro, ressentindo-se no fio lógico do seu raciocínio dos apertados e interrupções que regra geral são o condimento dos diálogos entre Mário Soares e Álvaro Cunhal. Além do mais durante a emissão o líder do PSD não conseguiu assumir o comedimento verbal e gestual que na sua nova imagem sucedeu à exaltação e à espontaneidade que caracterizou as intervenções televisivas do ex-primeiro-ministro do presidente Eanes.

Mário Soares tirou habilmente proveito da sua longa experiência nestas andanças televisivas. Fazendo apelo ao «bom senso inato do povo português, que sabe quem é tolerante e quem tem coragem nos momentos difíceis», identificou-se sem artifi-

cios de imagem, por uma simples tirada, a esse povo, a essa tolerância, a esse bom senso bonacheirão. Sentado ao lado de Álvaro Cunhal, fez a ponte para o «lado de lá» afirmando que «obviamente, o partido político que lhe fica mais próximo é o PSD» e fez um apelo final ao eleitorado de esquerda. Lucas Pires não utilizou com felicidade a imaginação e o metafórismo que já o tornaram conhecido. É o único líder que tem uma linguagem nova, ágil, capaz de tirar efeitos fáceis e de ganhar pontos num debate em que as ideias sejam expressas em velhas fórmulas. Com alguma falta de segurança, ainda mais ministro da Cultura da AD do que líder do CDS, fez, em dado passo, apelo à autoridade (que reclama para o futuro Governo) da moderadora do debate para poder utilizar convenientemente o seu tempo de palavra. Com o seu novo ar, mais maduro e compenetrado procura talvez fazer com que a sucessão da liderança majestática de Freitas do Amaral se opere aos olhos do eleitorado centrada de maneira mais suave, perdendo para isso muito do seu comportamento de «enfant terrible». Finalmente, Álvaro Cunhal mostrou a mesma vivacidade de

sempre com mais cabelos brancos, também sempre sozinho contra todos no «ghetto» que assumiu, esgrimindo os seus argumentos até à exaustão. Foi no entanto, o único que desceu ao quotidiano da dona de casa, exemplificando a descida do poder de compra com o concreto do preço da batata, do bife e do carapau.

Durante a campanha eleitoral os líderes vão arejar esta imagem por todo o País, completando-a, beneficiando-a, respondendo a críticas, atacando, tentando ganhar a confiança do eleitorado e motivar a legião dos indecisos e dos desencantados.

Se há uma lição que os «quatro grandes» devem tirar do debate televisivo, ela passa necessariamente pelo bom senso de uma dona de casa que na sexta-feira desabafava na praça: «Quando a despesa está cheia, qualquer cozinheira faz bons pratos. Ontem na única coisa em que eles estiveram de acordo foi quando anunciaram que temos a despesa vazia. Casa onde não há pão...».

E.M.

legislativas 83

Economia portuguesa em vésperas de eleições

Desequilíbrio das contas externas problema número um para os partidos

O desequilíbrio das contas externas da economia portuguesa é o principal problema que o Governo que sair das eleições de Abril terá de enfrentar a curto prazo, para evitar um agravamento da dívida externa.

O défice da balança de transacções correntes, depois de ter sido praticamente insignificante em 1979 (50 milhões de dólares), tem crescido rapidamente, atingindo 1,3 mil milhões em 1980, 2,6 mil milhões em 1981 e ultrapassou os três mil milhões de dólares no ano passado.

O agravamento do défice da balança de transacções correntes deve-se à conjugação de vários factores, particularmente os efeitos em Portugal da crise económica internacional, os três anos consecutivos da seca e a dificuldade dos Governos na adaptação da política económica portuguesa à conjuntura internacional.

A conjuntura internacional foi particularmente negativa para Portugal em virtude da forte valorização do dólar nos últimos anos e da subida das taxas de juro, agravando os encargos com a dívida externa.

A valorização do dólar encareceu um conjunto de produtos essenciais que Portugal importa e cujos contratos são expressos em dólares como é o caso da factura petrolífera (180 milhões de contos em 1982) e dos cereais.

Os anos de seca que já decorreram foram responsáveis por um acréscimo de importações de electricidade e por uma maior utilização de fuel óleo nas centrais térmicas, o que custou ao País cerca de 40 milhões de contos.

Além destes factores, vários economistas consideraram que os diferentes Governos permitiram uma expansão excessiva do consumo nomeadamente em 1981, o que constituiu um factor de pressão sobre as importações, tendo sido tardias as poucas medidas tomadas.

Turismo e emigração

O contínuo crescimento das

importações não foi compensado com igual tendência das exportações, pois os produtos portugueses sentiram dificuldade de penetração nos mercados internacionais, nomeadamente nos europeus, fruto de uma série de medidas proteccionistas adoptadas pelos países principais parceiros comerciais de Portugal.

Em 1981 as exportações cresceram cerca de 10 por cento e em 1982 apesar de terem aumentado 7 por cento em volume verificou-se uma estagnação na entrada de divisas (valor expresso em dólares), o que significa uma degradação no valor unitário das exportações portuguesas, ou seja, venderam-se maiores quantidades de mercadorias pelo mesmo número de dólares (principalmente devido à depreciação do escudo em relação a esta moeda).

Outros elementos de degradação das contas externas são a queda das receitas do turismo e a tendência para a estagnação ou mesmo decréscimo das remessas dos emigrantes.

Nos primeiros 11 meses de 1982 as receitas do turismo ascenderam a 787 milhões de dólares, quando em idêntico período de 1981 atingiram 943 milhões, o que significa um decréscimo de 16,5 por cento.

No mesmo período as remessas dos emigrantes atingiram 185 milhões de contos contra 158 milhões nos primeiros 11 meses de 1981, crescimento nominal de 17 por cento, insuficiente para compensar a valorização do dólar relativamente ao escudo (20 por cento em 1982).

O défice da balança de transacções correntes (239 milhões de dólares nos nove primeiros meses de 1982) e o défice dos rendimentos de capitais em virtude da transferência das remunerações dos capitais estrangeiros investidos em Portugal (798 milhões de dólares no mesmo período) também são rubricas com peso significativo.

Balança comercial

No entanto, o factor determinante do desequilíbrio da ba-

lança de transacções correntes é o défice da balança comercial que, em 1982, deverá rondar os 5,5 mil milhões de dólares (foi de 3978 milhões nos nove primeiros meses do ano).

Este défice já é um factor fundamentalmente de natureza estrutural, que tem um relacionamento directo com a deficiente estrutura produtiva da agricultura portuguesa e com a forte componente importadora de muitos produtos portugueses exportados.

Os têxteis, por exemplo, representam 30 por cento das exportações mas as empresas portuguesas importam grande parte da matéria-prima, compram no estrangeiro as máquinas e, praticamente, só incorporam no produto mão-de-obra mais ou menos especializada, conforme os produtos.

O Governo que sair das eleições terá uma conjuntura externa mais favorável do que nos últimos dois anos, em virtude da queda dos preços do petróleo que permitem a Portugal poupar entre 20 milhões e 30 milhões de contos, mantendo a factura petrolífera ao nível de 1982.

As taxas de juro nos mercados internacionais encontram-se a níveis inferiores a 10 por cento, quando em 1981 chegaram a atingir os 20 por cento nos Estados Unidos, o que significa um crescimento moderado dos encargos com a dívida externa.

Em contrapartida o dólar continua a valorizar-se relativamente ao escudo, tendo esta semana ultrapassado os 99 escudos e sendo previsível que, a curto prazo, atinja o valor de cem escudos.

Este factor vai eliminar parte substancial dos benefícios resultantes da queda dos preços do petróleo e de outros bens essenciais importados, como também tem acontecido com os cereais e matérias-primas para a indústria.

Dívida externa

Os sucessivos défices da balança de transacções correntes conduziram a uma duplicação da dívida externa portuguesa nos últimos três anos, atingindo, actualmente, 13 mil milhões de dólares, dos quais 28 por cento correspondem ao vector de curto prazo.

Dos cerca de nove mil milhões de dólares da dívida de médio e longo prazo Portugal tem de pagar, este ano, 13 por cento (1,7 mil milhões), 15 por cento em 1984 (1,35 mil milhões de dólares) e 14 por cento em 1985 (1,26 mil milhões).

A conjugação da dívida de curto prazo (cerca de 3,6 mil milhões de dólares) com o serviço da dívida externa (juros e amortizações) que ascende a 2,47 mil milhões, verifica-se que Portugal tem de pagar este ano mais de

seis mil milhões de dólares ao estrangeiro.

Estes pagamentos não significam recurso ao crédito externo na medida em que a dívida de curto prazo é representada quase na totalidade por créditos comerciais e o País tem outras fontes de receitas.

Para este ano, o Governo previu o recurso ao crédito externo no valor de 2,1 mil milhões de dólares, nível previsto para o défice da balança de transacções correntes, sendo 650 milhões a contrair, directamente, pela República e o restante através das empresas e do Banco de Portugal.

As principais forças políticas, à excepção do PCP, são unânimes em considerar que o desequilíbrio externo deve ser o objectivo central da política económica do país no curto prazo, apesar de se reconhecer a existência de outros objectivos importantes.

Nos primeiros dois meses deste ano a taxa de inflação atingiu 6,2 por cento e, nos últimos cinco anos, a inflação foi superior a 20 por cento, à excepção de 1980, o que constitui um factor de degradação da competitividade dos produtos portugueses no estrangeiro, sendo compensada com a desvalorização do escudo (1 por cento ao mês).

A taxa de desemprego oficial situa-se nos 8 por cento da população activa e o défice do sector público, que atinge 11 por cento do produto interno bruto, só tem comparação na Europa com a Itália e a Irlanda.

Além de todos estes problemas, Portugal não tem um plano de desenvolvimento económico e social a médio e longo prazo.

PS: estabilização financeira e diálogo social

Um plano de estabilização financeira a aplicar de imediato e um acordo social de desenvolvimento são as propostas principais da política económica de curto e médio prazo do Partido Socialista.

O secretário-geral do PS Mário Soares, vem fazendo um diagnóstico extremamente negativo da situação económico-financeira do País, considerando que a gestão dos governos da AD deixa Portugal destruído.

O PS considera que a AD não deixou ao País a possibilidade de discutir os caminhos do seu desenvolvimento, pois a preocupação imediata deve ser «encontrar os meios de pagar as dívidas», como afirmou Soares numa conferência de Imprensa no início do mês de Março sob o lema «a verdade sobre a crise».

Dirigindo-se aos empresários na Feira Internacional de Lisboa a convite da Associação Industrial Portuguesa, Mário Soares frisou a necessidade de implementação de um programa de

estabilização para combater o défice da economia.

Os défices da balança de transacções correntes e das contas públicas são os desequilíbrios fundamentais a corrigir no curto prazo considerando os socialistas que a situação de endividamento externo herdada pelo próximo Governo, qualquer que ele seja, obriga a adopção de medidas restritivas e muito duras.

Terapêutica de choque

O discurso de política económica do Partido Socialista tem-se baseado nas dificuldades financeiras do País e nos sacrifícios que a terapêutica necessária aos saneamento financeiro vai exigir das populações.

Além da estabilização financeira, o PS defende a necessidade de agir sobre a estrutura produtiva, para aumentar a produção e o investimento e tornar duradouro o reequilíbrio das contas públicas.

cientemente definidos, como é a correcção dos excessos das nacionalizações e das expropriações «sob o ângulo da desproletarização».

Por outro lado, o PSD tem insistido em objectivos que defende há anos, como a necessidade de revisão das leis laborais, tornando-as mais flexíveis para dar confiança aos empresários e criar empregos.

O papel do Estado e a delimitação dos sectores económicos dominam as principais declarações dos líderes sociais-democratas, nomeadamente a intervenção de Mota Pinto aos empresários na Feira Internacional de Lisboa.

CDS: liberalismo acima de tudo

Um maior liberalismo económico e um funcionamento mais adequado ao mercado para melhor utilizar os recursos nacionais são os objectivos económicos centrais do programa eleitoral do CDS.

Os centristas frisam que a situação existente no Plano das contas externas e a inflação obrigam a que aquela «orientação básica, reformista e liberalizadora, seja graduada com as necessidades de estabilização da conjuntura, orientada para a contenção da dívida externa e para a redução da inflação».

O programa eleitoral do CDS encontra-se dividido em três grandes áreas, sendo uma intitulada «a liberdade económica». O liberalismo económico é assim a filosofia que orienta o programa do CDS.

«Conservadorismo desumanizante»

No plano global, o programa do PSD defende para a economia portuguesa uma «socialização desproletarizante» em contraponto com a «socialização estatizante» e constituindo um «contrapoder imprescindível face ao conservadorismo desumanizante».

O desequilíbrio externo da economia portuguesa, expresso por um défice superior a três mil milhões de dólares na balança de transacções correntes em 1982, também constitui para o PSD preocupação central da política económica a curto prazo.

«Nas taxas de juro, nos preços, na exportação, na importação, em toda a actividade económica impera uma exagerada intervenção administrativa que distorce e prejudica a plena eficácia das regras do mercado» — afirma o manifesto eleitoral.

A estratégia económica do partido privilegia a reforma das estruturas em ordem a uma maior liberdade económica e a um mais adequado funcionamento do mercado.

O CDS aponta dois objectivos concretos e fundamentais na actual conjuntura económica: combater a inflação e conter o crescimento da dívida externa.

O primeiro objectivo visa salvaguardar o poder de compra dos trabalhadores e dos titulares de rendimentos fixos e as reservas das empresas para investi-

mento, favorecer o investimento produtivo e evitar o especulativo, incentivar a criação de empregos e diminuir os desequilíbrios e as injustiças sociais.

Liberdade e solidariedade

O CDS parte do princípio de que a crise existente resulta da implementação de modelos socialistas, pelo que terá de ser aplicada uma filosofia diversa para a saída, o que implica a «reconstituição dos equilíbrios económicos

fundamentais como case de partida e de reciperação».

A liberdade e a solidariedade na economia são palavras abundantes no discurso de política económica, do CDS, bem como a recusa de modelos socialistas ou socializantes.

«É da conjugação da autoridade, da solidariedade e da liberdade que se pode obter também uma moralização da nossa vida económica e o fim dos privilégios injustos de alguns» — frisa o CDS.

PCP: crescimento e redução do desequilíbrio

Um maior crescimento económico, a redução progressiva do desequilíbrio externo e a melhoria das condições de vida material do povo são os vectores essenciais da política económica defendida pelo PCP.

Carlos Carvalhas disse à ANOP que para o desenvolvimento económico do País é necessária uma política económica diferente da que tem sido implementada nos últimos anos, marcadamente monetária, para além de recusar a integração na CEE propondo a diversificação das relações externas.

Os três vectores essenciais da política económica alternativa que o PCP defende «são compatíveis, complementares e indissociáveis» — disse Carvalhas, que considera que a redução do desequilíbrio externo não resulta do manuseamento dos instrumentos monetaristas, antes será uma consequência de uma polí-

tica económica global, que resolva os problemas estruturais, com forte componente de capitais estrangeiros, que o modelo exportador tem agravado.

Contra o «modelo exportador»

O modelo exportador conduz à redução do consumo, à estagnação da produção e à sobrevalorização das medidas financeiras, tornando o País dependente de meia dúzia de mercados — considera o PCP.

A alternativa apontada pelo PCP consiste na dinamização de todos os sectores económicos do País, apostando numa forte componente de substituição de importações, produzindo em Portugal muito do que se importa.

O PCP considera fundamental a queda das taxas de juro para aumentar o investimento e diminuir a inflação.

PSD: «a socialização desproletarizante»

Uma reforma fiscal com sentido redistributivo é um dos vectores mais concretos do programa económico proposto pelo PSD aos eleitores. Nesse programa sobressai também a curto prazo a necessidade de reduzir o

defice das transacções correntes.

O Partido Social Democrata introduziu ao nível do debate da política económica alguns conceitos pouco comuns em Portugal e de contornos ainda insu-

Faro • Faro • Faro • Faro • Faro • Faro • Faro

Peso da Esquerda é cada vez maior

Faro é de todos os distritos do País aquele onde o PS se encontra mais solidamente implantado e com a sua força eleitoral bem distribuída geograficamente. Nas últimas autárquicas, exceptuando o caso de Vila Real de Santo António, as suas votações situaram-se sempre acima dos 30 por cento em todos os outros concelhos, para atingirem um máximo de 55,2 por cento em Portimão. Por outro lado, pertencem-lhe 11 das 16 camaras do distrito. Esta situação torna os socialistas como o alvo de todas as outras forças políticas. É ali que todos têm que ir buscar votos. Mas a fortaleza do PS, podendo eventualmente abrir pequenas brechas em relação à APU, parece-nos inexpugnável para os partidos à sua direita.

A APU aparece hoje como a segunda força do distrito, enquanto o CDS tem revelado até agora uma fraquíssima implantação.

Do ponto de vista social e económico, o distrito de Faro, que corresponde a uma região bem definida, apresenta fortíssimas assimetrias.

Na zona da serra algarvia, subdesenvolvida e atrasada, arasta-se penosamente uma agricultura de subsistência, num terreno xistoso e pobre, em franco processo de desertificação. Ali habita um quinto da população algarvia.

Na zona intermédia, conhecida por zona do barrocal, e que marca a transição dos xistos da serra para o litoral, desenvolve-se toda uma actividade baseada nos frutos secos algarvios, que tiveram peso importante na economia do Algarve, mas se encontram presentemente em grave crise.

A zona litoral é a mais próspera. Domina o turismo, que teve uma explosão incontrolada e corre o risco de entrar num processo de autodestruição se não forem tomadas medidas, designadamente no que diz respeito ao meio ambiente e à defesa da zona de costa.

A pesca é outra actividade de grande importância, e no litoral se situa também, praticamente, a pouca indústria que existe no Algarve.

Globalmente, por vasta corrente de sectores de opinião, a situação do Algarve é-nos apresentada como crítica, a exigir uma intervenção imediata nos vários domínios. É neste contexto que os algarvios vão votar. Como? Cremos que, cada vez mais à esquerda, embora todos os responsáveis políticos afirmem, naturalmente, que vão subir.

PS — o síndrome do Poder

O PS conseguiu desencadear como que uma «síndrome do Poder» e que poderá ser-lhe altamente favorável, inclusivamente no desenvolvimento de um processo de seguidismo muito normal nestas circunstâncias, capaz de engrossar muito as suas fileiras.

Luís Saias e Eurico Correia, candidatos socialistas por Faro afirmam-nos que as perspectivas do PS no Algarve são de crescimento e de «crescer razoavelmente».

Nas últimas legislativas os socialistas elegeram quatro dos nove deputados do distrito. Desta vez pensam eleger mais.

«A audição que temos conseguido fazer das populações dá-nos a ideia de que o PS vai subir bastante. A partir das autarquias, dado a degradação em que entrou a AD, reforçaram-se as nossas esperanças. Pensamos que os eleitores estão bem conscientes da situação de desastre nacional a que a AD conduziu o País e que a população é bastante sensível ao mau governo que fez».

Os dois candidatos socialistas falam-nos das mudanças que estão a processar-se no eleitorado, apesar da implantação que o PS já tem naquele distrito.

«As pessoas olham o PS já como poder e tratam o PS como Governo que vai ser. No próprio dia-a-dia sentimos a mudança de reacção das pessoas para conosco. Estão absolutamente convencidas de que o PS vai ser



poder. Quanto poder? Isso é que não se sabe».

Luís Saias afirma que encaram como «uma fatalidade histórica» o facto de o PS vir a assumir funções de Governo. Isto porque salientam o PC não poderá sê-lo dada a sua expressão eleitoral e os partidos da AD não se apresentam com possibilidades por terem dado má conta das funções.

Mas, apesar de tudo, até que ponto as tensões internas que foram vividas no PS, os chamados «choques de sensibilidade» poderão influenciar o eleitorado?

Os nossos interlocutores não se eximem à abordagem da questão mas afirmam que essas tensões «estão muito esbatidas neste momento», o que não quer dizer que não existam pessoas descontentes».

«Mas a circunstância de o PS se apresentar como próximo poder faz com que as pessoas se atreiam ao carro do vencedor. E até as pessoas ligadas ao ex-secretariado também não querem desatrelar. E a verdade é que existe na sensibilidade soarista» uma atitude de abertura e de aplanamento das questões. Não há a ideia de marginalizar ninguém. O nosso desejo é que os problemas que existam terminem. Até porque entre as duas sensibilidades não há clivagens ideológicas».

Pensam também estes responsáveis socialistas que a não presença dos elementos do ex-secretariado nas listas não vai ter influência no processo eleitoral por duas razões principais. A primeira é que, afirmam, Luís Saias e Eurico Correia, eles aprovam a lista e colaboram na campanha; a segunda é que o facto de, não estarem na lista, não exclui que venham a desempenhar funções tão importantes ou mais que as de deputados».

Em relação ao dr. Almeida Carrapato, figura de grande prestígio local, Luís Saias revela-nos que falara com ele para a campanha e que tinha obtido como resposta que «a sua disponibilidade era total», e que gostaria mesmo de participar em alguns comícios e sessões que fossem realizados em Faro e em Vila Real de Santo António e de intervir em debates sobre temas específicos que fossem realizados.

Luís Saias revelou-nos tam-

bém que António Arnaut virá ao Algarve, tal como Jorge Sampaio.

Na opinião dos socialistas de Faro a AD vai perder dois deputados e é quem vai levar a «grande machadada». Admitem até que o nono deputado venha a ser disputado pelos três partidos, excluindo o CDS «que não vai eleger nenhum».

«Mas estamos convencidos que vamos buscar o eleitorado flutuante, que desta vez votará PS. O PC tem sempre um eleitorado menos flutuante».

O PS está dinamizado no Algarve e os candidatos encontram-se a trabalhar na campanha em «full time» e sem mãos a medir.

Na segunda-feira Mário Soares começa a sua campanha no Algarve com uma visita à lota de Faro. Depois visitará mercados, fábricas e outros locais, numa campanha que visará muito o contacto directo com as populações.

APU — optimismo justificado

«É preciso arrancar ao desencanto muitas pessoas. E pensamos que vamos arrancar a esse desencanto muita gente que pensa que não vale a pena votar por ter sido sistematicamente enganada com o seu voto».

São palavras de Carlos Luís, responsável do PCP no Algarve e que tem a seu cargo a responsabilidade da coordenação da campanha da APU. Traduzem um estado de espírito e um optimismo justificado numa análise que nos faz da situação política no distrito.

«Estamos francamente optimistas no Algarve e esse optimismo radica-se em alguns factos objectivos. Em primeiro lugar acabamos de obter um bom resultado nas autárquicas, que se traduziu no reforço da primeira câmara da APU no Algarve (Vila Real de Santo António), onde agora temos maioria absoluta e na conquista de uma nova Câmara (Vila do Bispo), esta também por maioria absoluta, além da consolidação das nossas posições no plano eleitoral».

Com esta votação, afirma-nos aquele dirigente, a APU teria eleito um segundo deputado.

Mas acrescenta outros factos a justificar o seu optimismo

outros factos como a circunstância da grande maioria dos algarvios serem democratas e antifascistas.

«A AD que são hoje o CDS e o PSD, vão pagar no Algarve o preço da sua política, o que quer dizer que, no Algarve, mesmo para derrotar a direita, não vale a pena votar PS».

Carlos Luís refere também que o facto de o PS ter afastado das suas listas três dos seus mais prestigiados elementos — Luís Filipe Madeira, Almeida Carrapato e António Esteves», para Mário Soares colocar aqui Maria Barroso, sua mulher, que só tem a ver com o Algarve o facto de ter nascido aqui. Acrescentando a este facto a política do PS para a solução da crise e a natureza das alianças de Mário Soares para depois das eleições, tudo isso alimenta em nós a ideia de que muitos socialistas e homens de esquerda, antifascistas, que são a maioria da população algarvia, encontrarão razões sobejas para dar o seu voto útil à APU».

Apresenta ainda como outras razões favoráveis, o facto de a APU se apresentar com uma lista encabeçada por Carlos Brito e integrada por elementos que têm atrás de si uma eleição, «isto é gente que não aparece na vida política por acaso».

Carlos Luís sublinha que as listas da APU apresentam homens já eleitos nas autarquias e nos sindicatos e que têm atrás de si não só um conhecimento dos problemas como «uma profunda ligação à defesa dos problemas das populações algarvias».

No plano programático a APU reivindica o facto de ser a única força política a apresentar um programa para a região que aponta soluções para problemas considerados gravíssimos. «Se não forem resolvidos teremos no Algarve, a curto prazo, uma situação económica e social muito grave, situação que não afecta somente os trabalhadores, mas que acaba também por afectar, na sua generalidade, a grande massa da população algarvia».

O dirigente comunista afirma radicar em todos estes factos o optimismo da APU, a quem se tem vindo a consolidar em resultado da pré-campanha que têm vindo a efectuar, com pontos a... os como a sessão realizada há 15 dias em Loulé para a apresen-

legislativas



tação de candidatos e que terminou com a visita de Álvaro Cunhal ao distrito.

Carlos Luís traçou-nos um quadro muito vasto e muito negro da situação social no Algarve. Abordando a política da AD nestes anos de Governo, aquele dirigente afirma que, depois dos três anos de Governo AD e de sete anos de política de direita, o Algarve se encontra nesta situação: «Não há nenhum sector económico algarvio que não esteja em retrocesso. Todos os sectores apresentam sintomas de crise, contribuindo tudo isso para um agravamento da situação da população algarvia. São muito profundas as marcas deixadas pela política da AD».

«As actividades produtivas no Algarve foram em grande parte substituídas por actividades especulativas onde campeia a corrupção».

Neste quadro social a APU pensa crescer não só com deslocação de votos do PS como também em muitas zonas de forte influência PSD.

CDS — medir a sua força real

Numa análise fria dos números o CDS surge com fraca implantação no Algarve mas o dr. Baptista Coelho, responsável distrital, afirma que, na análise que fazem da situação, «o CDS tem no Algarve uma implantação bastante superior àquela que os últimos resultados eleitorais apresentaram».

«Estamos convencidos que nestas eleições será possível ajustar mais a verdadeira implantação dos partidos aos resultados eleitorais. Daí admitirmos que o CDS possa passar a dispor de dois deputados».

O responsável do CDS faz depender esse objectivo de uma campanha que corresponda aos planos estabelecidos.

«Isso resulta de uma análise que temos feito e de uma estrutura que o CDS agora tem. Temos uma estrutura humana no Algarve e temos dirigentes completos. Essa estrutura abrange diversos estratos sociais».

Que reflexos do Congresso? «Penso que foram positivos e tenho vindo a constatar isso pela mobilização dos nossos militantes. Temos estado a observar com atenção as reacções do eleitorado e penso que têm sido positivas. Creio que o dr. Lucas Pires deixou uma imagem positiva, como foi exemplo o recente debate na televisão».

O dr. Baptista Coelho mostra-se convencido de que quem mais vai perder nestas eleições vai ser o PSD, «que tem sofrido no Algarve de uma votação que não corresponde à verdadeira implantação do partido. Tem beneficiado do chamado voto útil em detrimento do CDS. As pessoas do Algarve devem ter chegado à conclusão que devem votar agora nos seus partidos».

Afirma que até agora o CDS tem estado nos Governos sempre em situação minoritária e «daí que nunca tenha sido aplicada a solução que o CDS preconiza».

«Temos visão própria do Algarve em dois ângulos. Visão nacional — e estamos em sintonia com os dirigentes nacionais — e visão regional. Somos adeptos de uma regionalização. No caso de ser impossível uma regionali-

zação em simultâneo pensamos que o Algarve tem condições para ser uma região-piloto».

O dirigente centrista acredita na subida do PS porque «é um partido que tem vindo a trabalhar com moderação e os seus dirigentes fazem-no sem interesses pessoais».

PSD — «boa votação»

José Vitorino, destacada figura do PSD, presidente da Comissão Política Distrital e candidato em que este partido personalizou a campanha, acredita numa boa votação do PS, não explicitando contudo, no plano quantitativo, esta expressão.

«Temos absoluta consciência, e os factos comprovam-no, que o PSD e os seus deputados, bem como os seus principais responsáveis políticos no Algarve, são os que mais têm trabalhado e conseguido pelo Algarve e para o Algarve, depois do 25 de Abril. Por isso confiamos numa boa votação».

Quanto deputados? «Uma boa votação... Vamos mostrar ao eleitorado o que se fez e apresentar-nos com propostas concretas sobre todas as actividades no Algarve».

Temos os melhores candidatos, temos candidatos que conhecem profundamente todo o Algarve e por ele têm trabalhado. Não há «para-quedistas» nas listas do PSD, lançados no Algarve à caça de votos. São listas com algarvios de facto, que têm lutado e trabalhado pelo Algarve, seja no governo civil seja noutras áreas de acção política».

José Vitorino salienta que o PSD tem representados todos os sectores de actividade nas suas listas, com especialistas nas várias matérias». E refere aquilo que têm conseguido do para o Algarve designadamente a criação do ensino superior e politécnico.

«Ainda falta muito coisa no Algarve mas temos consciência daquilo que se fez, daquilo que se iniciou e está em curso, e o do que está planeado. São indícios seguros que levarão o Algarve a uma situação melhor do que aquela que tínhamos em 1979. E como digo, isto são só factos que o comprovam. Não são meras afirmações de campanha eleitoral».

Sublinhando que não costuma actuar em termos de «oportunistismo político», embora deva aproveitar «as oportunidades políticas», José Vitorino critica as autarquias PS que na sua perspectiva podem levar o Algarve à ruína».

Porquê? «Não respeitam a costa, pela maneira como violentam o ambiente e agredem a paisagem, para além de uma orientação turística que aponta para torres e mais torres. Grave, grave é o Algarve que se está a construir».

José Vitorino reconhece o desgaste evidente de qualquer Governo que exerce as suas funções em tempo de crise, como salientou.

«Mas estou convencido que esse desgaste vai ser fortemente neutralizado porque os portugueses ainda não se esqueceram do que foram os governos do dr. Mário Soares».

Ao contrário do que aconteceu em França e em Espanha, onde o eleitorado votou socialista sem nunca ter tido um governo socialista, em Portugal já sabe.

E também, já sabem o que foi o dr. Mário Soares como primeiro-ministro».

Augusto Vilela

de ontem para hoje

Dois autocarros precipitam-se num pântano próximo de Coimbra

DOIS autocarros da Rodoviária Nacional com a lotação esgotada precipitaram-se na madrugada de ontem num pântano próximo da Estação Velha de Coimbra, apenas se tendo registado dezasseis feridos ligeiros. Os veículos que faziam a carreira «expresso» Braga-Lisboa na Estrada Nacional 1, ficaram um sobre o outro, no meio de um salgueiral, que emerge no pântano. Durante a tarde, e até à retirada dos dois autocarros do local, o tráfego automóvel esteve cortado naquela via, entre a Estação Velha e Pedrulha, tendo sido utilizada como alternativa a estrada de Eiras. Na origem do acidente teria estado o desconhecimento da zona por parte dos dois condutores.

«Deficiente, cidadão de pleno direito»

«Associação», órgão oficial da Associação Portuguesa de Deficientes (APD), dirigido por Amável Pita, acaba de publicar mais um número em cujo editorial, assinado por Isabel Baptista, se poderá ler: «A actual direcção tem procurado ajudar na implantação de novos núcleos. Não é porém fácil, atingir de imediato esse objectivo. Mesmo depois do contacto estabelecido com qualquer um de nós, sócio dessa área, ter resultado na aceitação de fazermos parte duma comissão instaladora na nossa fábrica, ou na nossa freguesia ou em qualquer outra parte, onde haja um grande número de deficientes, sócios ou não, estamos apenas no início de uma série de etapas que temos de ultrapassar. Há que estabelecer contactos com entidades diversas e ganhá-las para a necessidade de termos uma sede; há que ir a casa daquele amigo que há algum tempo está afastado da Associação; o outro que tem um filho deficiente e que não sabe da existência da APD; é



preciso discutir um programa de acções que tragam para a rua as nossas reivindicações; é necessário fazer chegar a um número cada vez maior de pessoas e justiça das nossas lutas, o nosso imperativo-deficiente, cidadão de pleno direito».

O mais condecorado dos combatentes

José Moreira Uria, o português mais condecorado na Primeira Grande Guerra, morreu em Viseu, aos 85 anos. O extinto que combateu nos campos martirizados de França, foi acometido de doença súbita quando se encontrava ao balcão de uma agência bancária daquela cidade, tendo chegado já sem vida ao hospital local.

Coleira de cão no confronto

O funileiro e negociante de sucata, Carlos Alberto Gaspar da Silva Gil, de 39 anos, solteiro, encontra-se internado em estado grave após ter sido atingido com dois tiros de caçadeira disparados pelo seu vizinho, Vasco dos Santos Silva, de 29 anos, pintor da construção civil, casado, pai de dois filhos. Na origem da agressão, ocorrida em Casal de Corgas (Loures), o desaparecimento da coleira do cão do funileiro, que, desde logo, co-

meçou a acusar o vizinho e a perseguir a sua mulher, a quem dirigia provocações e obscenidades. Vasco dos Santos participou à GRN e como represália, Carlos Alberto apareceu «ainda mais bravo», dizendo as maiores «poucas vergonhas» à mulher do vizinho. Daí a ser prostrado com dois tiros foi uma questão de segundos. Carlos Alberto apresentou-se voluntariamente no posto da GNR de Pêro Pinheiro.

Cheques sem cobertura no Porto

Durante o mês de Março, deste ano as queixas entradas na Polícia Judiciária do Porto relativas a cheques sem cobertura totalizaram cerca de 55 mil contos, ultrapassando em 23 mil contos as referentes a idêntico período de ano transacto. Segundo a PJ o cheque de maior valor foi de 4 800 contos e o de menor de 680 escudos. As participações foram 364 dizendo respeito a 565 cheques.

Automóveis roubados no Rato

Dois automóveis, que as autoridades suspeitam destinados a ser utilizados em qualquer assalto de vulto na próxima semana, foram roubados da «Garagem Monumental», localizada no Largo do Rato, em Lisboa. Os autores do golpe foram dois jovens

armados de pistola, que imobilizaram os três empregados de serviço e ainda o motorista do cantor José Cid que se encontrava no local. Os veículos furtados são um Fiat 127, de matrícula portuguesa, e um Renault 14 de matrícula francesa.

Fábrica assaltada em Rio Tinto

Em cerca de cinco minutos dois desconhecidos assaltaram os escritórios da fábrica de pincelaria «Pardal», localizada próximo da ponte de Rio Tinto (Porto), levando 820 contos destinados ao pagamento de salários aos trabalhadores da empresa. Os assaltantes que actuaram armados de metralhadora e pistola, afastaram-se do local num carro de matrícula francesa que tinha ao volante um terceiro indivíduo.

Navio português assaltado

O navio mercante português, «Leiria» foi ontem à noite assaltado no porto espanhol de Santurce, na Biscaia, por três homens de raça negra, que roubaram cerca de 400 mil pesetas. Os assaltantes, que actuaram desarmados, obrigaram o comandante do barco, Silva Resende, e o primeiro oficial, Mário Correia, a abrirem o cofre-forte de onde retiraram o dinheiro.

Esquadra da NATO no Tejo contestada

Governo português manifesta apoio à «opção intermediária» de Reagan

O Governo português manifestou, na quinta-feira, apoio à «nova» proposta do presidente Reagan com vista à redução de armas nucleares de alcance intermédio, denominada como «opção intermediária», mas reafirmou, no entanto, que considerava mais adequada a «opção zero». Recorde-se que a proposta de Reagan foi anunciada na quarta-feira e consiste, basicamente, na afirmação da disposição dos Estados Unidos em iniciar a instalação dos novos mísseis na Europa, se a União Soviética não desmantelar, entre tanto, os seus SS-20.

Em comunicado, o Governo português considera a «opção intermediária» de Ronald Reagan como representando «um significativo esforço no sentido de se chegar, nas negociações de Genebra sobre armas nucleares, a um acordo intercalar sobre o seu controlo, estabelecendo entre os Estados Unidos e a União Sovi-

tica, tectos iguais ao mais baixo nível possível».

O Executivo português reafirma, como já dissemos, o apoio anteriormente dado à «opção zero» que «visando a completa eliminação de toda uma categoria de forças nucleares baseadas no solo continua a representar a mais adequada solução para tão importante problema». Ainda no mesmo comunicado, o Governo salienta que a nova proposta norte-americana resultou de um «contínuo esforço de consulta entre aliados e da sua vontade política de compromisso» e que, por isso, deverá merecer, da parte soviética, «uma correspondente reacção construtiva».

Armas nucleares em Portugal

Enquanto o Governo português dá o seu apoio às propostas de Reagan, cerca de 450 pro-

fessores universitários e investigadores subscreveram um documento, exigindo aos partidos que definam a sua posição sobre a instalação de armas nucleares em Portugal. O documento, que foi enviado às principais forças políticas, solicita destas «uma posição clara sobre a instalação, armazenamento ou trânsito de armas nucleares em Portugal, atendendo a que o perigo de um conflito nuclear aumenta em cada dia».

Os cientistas referem, a propósito, que no actual momento eleitoral, durante o qual os partidos devem submeter as suas propostas para a condução da política nacional, este assunto não pode passar em claro. «A declaração do nosso país como zona desnuclearizada aumentaria a nossa segurança e independência e seria um exemplo construtivo para o problema da paz mundial», propõem os subscretores do documento, que afirmam ainda ser

sua convicção o facto de que «para impedir a deflagração de uma guerra nuclear, há um caminho: o congelamento da produção e proliferação de armas nucleares e negociações que conduzam ao desarmamento global, simultâneo e controlado».

Entretanto, a Comissão de Paz de Lisboa exprimiu, na passada quinta-feira, o seu protesto pela «presença, em pleno período eleitoral, de uma esquadra da NATO nas águas do Tejo».

Considerando que a aparição daquela esquadra vem «na sequência da presença, no Tejo, de vários submarinos atómicos da NATO», a Comissão de Paz de Lisboa refere que a «nossa cidade tem o infortúnio de, mais uma vez, ser visitada por este indesejável e perigoso intruso».

A Comissão refere ainda que os «navios estão equipados com armas nucleares, com um potencial de destruição susceptível de arrasar, muitas vezes, Portugal».

Embora em número inferior à Páscoa passada

Turistas espanhóis invadiram Lisboa, Évora e o Algarve

Embora em número substancialmente inferior ao do ano passado a que a greve dos maquinistas da CP não foi de todo alheia, milhares de turistas espanhóis encontram-se em Portugal a passar o período da Páscoa, sendo a sua presença mais notada em Lisboa, Guarda, Viseu, Coimbra, Évora e um pouco por todo o Algarve. O facto de os bancos se encontrarem encerrados na quinta-feira à tarde criou alguns problemas aos turistas interessados em cambiar as suas pesetas.

A ausência de chuva e o sol

têm sido factores particularmente favoráveis aos nossos visitantes sobretudo no Algarve onde os hotéis e pensões apresentam uma média que ronda os noventa por cento de ocupação, acontecendo mesmo que, por exemplo, em Faro e Montegordo, se encontram praticamente lotados com turistas espanhóis, ingleses e escandinavos.

Amanhã um dos pontos de atracção na região será S. Brás de Alportel, com a realização da «Procissão das Tochas», manifestação que recorda a invasão da vila, em 1596, por uma força

inglesa. Encontrando os habitantes desprevenidos, tornou-se fácil aos invasores o saque e a destruição, acabando mesmo por incendiar a igreja.

O ataque — reza a história — produziu indignação e passado o pânico e a surpresa os rapazes da localidade, munidos de lanças improvisadas, machados rústicos e alfaia agrícola obrigaram os ingleses a retirar. O acto heróico dos são-brasenses valeu-lhes a alcunha de «cachamorreiros», os quais passaram a festejar todos os anos manifestações de cariz religioso conclui-

das com a procissão, durante a qual os fiéis, empunhando tochas floridas, percorrem as ruas da vila gritando «aleluia, Cristo ressuscitou como disse, aleluia». Concluída a procissão, as tochas são alinhadas pelas ruas, formando um tapete de flores por onde o sacerdote passa finalizando o acto com uma missa campal. Para este ano encontram-se ainda previstas manifestações de âmbito recreativo, tais como a exibição de ranchos folclóricos, um festival de música e canto e poesia e ainda uma sessão de fogo-de-artifício.

João Jardim na Austrália em diálogo com emigrantes

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, visitou ontem a zona industrial de Wollongong, Nova Gales do Sul, onde residem cerca de quatro mil portugueses, entre os quais muitos madeirenses. Jardim, acompanhado de Egidio Teixeira Pita, presidente da edilidade de Câmara do Sol — origem de muitos emigrantes portugueses na Austrália —, José Luís Ferreira, presidente do Banco Português do Atlântico, e José Sarmento, cônsul geral de Portugal em Sidney, foi efusivamente recebido pela comunidade e pelo autarca de Wollongong.

Os visitantes portugueses assistiram a diversas recepções promovidas em sua honra pelos dois clubes portugueses da região. Jardim referiu-se diversas vezes à situação política e social em Portugal e apelou aos portugueses que residem na Austrália para que continuem a apoiar o País, «particularmente nestes momentos difíceis».

Os emigrantes portugueses dirigiram a Jardim diversas perguntas sobre os temas que mais os preocupam, nomeadamente

a falta de apoio educacional para os seus filhos, por parte do Governo de Lisboa.

Os emigrantes referiram não perceber as razões do Governo português em conceder apoios desse tipo em alguns países e não na Austrália.

Alguns emigrantes mostraram-se também preocupados com a situação económica da Austrália e particularmente da zona de Wollongong, principal centro siderúrgico australiano, onde se regista um dos maiores índices de desemprego do país — cerca de 20 por cento.

Muitos dos portugueses contactados por Alberto João Jardim mostraram-se dispostos a regressar definitivamente em breve a Portugal e investir as suas economias.

O presidente do Governo Regional da Madeira assegurou-lhes que dará conta das suas preocupações e problemas ao Governo Central.

Jardim e acompanhantes regressaram à noite a Sidney, onde segunda-feira participam numa série de iniciativas a que foi dado o nome de «Dia do Madeirense».

Seminário sobre velhice em Paris com intervenção portuguesa

A delegação portuguesa ao Seminário Internacional sobre Envelhecimento, realizado em Paris, apresentou duas propostas que foram imediatamente aceites — afirmou ontem, em Lisboa, a secretária de Estado da Família, Teresa Costa Macedo.

A sua chegada ao Aeroporto da Portela, Costa Macedo explicou que o seminário reuniu «as mais altas competências sobre gerontologia» de 50 países.

«A delegação portuguesa apresentou duas propostas que foram imediatamente aprovadas pelo Seminário», declarou a secretária de Estado da Família, que se deslocou a Paris a convite do Governo francês e foi recebida pelo presidente François Mitterrand.

A primeira proposta referiu-se à formação de um grupo de trabalho de língua portuguesa, incluindo Portugal, Brasil e os países africanos de expressão portuguesa.

A proposta «não só foi apoiada por todos os países presentes, como também pela Unesco e pela ONU, tendo-se integrado no grupo os países de língua espanhola», adiantou.

A segunda proposta, acrescentou, referiu-se à integração no Comité Internacional sobre Envelhecimento de um gerontólogo português, a ser nomeado pelo Governo de Lisboa.

«Esta proposta também mereceu o apoio e aprovação do Seminário, assim como do Comité Nacional e Internacional da Conferência», sublinhou a representante portuguesa.

Sobre o problema do envelhecimento propriamente dito afirmou que «se tinha decidido aferir todas as experiências às necessidades das populações e alargar as formas de cooperação já propostas» a concretizar em Grenoble, Suíça.

Quanto à emigração portuguesa em França, a secretária de Estado adiantou que a sua homóloga francesa, Georgine Duffois, que esteve presente no Seminário Português sobre Envelhecimento, foi recentemente nomeada secretária de Estado da Emigração, e está a estudar um «dossier» sobre o assunto.

«É fecundo para Portugal que Georgine Duffois se ocupe dos problemas de emigrantes portugueses», concluiu Costa Macedo.

em duas páginas

Fortalezas da Terceira abertas ao público

As fortalezas históricas de S. Brás, em Ponta Delgada, e S. João Baptista, em Angra do Heroísmo, vão poder ser visitadas pela população civil aos sábados e domingos entre Abril e Setembro — anunciou a Zona Militar dos Açores.

Naqueles imóveis de interesses histórico e cultural estão instalados o Quartel-General das Forças Armadas no arquipélago (S. Brás) e Regimento de Infantaria de Angra (S. João Baptista).

Aos visitantes das fortalezas serão distribuídos folhetos acerca da história dos monumentos.

Parque de Monte Gordo tem novas tabelas

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António aprovou na sua reunião de terça-feira um novo regulamento do parque de campismo de Monte Gordo e uma nova tabela de taxas para a sua utilização.

De acordo com as novas tabelas as taxas sobem entre os 30 e 40 por cento, baseadas num estudo de viabilidade económica.

Um casal com dois filhos pagará cerca de 7500 escudos por um mês de utilização do parque e as taxas serão agravadas para o quintuplo, após os primeiros 30 dias, no período de Maio a Setembro.

Sabugal precisa de 500 fogos

Cerca de 500 habitações são necessárias no Sabugal, distrito da Guarda, para superar as carências de habitação actuais — afirmou o presidente do município local.

Jeremias Amaral Dias disse que a edilidade prevê a construção de um bairro social, próximo do complexo escolar em construção, com 70 habitações.

A sua concretização está, no entanto, condicionada à concessão ou não de comparticipação do Estado para as obras.

O autarca disse que as carências de habitação no Sabugal são agravadas pela inexistência de casas para alugar, enquanto que as existentes pertencem a emigrantes que apenas as ocupam em tempo de férias.

Abegoaria da Guarda com fins culturais

Uma antiga abegoaria da Guarda está a ser recuperada pela Câmara Municipal local para fins culturais — revelou a autarquia, através da ANOP.

O edifício situa-se no centro histórico da cidade integrado nos restos de uma alcáçova da fortaleza, em local de interesse arqueológico.

A recuperação insere-se no âmbito de um plano de revitalização do centro histórico promovido pela edilidade.

No local vão ser instalados salões de convívio e para actividades culturais, jardins e um miradouro.

Cartas chegam a Castro d'Aire

Todas as localidades do concelho de Castro d'Aire, Viseu, passaram esta semana a ser cobertas pela distribuição domiciliária de correspondência.

O número de carteiros da estação postal daquela vila foi, assim, elevado de três para dez unidades.

Cerca de 600 quilómetros são percorridos diariamente pelos distribuidores postais para servirem 20 freguesias e 13 lugares, num total de 17 246 habitantes.

«Subvinho» do Douro será aproveitado

O ministro de Agricultura e Pescas concedeu um subsídio — a fundo perdido — de 50 milhões de escudos como comparticipação do Estado ao Complexo Agro-Industrial Sub-Vidouro.

Este centro de aproveitamento de subprodutos do vinho está a ser construído na Folgosa, junto à estrada Régua-Pinhão.

Trata-se de uma obra de grande interesse económico não só para a região como para as zonas limítrofes, pois vai permitir o aproveitamento de todos os bagaços e borras que normalmente eram abandonadas, sem consequente utilização.

FAOJ promove estudo de «fones»

Construção de objectos sonoros e sua pesquisa a partir de elementos do quotidiano e de materiais vulgares é motivo para o curso que o FAOJ promove no Porto, na primeira quinzena de Abril.

O curso — refere uma nota daquele departamento de apoio aos organismos juvenis — proporcionará «o desenvolvimento da imaginação criadora, em aliança íntima com a destreza manual e expressão plástica».

Projectos referentes a idiofones, gordofones, membranofones e aerofones serão analisados no curso de construção e manipulação de objectos sonoros, que decorrerá nas instalações do Porto do FAOJ.

Iniciado estudo do património de Fafe

O levantamento cultural do concelho de Fafe, com o objectivo de descobrir e inventariar os motivos fundamentais do património histórico, artístico e etnográfico daquela região minhota, foi iniciado esta semana.

O referido levantamento, numa iniciativa da Escola Preparatória de Fafe é apoiado logisticamente pela Câmara Municipal local, iniciou-se com o estudo de três solares brasonados, um dos quais a Casa do Ermo, na freguesia de Passos, foi refúgio frequente do escritor Camilo Castelo Branco.

Foram já detectados igualmente e estão a ser estudados por técnicos da Universidade do Minho os vestígios de um castelo roqueiro e diversas sepulturas antropomórficas medievais.

Luís Fontoura em Moçambique prepara reunião da comissão mista

O secretário de Estado português da Cooperação, Luís Fontoura, chegou ontem a Maputo para conversações para preparar a próxima reunião da Comissão Mista Luso-Moçambicana prevista para Junho, em Lisboa.

Luís Fontoura, que foi recebido pelo secretário dos Negócios Estrangeiros, Valeriano Ferra, revelou também que é portador de mensagens de Ramalho Eanes e Pinto Balsemão para o presidente Samora Machel.

A mensagem de Ramalho Eanes, soube a ANOP, deve ser a

resposta a uma que Joaquim Chissano levou, na semana passada, para Portugal, e que se relaciona com a preparação da visita do presidente moçambicano a Portugal, em Outubro.

Nas suas declarações à chegada, Fontoura disse que iria, nomeadamente, ser feita uma análise preliminar dos «dossiers» a incluir na agenda da reunião da Comissão Mista, tendo em vista delinear já soluções para cada um deles.

Como objectivo imediato da sua visita a Maputo, Luís Fon-

toura apontou o desbloqueamento do problema de pagamento de pensões aos funcionários moçambicanos da antiga administração colonial e a militares mutilados do Exército português.

O pagamento das pensões, que também precisam de ser actualizadas tem estado a ser, precariamente, assegurado por Moçambique — a obrigação cabe a Portugal — e uma missão do Instituto para Cooperação Económica está a discutir o assunto em Maputo.

Nordeste transmontano Colectividades recebem pequenas bibliotecas

Na sequência da campanha de livros para o Nordeste, a Associação do Nordeste Transmontano entregou esta tarde, na sede do Grupo Folclórico e Cultural de Palaçulo, Miranda do Douro, pequenas bibliotecas a várias colectividades.

São essas colectividades o Grupo Folclórico e Cultural de Palaçulo, a Associação Desportiva e Cultural de Sendim, a Associação Cultural e Recreativa de Avelanoso (concelho de Vimioso), a Associação Cultural e Desportiva de Ventozelo e o Centro Cultural e Recreativo de Penarroyos (Mogadouro).

No sábado e domingo passados, foram entregues por aquela associação pequenas bibliotecas às seguintes colectividades de Vila Real e Bragança:

— Plebe Transmontana, Associação Desportiva e Cultural Aguiarense (Vila Pouca de Aguiar), Associação Cultural e Desportiva de Vilarinho de S. Romão, Associação Desportiva da Povoação, Associação Cultural de Pegarinhos, Clube de Bragança, Associação Cultural das Minas de Arcozelo, Centro Sociocultural de Metela, Associação Cultural Desportiva Alindagueense e Associação Cultural e Desportiva da Torre de D. Chama.

plataforma de acção cultural e tempos livres, cri

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

De acordo com o art.º 19.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária da PLATAFORMA — Cooperativa Editora, de Acção Cultural e Tempos Livres, CRL, para o dia 16 de Abril de 1983, às 14.30 horas, nas instalações do Externato Séneca, Avenida Almirante Reis, n.º 106-1.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Discussão e aprovação do Relatório e Contas do ano de 1982.
- 2 — Apreciação de alguns problemas actuais da vida da Cooperativa.

Não estando presente à hora marcada o número legal de sócios, a sessão realizar-se-á uma hora depois com qualquer número de presenças.

Lisboa, 1 de Abril de 1983

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Alexandre dos Santos Castanheira



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MOITA

M O Ç Ã O

A Empresa Corticeira Socorquex está parada, devido à sabotagem do patrão sr. Carlos Chafirovitch argumentando que, «tinha pessoal a mais».

Deixou a Socorquex sem qualquer tipo de credibilidade, nomeadamente junto dos clientes, fornecedores e entidades bancárias.

Os 170 trabalhadores que se encontram em situação de desemprego devido à sabotagem do patrão, apresentaram soluções para a recuperação da empresa e manutenção dos seus postos de trabalho.

Os trabalhadores não recebem os seus salários desde Setembro. Os descontos para a Caixa de Previdência, e Imposto Profissional, Fundo de Desemprego e Seguro de Acidentes de Trabalho não foram entregues às respectivas entidades pelo patrão da empresa, arrecadando esses valores ilegalmente.

O sr. Chafirovitch não pagou à E.D.P., tendo sido cortada a energia paralisando definitivamente a empresa.

Todas estas ilegalidades são cometidas com a cobertura deste governo, de que mais não tem feito do que fomentar o desemprego e continuar a levar o País para o caos económico.

Existem trabalhadores da empresa com mais de 35 anos de trabalho na Socorquex e 60 e mais anos de idade, ficarão em situação deplorável de sobrevivência humana.

A Assembleia Municipal da Moita, reunida no dia 25 de Março, decide condenar veementemente a sabotagem lesa economia nacional do patrão da Socorquex, negando o direito ao trabalho.

Apoia a luta dos trabalhadores, pela defesa dos seus postos de trabalho e exige que sejam tomadas medidas concretas de viabilização da empresa e que tenha a participação efectiva dos trabalhadores.

Aprovada por unanimidade.

A MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ensino Primário

Lista de professores publicada hoje no «Diário da República»

A segunda lista de professores do ensino primário com direito ao pagamento de fases é publicada em suplemento no «Diário da República» de hoje.

No final da lista — tão extensa que ocupa 213 páginas — são indicadas instruções para a consultar correctamente.

Nessas instruções indica-se que ao mesmo tempo que a lista

publicada hoje era enviada para o «Diário da República», eram remetidos para as direcções escolares onde os professores e educadores fizeram a entrega dos modelos n.ºs 635 e 635-A, um verbete individual, cujo número identificador é WMEE 410, contendo o «curriculum vitae» do titular respectivo.

Para efeitos de reclamação de eventuais erros, os interessados

são avisados de que devem levantar-lo imediatamente nas referidas direcções escolares ou «para onde estas informarem que os remeteram» (!!). O prazo para apresentação de reclamações é de 15 dias. Esta última exigência deve ser difícil de cumprir para muitos professores, já que decorre o período de férias de Páscoa.

Colômbia: 200 mortos pelo sismo

Procissão dos mortos em Popayan

A tradicional procissão de Sexta-Feira Santa nas ruas de Popayan, foi substituída por uma simples e comovedora cerimônia fúnebre durante a qual foram enterradas cerca de 100 das duzentas vítimas do sismo que na passada quinta-feira destruiu a maior parte daquela antiga ci-

dade colonial da Colômbia. Celebrada na Sexta-Feira Santa, sem interrupção desde 1558, a Procissão da Paixão de Cristo era anualmente acompanhada por milhares de fiéis ao longo de um percurso de penitência que partia da igreja bar-

roca de São Domingos, hoje em ruínas. Este ano, milhares de homens, mulheres e crianças seguiram, através das ruas ainda cheias de escombros, os caixões de uma centena de vítimas que foram depois enterradas no cemitério também devastado pelo sismo.

Miguel d'Escoto

EUA desencadeiam guerra contra a Nicarágua

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Nicarágua, Miguel d'Escoto, afirmou quinta-feira que os Estados Unidos «desencadeiam uma guerra contra a Nicarágua».

Falando a jornalistas nacionais e estrangeiros na presença do chefe do Exército, comandante Humberto Ortega, o ministro afirmou que essa guerra se traduz na invasão do país por três frentes distintas.

Baseando-se em afirmações da própria imprensa americana, d'Escoto afirmou que essas três frentes correspondem a três comandos separados. Um deles é constituído por oficiais hondurenhos, um outro por ex-oficiais afectos ao antigo regime somozista e o terceiro, o «Cérebro» de toda a operação é composto por norte-americanos, peritos da CIA e oficiais do Comando Sul, com sede no Panamá.

O ministro comentou ser tempo das Honduras recuperarem a sua soberania e deixarem de ser utilizadas para uma guerra que nada tem a ver com os interesses dos povos centro-americanos.

O comandante Ortega, afirmou, por sua vez, que são totalmente falsas notícias emitidas pela rádio anti-sandinista «15 de Setembro» de que as forças insurrectas tenham abatido helicópteros ou aviões do governo da Nicarágua.

O chefe do exército da Nicarágua destacou ainda a coincidência da realização de mano-

bras militares na região das Honduras confinante com o território nicaraguense, com «a movimentação de numerosos navios norte-americanos» ao largo das costas do país. Afirmou ainda, do lado da fronteira com a Costa Rica, se notara também movimentos de tropas.

Através dessa fronteira — esclareceu — foram igualmente realizadas «rápidas acções de hostilização por grupos anti-sandinistas».

Por outro lado representantes de 40 organizações democráticas belgas manifestaram junto da embaixada dos Estados Unidos em Bruxelas, a sua solidariedade com a Nicarágua e o seu protesto contra a política centro-americana do presidente norte-americano Ronald Reagan.

A CIA e o comando

Um grupo de legisladores norte-americanos advertiu o presidente Ronald Reagan de que as actividades da CIA na América Central podem ser ilegais.

Essa advertência faz parte de uma carta enviada a Reagan e que reflecte a crescente preocupação do congresso com a situação na Nicarágua.

Trinta e sete legisladores pedem a Reagan que se assegure de que as operações encobertas da Central de Inteligência

na área não violam as ordens do Congresso que proibiu o apoio às forças que tentam derrubar o regime sandinista.

Por outro lado o Comando Sul dos Estados Unidos, com autoridade sobre mais de dez mil soldados norte-americanos estacionados nas margens do Canal do Panamá, anunciou a mudança do seu chefe supremo.

Assim a chefia do Comando Sul — norte-americano passa a ser desempenhada pelo tenente-coronel Paul Gorman, que substitui o tenente-coronel Wallace Nutting.

Argentina agradece a Cuba

O governo da Argentina exprimiu hoje, publicamente, o seu reconhecimento aos países como Cuba, que prestaram e prestarão o seu sólido apoio à reivindicação sobre as Malvinas, Sandwich e Georgias do Sul.

Por sua vez, reafirmou «a decisão de continuar os esforços tendentes à conquista da recuperação dos seus territórios, cujos direitos haviam sido reiteradamente reconhecidos em todos os foros internacionais».

A embaixada da Argentina em Havana, deu a conhecer este comunicado ao comemorar o primeiro aniversário da acção destinada a recuperar a soberania nacional sobre essas ilhas do Atlântico Sul.

zadores da Triple-A e antigo membro de uma quadrilha — é actualmente o responsável da segurança de Fraga Iribarne, como anteriormente o foi do ex-ministro argentino da Segurança Social, José Lopez Rega.

O secretário-geral da AP, Jorge Verstring, candidato à presidência do município de Madrid nas próximas eleições municipais, convocou uma reunião de urgência com vários dirigentes do partido, para analisar o caso e responder à informação do semanário «Cambio 16».

O semanário fundamentou as suas acusações em vários depoimentos, entre eles o do ex-inspector da Polícia argentina, Rodolfo Peregrino Fernandez, que conotou o actual responsável da segurança de Fraga Iribarne com vários acontecimentos delituosos no seu país.

Dirigentes da AP consideraram as revelações sobre Almiron uma «manobra eleitoralista».

A carreira política de Hula, nascido em 1925, iniciou-se em 1948 com o primeiro presidente do Estado socialista Klement Gottwald, tendo sido de 1965 a 1968 vice-ministro e chefe suplente da Comissão Estatal de Finanças e Preços.

Em 1968, ano da 'Primavera de Praga', ocupou o cargo de chefe da Comissão Central de Preços, com nível de ministro, e de secretário do Bureau do Partido Comunista para a zona checa do país.

Morreu Vaclav Hula

O vice-primeiro-ministro checoslovaco, Vaclav Hula, membro do Presidium do Comité Central, morreu inesperadamente com 57 anos — anunciou a agência CTK.

Vaclav Hula era desde 1970 vice-primeiro-ministro do governo federal checoslovaco, e, desde 1975, membro do Presidium do partido, ocupando também, desde 1976, o cargo de presidente do Conselho de Investigação Económica.

Páscoa pacifista na Europa

Gromyko diz «não»

A União Soviética considera «inaceitável» a proposta do presidente Reagan sobre redução de euromísseis — declarou hoje em Moscovo o vice-primeiro-ministro e ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, na primeira conferência de imprensa aberta a correspondentes estrangeiros que o ministro concede desde 1979. A conferência está a ser transmitida em directo, pela rádio e pela TV, e, no tocante a esta matéria, reafirma aquilo que a imprensa soviética tem vindo a dizer sobre a chamada «opção intermediária» de Reagan.

Gromyko explicou as razões da recusa soviética: a proposta exclui os submarinos e bombardeiros dos EUA equipados com ogivas nucleares e estacionados perto do território soviético. Por outro lado, a proposta exclui das conversações, os mísseis da França e da Grã-Bretanha, que, em caso de ataque, matariam a população soviética tal como os norte-americanos. Finalmente, os americanos exigem o desmantelamento dos mísseis soviéticos, na

Ásia, quando aí a URSS está ameaçada por porta-aviões dos EUA, entre outros tipos de armamento.

A vaga pacifista

Enquanto os comentaristas sérios do EUA reconhecem que a proposta «intermediária» de Reagan visa apenas fins propagandísticos para impedir os movimentos pacifistas europeus e americano de revigorarem a sua oposição, e para impedir a aprovação de resolução sobre congelamento das armas nucleares, que vai decorrer na Câmara dos Representantes no próximo dia 5, as potências ocidentais da NATO acabam já por dar a sua aprovação oficial às propostas de Washington. Claude Cheysson, cujo governo tinha tido uma atitude sibilina logo na primeira reacção, já fala agora na necessidade de os americanos instalarem os «Pershing II» se os soviéticos não chegaram a acordo em Genebra...

Uma voz discordante: a de Papandreou, da Grécia, o qual considerou que as negocia-

ções estão num impasse e disse: é claro para mim que os EUA só querem negociar com a URSS depois de terem colocado os primeiros «euromísseis».

Estas propostas e estas aprovações surgem precisamente no fim-de-semana da Páscoa, quando nomeadamente na República Federal da Alemanha e na Inglaterra, estão programadas diversas jornadas contra os euromísseis em particular e contra as armas nucleares em geral.

No Reino Unido, os comícios foram auspiciosos: na 5.ª feira esperavam-se 400 mil manifestantes à volta do triângulo nuclear de Greenham Common, (uma base), Eldermaston (um centro de investigações) e da fábrica de Burghlied. Mas o número de participantes excedeu todas as previsões e conseguiu-se formar uma cadeia humana de vinte e quatro quilómetros ligando os três locais. Cerca de 200 pessoas foram detidas e logo libertadas ao penetrarem na base de Greenham Common, onde se prevê a instalação dos mísseis de Cruzeiro, base que tem sido sistemati-

Mísseis franceses e as verdades e as

A questão dos mísseis franceses e britânicos é um dos elementos fundamentais para a compreensão das negociações de Genebra sobre «euromísseis», agora interrompidas até ao dia 17 de Maio próximo. Essas e outras questões são tema da entrevista que a agência soviética Novosti fez ao general major Iuri Lebedev, perito do Ministério da Defesa da URSS. Eis o texto completo da entrevista:

NOVOSTI — No comunicado emitido no final do encontro do Grupo de Planeamento Nuclear da NATO em Vilamoura, Portugal, afirma-se que as forças britânicas e francesas representam forças estratégicas de contenção autónoma, pelo que não podem ser comparadas nem com os mísseis terrestres soviéticos nem com os norte-americanos nas conversações sobre limitação dos armamentos nucleares na Europa. Poderia comentar esta afirmação?

LEBEDEV: Invocando, já pela quarta vez, o carácter supostamente autónomo das forças nucleares britânicas e francesas, sugerem-nos que façamos vista grossa à sua presença na Europa, já que se destinariam a proteger exclusivamente «os interesses nacionais». Vejamos se a realidade corresponde a essa tese. Os relatórios divulgados nos últimos anos pelo Comité dos Chefes de Estado-Maior e pela Secretaria da Defesa dos EUA atestam que o Pentágono agrega invariavelmente os armamentos nucleares dos seus aliados europeus aos arsenais conjuntos da NATO como ele-

mento inalienável das «Forças Nucleares do Ocidente». O «Livro Branco» do governo britânico consigna que as forças nucleares da Grã-Bretanha constituem «uma parte indivisível dos meios estratégicos da NATO». A mesma ideia consta das diversas declarações do presidente francês que, designadamente diz: «A França não hesitará em completar com as suas armas de contenção» os meios norte-americanos. As forças nucleares francesas são uma poderosa força de dissuasão que «contribui substancialmente para a defesa conjunta dos Aliados». Recentemente, o Comandante-em-Chefe das Forças Armadas Unificadas da NATO na Europa acentuou: As estreitar relações «entre a NATO e as forças armadas francesas. As declarações verbais são confirmadas na prática: a França, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos coordenam as zonas de policiamento dos submarinos lança-mísseis nucleares franceses no Mar da Noruega. Os três países dispõem de um sistema conjunto de apoio à utilização operacional dos seus submarinos. As forças navais

francesas participam regularmente em manobras da NATO.

Mais de 250 vectores nucleares

NOVOSTI: Washington tenta apresentar as forças nucleares britânicas e francesas como «bastante modestas» dizendo que lhes está reservado o papel de «meio de contenção extremo». É assim que acontece na realidade?

LEBEDEV: A Grã-Bretanha e a França, tomadas em conjunto, dispõem de mais de 250 vectores nucleares de médio alcance, que são, nomeadamente, compostos por: meios sofisticados, lançados da terra, do mar e do ar, que podem transportar centenas de cargas para uma distância máxima de 4600 quilómetros. Se observarmos o mapa geográfico, verificaremos que a autonomia desses vectores permite atingir alvos em toda a extensão da parte europeia da URSS, e, evidentemente, no território dos paí-

Um míssil novo para sub

Fontes norte-americanas revelaram que a Comissão para as Forças Estratégicas, dos EUA, vai recomendar a Ronald Reagan a criação urgente de um novo pequeno míssil balístico intercontinental, monobloco, com base no solo (ICBM).

A nova arma parece pretender superar as dificuldades surgidas com a instalação de mísseis

«MX», embora a Comissão a considere para além desta ou daquela forma de instalação dos «MX».

Recorde-se que a Comissão para as Forças Estratégicas, dirigida pelo general Brent Scowcroft, antigo conselheiro do ex-presidente Gerald Ford para as Questões da Segurança Nacional, foi criada por Reagan em 3

de Janeiro e o seu mandato foi prolongado por causa de diferentes e dificuldades pelo menos até ao fim de Março.

O novo míssil é conhecido no Pentágono sob a sigla «SICM» (Pequeno Missil Intercontinental) ou «Midgtman». Uma das suas variantes consiste em acrescentar um terceiro andar ao «Pershing-2», aumentando

o'' a Reagan

camente cercada por mulheres que recusam os «euromis-seis». Havia sinais inequívocos de que as autoridades tinham dado ordem para não agir contra os manifestantes. A manifestação foi coordenada pelo movimento Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND).

As diversas organizações pacifistas da RFA, começaram ontem a manifestar-se por todo o país, registando-se incidentes com a Polícia em Neu-Ulm (Baviera) onde se prevê a instalação dos Pershing II. Outros pontos assinalados por manifestações: Feucht (Nuremberga), Datteln (Renania - Vestfália), Holzwickede, Kellinghusen, Hamburgo, Ludwigshafen. Em New-Ulm a Polícia utilizou gases lacrimogénios e procedeu a duas detenções.

Hoje haverá uma manifestação diante do Ministério da Defesa em Bona. No domingo, e na segunda, cerca de 90 marchas da paz irão concentrar-se em diversos centros, os mais importantes dos quais são Francfort, Colónia, Munique, Estugarda, Hamburgo, Bremen e Nurem-

berga.

Enquanto isto, Reagan mostrou-se muito inquieto com estas manifestações pascais e sublinhou que os EUA devem fazer mais qualquer coisa para conter a «propaganda soviética» (é evidente aos olhos de Washington que os europeus gostariam imenso de morrer vitimados pelas armas nucleares, se não fosse a URSS andar a aconselhá-los no mau sentido).

Em frases extremamente esclarecedoras, Reagan disse que até agora a propaganda soviética tem sido superior à dos EUA, mas que agora os EUA têm algo para vender e devem começar a fazê-lo desde já. E acrescentou: «não sei se conseguiremos mentalizar as pessoas que estão a favor do congelamento nuclear»...

Quer isto dizer que as propostas **ab initio** sabidas como inaceitáveis que Reagan fez sobre euromis-seis se destinavam exactamente a uma acção de propaganda sobre os pacifistas europeus e sobre os pró-congelamento americanos.

e britânicos: mentiras

ses europeus membros do Tratado de Varsóvia. No total, os armamentos da NATO podem transportar, num só lançamento, centenas, e a curto prazo, milhares de ogivas de grande potência. Proximamente, as forças nucleares da Grã-Bretanha serão dotadas com mísseis balísticos norte-americanos «Trident-2» para submarinos, cada um dos quais transporta até 14 ogivas e, em praticamente

«S-4» dotados de sete ogivas independentemente guiadas, e os novos mísseis balísticos dos submarinos «M-4» passarão a ter o número idêntico de ogivas. Em França, tornar-se-á operacional um novo submarino atômico lançamísseis.

Os próprios peritos ingleses e franceses qualificam o contributo das duas Forças Armadas para a NATO de considerável, significativo para «a política de contenção».

NOVOSTI: No intuito de provar a «autonomia» dos armamentos nucleares da Grã-Bretanha e França, a propaganda ocidental tem apregoado que os Estados Unidos não fariam a menor ideia dos planos de emprego dos mesmos.

LEBEDEV: Semelhantes afirmações destinam-se a pessoas ingênuas e desprevenidas. Como consta do relatório de 1979 da Comissão Especial do Parlamento Britânico para os Armamentos Nucleares, as operações de orientação e comando dos meios britânicos são efectuadas por um mecanismo conjunto de escolha de alvos da NATO, situado em Omaha (Estado de Nebraska, Estados Unidos). Difícilmente se poderá acreditar que Washington ignore o que se passa naquela cidade.

stituir o MX

assim a distância de voo de mil para oito mil milhas.

Foi ainda acrescentado pelas referidas fontes que o número eventual de engenhos deste tipo recomendado pela Comissão Scowcroft seria de 3.500.

Um dos argumentos apresentados pela Comissão para a criação da nova arma é que seria preciso avançar para uma nova

marcha do progresso militar-técnico para que a outra parte o não faça em primeiro lugar.

Entretanto, segundo peritos, estes planos de instalação de ICMBM conduzem à violação do tratado «Salt-2», que prevê uma limitação do número de vectores de armas nucleares.



A questão da Namíbia estará no centro das conversações que o presidente zambiano, Kenneth Kaunda, travará com o seu homólogo cabo-verdiano, Aristides Pereira, durante a visita que hoje inicia a Cabo Verde. Nas fotos: Kenneth Kaunda e Aristides Pereira



Depois de visitar os Estados Unidos

Kenneth Kaunda hoje em Cabo Verde

A África Austral será o tema central das conversações entre Aristides Pereira e Kaunda durante a visita de quatro dias que o presidente zambiano inicia hoje a Cabo Verde — revelaram fontes oficiais cabo-verdianas, citadas pela ANOP.

Os dois chefes de Estado deverão fazer o «ponto da situação das várias frentes de conversações com a África do Sul» à luz das conversações que Kaunda manteve nos últimos dias em Paris e em Washington — acrescentaram as mesmas fontes.

O presidente zambiano, que visita Cabo Verde pela primeira vez a convite do seu homólogo cabo-verdiano, convite formulado quando, em Fevereiro de 82 fez uma visita oficial à Zâmbia, encontrar-se-á por duas vezes, nos quatro dias de permanência na Praia, com Aristides Pereira.

Por outro lado, delegações de ambos os países analisarão as respectivas relações cujo desenvolvimento deverá ser preconizado no comunicado conjunto dos dois presidentes, no final da visita.

Observadores políticos da Praia fazem notar, a propósito desta visita que termina na terça-feira, a «identidade de pontos de vista de ambos os governos, nomeadamente, na defesa do diálogo como via privilegiada para os problemas da África Austral».

Os mesmos observadores não excluem a hipótese de Kaunda anunciar, no regresso a Lusaka, a vontade de iniciar conversações directas com Pretória para tentar solucionar questões pendentes com o regime sul-africano.

Enquanto isto, a visita de Kenneth Kaunda aos EUA parece não ter desbloqueado as divergências existentes entre os dois países no tocante à problemática da África Austral.

Kaunda dividiu a sua visita em duas partes: uma, de conversações com autoridades norte-americanas, na qual se incluíram os encontros com o presidente Reagan e o seu secretário de Estado, George Schultz; outra, de natureza económico-

-financeira, e que constou dos encontros com os responsáveis do Banco Mundial e do FMI, junto do qual a Zâmbia está a negociar um empréstimo.

Numa conferência de Imprensa que deu no National Press Club de Washington, Kaunda apelou de novo aos países ocidentais para que se deixem de meras condenações verbais ao regime abominável do **apartheid** para exercerem verdadeiras pressões sobre a África do Sul, sob pena de se assistir a uma verdadeira explosão na África Austral. Kaunda criticou também a exigência americana da retirada das tropas cubanas, cuja presença em Angola louvou, lembrando que os EUA devem tomar iniciativas para fazerem retirar as tropas racistas que ocupam ilegalmente a Namíbia e parte do Sul de Angola.

Sindicatos em Moçambique

A criação dos primeiros sindicatos moçambicanos deve ser

anunciada em 1 de Maio, depois de reconhecer que estão criadas condições para essa «fase superior de organização dos trabalhadores».

O espaço tradicionalmente reservado aos sindicatos tem sido ocupado em Moçambique, desde a sua independência, por uma estrutura designada por Conselhos de Produção, que tem nalguns aspectos uma função para-sindical.

Um relatório submetido a uma Reunião Nacional dos Conselhos de Produção, que está a decorrer no Maputo, aponta como uma das razões para a criação de sindicatos a «elevação da consciência política de classe dos trabalhadores».

Entretanto, fonte oficial no Maputo revelou ontem que, em consequência de uma decisão da Assembleia Nacional moçambicana, os castigos corporais públicos, em particular a flagelação, vão ser restabelecidos em Moçambique para os ladrões de armas, os traficantes e os indivíduos culpados de agressões a crianças.

Médio Oriente

O mesmo túnel e a mesma falta de luz

Os três acontecimentos mais importantes registados no Médio Oriente nos últimos dias são: o fracasso das negociações tripartidas EUA-Israel-Líbano sobre a retirada sionista, a irritação que isso está a provocar nos EUA, e a advertência soviética feita a Israel sobre a eventualidade de uma agressão contra a Síria.

O fracasso das negociações sobre o Líbano causa profundo desalento nos EUA e, demonstra, uma vez mais, inequivocamente aos árabes que Israel continua a dominar a política de Washington. Interessados no seu consenso com os árabes moderados, Os EUA mostram-se desta vez irritados e anunciam que será adiada a venda de 75 aviões de combate F-16 a Israel, ficando a entrega dos aparelhos dependente da retirada israelita do Líbano. Reagan afirmou que as armas americanas se destinam a que Israel as utilize em sua defesa (curiosa afirmação) e que, se esse país continua a ocupar indevidamente o Líbano, então não pode receber os «caças»...

Quanto à advertência soviética, os israelitas já disseram que a tomam a sério, e os comentaristas ocidentais consideram-na um «regresso» da URSS ao Médio Oriente. Na verdade, todos os observadores sabem que esta advertência surge num momento em que circunstâncias objectivas **no terreno** são dife-

rentes das anteriores, pelo que o aviso de Moscovo deve ser encarado muito a sério. A reacção síria de regozijo também está longe de ser um «bluff»: os sírios sabem por que se regozijam...

Dado todo este ambiente, não é de surpreender que as perspectivas de solução negociada, sob a égide dos EUA (perspectivas que tantos encaram com um optimismo que só pode ser ingênuo ou hipócrita) se esfumam, tal como se sabia logo desde o início.

O rei jordano, que agora se dispunha a participar nas negociações de Camp David (elas próprias paradas), desde que Israel abandonasse a política dos colonatos, vê-se com o seu papel bastante reduzido, uma vez que falharam as negociações com os palestinos. O facto é que o encontro marcado entre Hussein e Arafat para o fim de semana passado não chegou a concretizar-se. Arafat acabou por se dirigir a uma série de capitais árabes e não se deslocou a Amã...

A OLP, que precisa de todos os olhos e de todos os ouvidos nesta situação delicada, parece disposta a reafirmar, sem sombra de ambiguidades, a sua oposição ao plano Reagan, isto é, a rejeitar esse projecto, que implicitamente foi recusado em Argel. Isto seria um golpe para os E' A, e, ao mesmo tempo, um meio de pressionar Washington para que este aumentasse a

pressão sobre Israel.

Já se fala agora de outra primeira ou minimeira promovida pelo rei de Marrocos, numa tentativa de salvar a «pax americana» para o Médio Oriente...

Por fim, enquanto Mubarak parte em peregrinação à China e

à Coreia do Norte, o governo grego exprime a sua particular simpatia pela OLP e o governo Mitterrand recusa albergar em Paris uma conferência internacional sobre a Palestina, programada para Agosto pela UNESCO...

Luanda: terroristas entregam-se às autoridades

Um grupo de oito membros da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) entregou-se às autoridades angolanas no passado dia 18 de Março, no posto fronteiriço de Noqui (Norte do país) anunciou ontem a agência ANGOP.

Segundo a agência oficial angolana, fazia parte desse grupo o chefe do Estado-Maior-General da FNLA, Pedro Barreiro Kinhamma («Comandante Barreiros»), os comandantes Manuel Figueira António e Pedro Neves António, os instrutores de comandos António Freitas Zola, Família André, Pedro Kissilo Messo e Eduardo Manzago Lopes, assim como o sargento condutor Pedro Santos Monteiro.

A circuntância desses destacados responsáveis do grupo fantoche se terem entregado na fronteira com o Zaire, sublinha a ANGOP, põe em evidência as relações de boa vizinhança existentes actualmente entre Luanda e a Kinshasa.

A mesma agência anunciou entretanto que as Forças Armadas angolanas repeliram no passado dia 25 de Março um ataque lançado pela UNITA contra a central hidroelétrica de Camacupa, na província do Bié, anunciou a mesma agência.

Segundo a agência, os combates causaram 20 mortos aos guerrilheiros da UNITA, 13 dos quais foram capturados, tendo as forças angolanas perdido apenas três milicianos da Organização de Defesa Popular.

Anteriormente, acrescenta a ANGOP, vários elementos da UNITA emboscaram um autocarro da empresa de transportes públicos na província de Huambo causando 25 mortos e 41 feridos civis e danificando aquela via-tura.

No dia 27 de Março elementos da UNITA lançaram duas granadas contra um grupo de pessoas que festejava o Carnaval em Kala (Huambo) ferindo 22 pessoas.

comunicação social

Páscoa sem salários

Alerta da Anop contra extinção da agência

«Uma acção de boicote e discriminatória nos departamentos governamentais das Finanças e da Comunicação Social impede que jornalistas, teletipistas e trabalhadores dos serviços administrativos da ANOP tenham direito ao legítimo pagamento do seu trabalho» — assim se lê numa mensagem dos órgãos representativos dos trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa aos Conselhos de Redacção, Comissões de Trabalhadores, delegados sindicais e conjunto de trabalhadores das empresas de Comunicação Social.

Sublinham aqueles órgãos re-

presentativos que «o que se está a passar, pelas indicações recebidas, mais não é do que o exterior de uma ilegal tentativa de extinção que a vontade e a acção da esmagadora maioria ajudou a derrotar».

E pormenorizando:

«Antes deste golpe, outros têm sido vibrados. Alguns órgãos de Comunicação Social cortaram o serviço da ANOP, alegando inadmissíveis razões financeiras. Conforme já foi publicamente denunciado, mais não foram do que pressões políticas exercidas sobre administrações. O resultado é certamente o prejuízo informa-

tivo para as Redacções.»

E ainda:

«Surdamente, a operação de extinção da ANOP continua. Continuaremos a trabalhar, porém, até ao limite das nossas possibilidades, para fornecermos um serviço noticioso correcto e útil a todos os subscritores.»

Confissão pungente:

«É certo que nos falta mais do que os salários. Não recebemos ordenado no fim do mês de Março. Começa a não haver dinheiro para róis de papel dos 'telexes' e para outras pequenas despesas — e é um facto que determinadas administrações continuam

a atacar a ANOP. A própria Banca beneficia com os seus empréstimos outras empresas e ignora a ANOP. Não são atribuídas à ANOP as verbas legais previstas no sistema de duodécimos, o que lhe permitiria pagar salários e trabalhar.»

E terminando:

«Este nosso alerta é também um pedido de solidariedade. Solidariedade para que esta derradeira e desesperada tentativa ilegal e revoltante de extinção da ANOP não decorra envolvida no silêncio da Comunicação Social ou submersa entre o ruído da campanha eleitoral.»

trabalho

Federação dos Gráficos procede judicialmente contra associação patronal

A Federação dos Sindicatos da Celulose, Gráfica e Imprensa anunciou que pediu à Procuradoria-Geral da República procedimento judicial contra a Associação das Indústrias Gráficas e Transformadora de Papel.

A denúncia ao procurador-geral da República deve-se a que a Associação Patronal «através de documentos, incitou as empresas suas associadas a condicionarem a aplicação de aumentos salariais à assinatura pelos trabalhadores de uma declaração em como estavam filiados na organização divisionista Sindigraf/UGT, ou da aceitação do contrato que assinou com esta organização» — acrescentou.

A federação sindical afirma que «esta actuação do patronato é ilegal» porque «viola preceitos constitucionais, a lei da contratação colectiva e a lei sindical,

induzindo à discriminação salarial em função da filiação sindical».

Anuncia ainda que enviou um documento ao ministro do Trabalho pedindo a sua intervenção no processo de revisão do contrato colectivo de trabalho do sector.

Acusa, o Ministério do Trabalho de «dar cobertura política à estratégia de má-fé negocial da associação patronal» por «sem adoptar as medidas técnicas necessárias ter dado por frustrado o processo de conciliação e se ter recusado a accionar o mecanismo legal seguinte que a lei determina: a intervenção administrativa através de portaria.

Resolveu ainda pedir uma entrevista urgente ao inspector-geral do Trabalho para «reclamar desse organismo uma intervenção adequada», nomeadamente quanto à retirada de direitos e regalias nas empresas.

Televisão moçambicana vai alargar período de emissão

A Televisão moçambicana vai alargar brevemente o tempo de emissão, revelou o director da estação, António Schawalbach. O plano, no entanto, está dependente da vinda para Maputo de dois técnicos da Radiotelevisão Portuguesa, prevista num acordo de cooperação concluído em Outubro do ano passado entre as duas estações emissoras.

Para conversações com responsáveis da RTP, destinadas a abreviar a vinda dos técnicos, bem como garantir a concretização de outros pontos do acordo, o director da TV moçambicana encontra-se presentemente entre nós.

Schawalbach afirmou já que a TV do seu país está especialmente interessada em acelerar também a frequência de estágios de quadros moçambicanos no Centro de Formação da RTP.

O acordo entre as duas estações tem vindo a ser aplicado em muitos dos seus aspectos, tendo a RTP entregue já à sua congénere moçambicana um carro de exteriores e outro equipamento.

A Televisão moçambicana encontra-se ainda a funcionar em fase experimental (uma vez por semana), não havendo ainda nenhum plano quanto ao início das suas emissões regulares.

Peru: quando justiça para os jornalistas assassinados?

Familiares dos oito jornalistas assassinados no Peru há meses mais uma vez protestaram contra a lentidão do governo em fazer justiça.

Em carta aberta dirigida à Imprensa peruana, os familiares das vítimas da chacina de Ayacucho de Achurajay pedem a intervenção da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, da Comissão de Justiça e Paz do Vaticano, e da Amnistia Internacional no sentido de os responsáveis pela matança serem submetidos a tribunal.

A comissão especial designada pelo governo peruano para

investigar a chacina chegou à conclusão de que os jornalistas haviam sido mortos pelos camponeses locais, aliciados que foram para tal por elementos do Exército.

O presidente do Supremo Tribunal do Peru, José Galvez, afirma, por seu turno, que não tem sido prestada à Justiça a ajuda necessária para a investigação e esclarecimento do crime.

Os familiares das vítimas, considerando que os autores do assassinio continuam em liberdade, afirma que «se está perdendo o respeito pela vida no Peru».

1.º de Maio em Lisboa

O ponto mais alto das comemorações do Dia do Trabalhador, que a CGTP-IN promove em Lisboa, será a manifestação do Martim Moniz para a Alameda Afonso Henriques, às 14 e 30, seguida de comício.

O programa para o 1.º de Maio na capital foi aprovado em plenário de sindicatos do distrito, tendo sido constituída a comissão dinamizadora distrital, que poderá incorporar sindicatos representativos, não filiados, que serão convidados para as comemorações.

Do programa fazem parte uma

prova internacional de atletismo, na cidade, uma manhã infantil, na Alameda Afonso Henriques, com pintura e modelagem, palhaços, música, robóticos e cantores, além de animação desportiva e uma exposição (também na Alameda) sobre os 22 pontos da CGTP-IN.

Na animação, quer da manhã desportiva, quer da manhã infantil, participarão bandas de música e ranchos folclóricos, além de outros artistas de variedades. Nos bairros da cidade haverá uma alvorada de foguetes ao som dos «zês pereiras».



APARTAMENTOS TURÍSTICOS, Ld.^a

Av. Fontes Pereira de Melo, 35-3.º D (Edifício Aviz)
1000 LISBOA Telef.: 535706/576865



**ALGARVE!!!
ARMAÇÃO DE PÊRA:**

- 2 Torres
- 260 Apart.
- C. Comercial polivalente
- Piscinas
- A 100 m. do mar
- Em construção

INCRÍVEIS PREÇOS E FACILIDADES DE PAGAMENTO

Conforme época e forma de pagamento:
Quinzenas de 64 a 495 000\$00 (COMPRÓPRIEDADE)

Conforme forma de pagamento e tipo (EM POSSE PLENA)

- APART. PARA ATÉ 6 PESSOAS, desde 2.125.000\$00
- Estabelecimentos comerciais desde 648.000\$00

DEFENDA AS SUAS ECONOMIAS DA INFLAÇÃO!

AINDA VENDEMOS:

— NA S.^a DA ROCHA: a 2 Km de A. de Pêra; 32 apart. na fase final de acabamento.

— Na SOLFÉRIAS/CARVOEIRO: Totalmente construído e equipado

SEPRE E ENVIE À ALRARVIZ
DAMOS TODAS INFORMAÇÕES

Nome: _____

Morada: _____

C.P. _____

Telef.: _____

páscoa 83

aproveite as facilidades de pagamento

ofereça electrodomésticos

☎ 2761631

BEPALIZ

R. Capitão Leitão, 47a ALMADA

Dentro de seis meses terão que entregar declarações

Riqueza dos próximos governantes já vai ter controlo público

A lei do «controlo público da riqueza dos titulares de cargos políticos», apresentada à Assembleia da República pela ASDI e aprovada por unanimidade na sua última sessão, em 4 de Fevereiro, foi hoje publicada no «Diário da República».

Segundo consta logo do seu artigo primeiro, «os titulares de cargos políticos devem apresentar, antes do início do exercício das correspondentes funções, ou em caso de urgência, no prazo máximo de 30 dias contados do dia desse mesmo início, uma declaração do seu património e dos seus rendimentos».

Dessa declaração deverá constar:

«A descrição dos elementos do seu activo patrimonial, ordenados por grandes rubricas, designadamente do pa-

trimónio imobiliário, de quotas, acções ou outras partes sociais do capital de sociedades civis ou comerciais, de direitos sobre barcos, aeronaves ou veículos automóveis, de carteiras de títulos, de contas bancárias a prazo e de direitos de crédito de valor superior a 100 salários mínimos, no País ou no estrangeiro»;

«A descrição do respectivo passivo, designadamente em relação ao Estado, a instituições de crédito e a quaisquer empresas, públicas ou privadas, no País ou no estrangeiro»;

«A menção de cargos sociais que exerçam ou tenham exercido nos 2 anos que precederam a declaração em empresas públicas ou privadas, no País ou no estrangeiro»;

«A indicação do rendimento colectável bruto, para efeitos de imposto complementar, bem como dos demais rendimentos, isentos ou não sujeitos ao mesmo imposto, sem inclusão dos rendimentos do cônjuge».

Sessenta dias após a cessação das funções que originaram a apresentação do documento referido, os declarantes deverão apresentar «idêntica declaração actualizada».

Acesso às declarações

As declarações deverão ser entregues ao Tribunal Constitucional, e ter-lhe-ão acesso «quaisquer cidadãos que justifiquem, perante aquele tribunal, interesse relevante no respectivo conhecimento, podendo ser dada publicidade, por decisão do mesmo tribu-

nal, a um extracto das mesmas, nos termos do seu regimento».

Nos termos da lei, os cargos políticos cujos titulares ficam sujeitos ao controlo público da riqueza são os seguintes: Presidente da República, deputado AR, membro do Governo, ministro da República para as regiões autónomas, membro de órgãos de Governo próprio das regiões autónomas, membro do Conselho de Estado, membro do Tribunal Constitucional, governador civil, presidente e vogal de câmara municipal e os que, por lei, venham a ser considerados políticos para os efeitos da presente lei. Entre estes contam-se, desde já, por equiparação, a cargo político, decretada do próprio texto da lei hoje publicada, os gestores de empresas públicas.

O Governo tem 90 dias após a entrada em vigor da lei para aprovar as disposições necessárias à sua aplicação. Como a lei só entrará em vigor de hoje a outros 90 dias, só dentro de seis meses o Governo terá que apresentar aquelas disposições.

O diploma estipula, igualmente, que os titulares de cargos políticos à data da sua entrada em vigor, disporão de 90 dias para apresentar a declaração respectiva.

Refira-se que, independentemente da lei da Imprensa, o texto hoje publicado prevê penas de prisão de 1 mês a 2 anos, sem prejuízo de indemnizações aos lesados, para os responsáveis pela publicação do conteúdo de declarações de riqueza que não coincidam rigorosamente com o que delas constar.

Ao mesmo tempo

que subiram

os preços

**Reforma
desceu para
os 60 anos
em França**

Os primeiros efeitos concretos do plano de austeridade decretado na passada semana pelo novo Governo de Pierre Mauroy fizeram-se sentir ontem com uma série de aumentos, ao passo que os franceses podem, a partir de agora, reformar-se com todos os direitos aos 60 anos.

A partir de ontem, a maior parte das tarifas públicas, electricidade, gás, transportes e telefones, aumentaram 8 por cento. As bebidas alcoólicas, por seu turno, foram contempladas com uma taxa de 1 franco (13 escudos e 50) por decilitro, ou seja, dez francos a mais por litro de «pastis» (bebida popular do Sul da França) e 7,5 francos por garrafa de «whisky».

O pão, a «baguette», barómetro tradicional dos orçamentos caseiros, aumentou dez centimos.

Finalmente, foi instaurada uma taxa parafiscal sobre os preços dos carburantes para os manter ao nível de 10 de Março passado, quando se sabia que devia registar-se hoje uma baixa por causa da diminuição dos preços da rama.

O ministro da Economia, Jacques Delors considera que estas medidas vão aumentar a inflação. Prevê, assim, um aumento de preços da ordem dos 817 por cento, contra os 8 por cento previstos para 1983.

Estes aumentos foram decididos em nome da «verdade dos preços» para tentar vencer os défices das grandes empresas nacionais, ao passo que as taxas sobre os alcoóis destinam-se a colmatar o défice da segurança social.

Esta série de aumentos poderia ter levado a qualificar este dia de «sexta-feira negra» para os franceses se, paralelamente, não tivesse sido aberta a possibilidade de reforma plena aos 60 anos. Esta última medida, reclamada desde há muito pelos sindicatos, deverá permitir às empresas contratarem jovens, contribuindo, assim, para os esforços do Governo para combater o desemprego.

**Espanhóis
já cederam
o suficiente**

*— dizem armadores
do Guadiana*

As concessões feitas pela Espanha no campo das licenças de pesca justificam uma mudança de posição do Governo português, afirma a Associação Armadores do Guadiana num documento divulgado na quinta-feira. O texto apresenta as posições dos «armadores e pescadores portugueses que até 31 de Dezembro último operavam nas águas espanholas e a que das mesmas águas têm absoluta necessidade para a sua sobrevivência».

As posições tomadas por outros armadores em defesa da intransigência do Governo português são criticadas pelos armadores do Guadiana, que salientam o facto de o Governo espanhol ter já aceite a redução das 477 licenças de pesca de que gozavam para 214.

Construção civil e comércio contra aumento das taxas de juro

A Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte (AICCOPN) defendeu na quinta-feira que o sector que representa «nunca devia suportar os agravamentos das taxas de juro», anunciadas pelo governo.

Esta posição da AICCOPN baseia-se «nas características próprias e função social» que representa o sector da construção civil e consta de um documento que enviou ao ministro das Finanças e do Plano.

No documento, onde analisa de forma crítica as medidas adoptadas pelo governo no domínio da política monetária e cambial, a AICCOPN considera «duvidoso que a elevação das taxas de juro tenha um efeito significativo sobre a poupança dos particulares, num momento em que as expectativas inflacionistas levam a uma aceleração da preferência pela detenção de activos reais».

Entre estes activos — refere a associação — figuram, designa-

damente, bens de consumo directo.

No entender da AICCOPN «o aumento do juro nominal poderá ser, pelo contrário, um facto de fortalecimento das expectativas inflacionistas e será, certamente, facto de agravamento do nível geral dos preços, devido ao acréscimo de custos a suportar pelas empresas».

A AICCOPN afirma não encontrar razão «suficientemente palpável para estas medidas de política cambial, já que a forte desvalorização do ano transacto tinha ultrapassado a mera compensação dos diferenciais de inflação relativamente aos principais países».

A AICCOPN admite que a possibilidade de capitalização dos juros «poderá representar um elemento favorável, na medida em que permite um alívio de encargos na fase inicial do investimento».

No entanto — adverte — «a impossibilidade de manter as bonificações, no caso de se optar por

aquele esquema, elimina parte das suas virtualidades e significa um enfraquecimento das selectividades do crédito».

O texto refere ainda que «estas medidas são duplamente gravosas para a indústria da construção, porque representam um agravamento das condições de financiamento das empresas e implicam um sensível aumento dos encargos a suportar pelos potenciais adquirentes quando estes recorram ao crédito à habitação».

Por isso, a AICCOPN antevê «uma mais forte retracção na procura de habitação, com o consequente agravamento da profunda crise existente no sector».

Golpe de misericórdia

no comércio

A União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa considerou o agravamento das taxas de juro sobre o crédito bancário, como «golpe de misericórdia» nas empresas comerciais.

Em comunicado, a referida União de Associações acrescenta que «a menos que o governo leve à prática imediata as medidas legislativas compensatórias, as empresas comerciais chegarão, a curto-prazo, à ruptura de tesouraria e à insolvência declarada».

O documento salienta que as empresas comerciais «já descapitalizadas pela carência de medidas fiscais incentivadoras, pela lei iníqua, ainda em vigor, dos arrendamentos e pelas naturais pressões de largos sectores da indústria, são cada vez mais obrigadas a recorrer ao crédito mas já não suportam os juros que agora lhes são exigidos».

A União das Associações de Comerciantes de Lisboa reclama publicamente que o governo ainda em funções tome as «medidas providenciais» capazes de evitar «a falência de um largo e activo sector» sem o qual, — salienta — «a economia portuguesa não poderá, primeiro, subsistir e, depois, recuperar».

DELEGADOS DE PUBLICIDADE

Para jornal diário e outras publicações, com e sem experiência:

EXIGE-SE:

- Boa apresentação
- Bom nível cultural
- Facilidade de argumentação
- Dinâmico

Resposta detalhada com curriculum ao n.º 6302 deste jornal.

FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE LISBOA 1983

A C.M.L., no prosseguimento das suas acções de âmbito cultural e animação da cidade de Lisboa, decidiu promover o Festival de Teatro Amador 1983. Procura-se desta forma dar incentivo e apoio às Sociedades de Recreio e Grupos Amadores sediados no Concelho e eventualmente, no Distrito de Lisboa.

São admitidos apenas agrupamentos constituídos por amadores, designadamente grupos cénicos das sociedades de recreio, grupos de empresas ou de estudantes com sede no concelho de Lisboa.

O Festival constará da apresentação num Teatro Municipal de dez agrupamentos amadores e será precedido de um concurso para selecção desses dez agrupamentos.

A inscrição provisória ao Concurso terá lugar até 15 de Abril de 1983, por meio de carta a enviar a Repartição de Espectáculos da C.M.L., R. das Portas de St.º Antão, 141 — 1100 Lisboa, da qual deverá constar, Nome do Grupo, sede, «curriculum», indicação dos responsáveis e formas de contacto com os mesmos.

Os interessados em adquirir o Regulamento do Festival, onde consta o apoio técnico, subsídio de montagem e prémios, deverão dirigir-se à Repartição de Espectáculos e Turismo da C.M.L. — Rua das Portas de St.º Antão, 141 — 1.º, das 14 às 17 h, nos dias úteis.

Uma
Iniciativa
da



CÂMARA
MUNICIPAL
DE
LISBOA



DESPORTO

ponça esquerda

Hóquei patinado: "doping" confirmado

A contra-análise do exame anti-"doping" ao guarda-redes de hóquei em patins Franquelim, deu resultado positivo. O guarda-redes do Juventude de Viana foi submetido ao controlo anti-"doping" no final do encontro que a sua equipa disputou em casa, frente ao Sanjoanense, em 5 de Fevereiro para o campeonato da 1.ª divisão. Depois do resultado positivo, Franquelim solicitou a realização da contra-análise, que confirmou a ingestão por parte do atleta de uma substância dopante denominada "codeína" e que é um derivado da morfina. No boletim que os atletas sujeitos ao controlo anti-"doping" assinam após a recolha do líquido orgânico, o guarda-redes do Juventude de Viana não indicou qualquer fármaco que lhe estivesse a ser ministrado. De acordo com os regulamentos do controlo anti-"doping", Franquelim será, no mínimo, castigado com seis meses de suspensão.

Amigos do alheio nas Antas

O árbitro Albino Nogueira, que dirigiu o encontro FC Porto-Penafiel (a contar para a Taça da Associação do Porto), ficou sem uma aliança de ouro, segundo o seu juízo, de 12 000\$00. Por sua vez a um dos fiscais de linha foram roubados 6000\$00. De referir que a equipa de arbitragem se equipou nos balneários do campo de treinos.

FC Porto: antigo tesoureiro credor de 93 mil contos

Do nosso prezado colega «A Capital»:
«O FC Porto deve ao seu antigo tesoureiro, Alfredo Basto, a quantia de 93 193 098\$20, cujas livranças se venceram no passado dia 31 de Dezembro.

«Aquele dirigente confiou ao dr. Avelino da Rocha Ribeiro (advogado e antigo presidente do Leixões e da Associação de Futebol do Porto) a missão de diligenciar no sentido de salvaguardar a validade dos títulos em questão.

«Interrogado sobre se tinha procedido judicialmente contra o clube, Alfredo Basto afirmou que tal não era verdadeiro, pois estava ciente das enormes dificuldades por que passa o FC Porto.

«Alfredo Basto explicou ter, apenas, pedido para serem substituídos os títulos em causa, de forma a não perderem a validade, visto que da sua parte seria 'profundamente irrealista' pedir o pagamento da dívida. Acrescentou não existir nenhum contencioso entre ele e o presidente do clube das Antas (Jorge Nuno Pinto da Costa) e que, por isso, se houvesse da sua parte intenção de levantar um processo, o responsável principal dos «azuis e brancos» seria o primeiro a saber.»

Joaquim Campos: sede de candidatura

A comissão de apoio ao árbitro internacional Joaquim Campos, para o Conselho Nacional de Arbitragem, cujas eleições se efectuam a 8 do corrente informa que a sede de candidatura passará a funcionar das 21 às 23 horas na Av. Duque D'Ávila, 65, 3.º (Lisboa), com o telefone 531720. Os assuntos referentes ao candidato citado serão tratados neste local. Esta chamada de atenção é dirigida a todos os árbitros de futebol.

Ciclistas juniores: multas em dinheiro

Num desporto que (o mais falsamente possível) foi rotulado de amador, continuam a suceder casos insólitos. Veja-se: ugora mesmo a Associação de Ciclismo do Sul deliberou punir com a multa de 1.000\$00 os ciclistas da categoria de juniores Luís Manuel Gonçalves Agostinho Janeiro, Hélder Alexandre da Piedade Lopes (ambos do Carmide Clube) e António Manuel Barbosa Duarte (Sport Clube Escolar Bombarralense), em face do n.º 15 da Tabela de Penalidades do R. G. T. C. — prova «Comissão de Festas de Nafarros».

Sem comentários.

Andebol louva um árbitro

A Associação de Andebol do Porto decidiu louvar o árbitro Humberto da Silva Monteiro, pelo elevado espírito desportivo patenteado no jogo de juvenis entre o Futebol Clube de Gaia e o Colégio dos Carvalhos, pois que tendo sido vítima de uma agressão física por parte de uma atleta, continuou mesmo em condições precárias a dirigir o referido encontro. A direcção reconhece ser de toda a justiça realçar este facto, pelo que representa de exemplo de dedicação à causa do Andebol».

Vandalismo no Lazio-Roma

Os juizes desportivos italianos analisaram os graves incidentes registados na 4.ª feira no final do jogo, entre o Roma e o Lazio, de que resultaram alguns futebolistas feridos. Um grupo de pessoas apedrejou e espancou os jogadores do Roma (líder do campeonato italiano de futebol) e eterno rival do Lazio. O «capitão» Di Bartolomei, o austriaco Prohaska e o jovem Di Mauro tiveram de receber tratamento hospitalar, devido a feridas na cabeça. Faccini, Iorio e Chierico sofreram contusões no rosto e apresentavam no corpo marcas de pontapés e socos.

O encontro entre os dois rivais da capital italiana terminou empatado a um golo e, no final, mais de cem adeptos do Lazio lançaram-se contra os jogadores do Roma, atirando pedras e agredindo-os a pontapé e a soco. A rápida intervenção da Polícia evitou que os jogadores romanos sofressem maiores agressões.

“Taça”: Benfica ou Sporting?

A 2.ª etapa dos quartos de final da «Taça de Portugal» tem hoje os três jogos que prolongam o Porto-Braga. (3-0). Todos estão programados para se iniciarem pelas 16 horas; e o leitor anote que, se houver empate no final dos 90 minutos, os encontros serão prolongados por meia hora e, se mesmo assim o nulo persistir, haverá novo jogo no campo do clube que for esta tarde visitante. Uma excepção: por ter visto o «Municipal» de Coimbra interdito, quando ali actuava, o «team» conimbricense, se tiver de realizar novo duelo com os homens de Arcos, é obrigado a escolher um rectângulo diferente daquele onde costuma receber as visitas.

Todos sabem os jogos para hoje: Benfica-Sporting (Luz), Portimonense-Boavista (no estádio algarvio) Arcos de Valdevez-Académico de Coimbra (em Arcos de Valdevez).

se-Sintrense (2-4), Pêro Pinheiro-S.L. Olivais (0-1), Vialonga-Montijo (1-1).

SÉRIE F: Moitense-Esperança de Lagos, (0-2, na 1.ª volta), Louletano-Silves (0-4), amanhã, às 16 horas), Alvorense-Pescadores (0-2), Seixal-Almada (0-1), Estrela V. Novas-Despertar (1-2), Trafaria-Comércio e Indústria (0-0), Santiago do Cacém-Quarteirense (1-1) e campinense-Lusitano V.R. (0-1).

Meninos do Porto

A equipa infantil do F. C. do Porto venceu a selecção de Vigo (2-0) em jogo a contar para o Torneio Internacional de Futebol Infantil de Vigo. Ao intervalo o F. C. do Porto ganhava por 1-0, golo de Festas, aos 18 minutos. O mesmo jogador elevou o marcador para 2-0 com um golo obtido aos 49 minutos, na transformação de uma grande penalidade.

partir das 16h45 de 2.ª feira em St. Malo. A iniciativa deste torneio anual, que se disputa pela 18.ª vez, cabe aos nove clubes de futebol de St. Malo, com principal destaque para a Union Sportive de St. Malo, cujo presidente é Jacques Forest.

A equipa portuguesa deverá utilizar os seguintes jogadores: Francisco Mota, João Sérgio Louro, António Caetano, Manuel Simões, António Carlos Oliveira, António Fernando Ribeiro, Júlio Sérgio Santos, Fernando Costa, António Santos, Carlos Carvalho, Rui Eugénio, Germano Santos, Luís Ferrinho, Luís Carvalho, Paulo Futre e Rui Formosinho.

Iniciados vimanarenses

A equipa de iniciados do Vitória de Guimarães disputa amanhã e 2.ª feira o torneio internacional de futebol organizado pelo Stade de Sens. É a segunda pa-

Honka (Finlândia), Lauterach (Áustria), Hardevijk (Holanda) e as equipas italianas de Asar Riccione e Senigallia.

Torneio em Régua

O Sport Clube da Régua promove este fim-de-semana o quarto Torneio da Páscoa para a categoria de iniciados. Participam no torneio as equipas do Sporting Clube de Portugal, Sporting Clube de Braga, a selecção da Associação de Futebol de Vila Real e do clube organizador.

Lá por fora

Jogos efectuados a contar para o campeonato europeu: Escócia, 2-Suíça, 2; RDA, 1-Bélgica, 2; Inglaterra, 0-Grécia, 0; Irlanda do Norte, 2-Turquia, 1; Malta, 0-República da Irlanda, 1 e Albânia, 1-RFA, 2. Encontro particular: Roménia, 0-Jugoslávia, 2.

França

O Nantes, classificado no campeonato da França deixou escapar um ponto perante o Auxerre na 30.ª jornada. Eis os resultados: Lille - Mulhouse, 4-0; Strasbourg - Paris SG, 1-1; Sochaux - Nancy, 0-1; Auxerre - Nantes, 1-1; Tours - Monaco, 2-2; Rouen - Saint Etienne, 0-1; Lyon - Brest, 2-0; Laval - Bastia, 1-0; Toulouse - Bordeaux, 0-1; Metz - Lens, 2-1.

Classificação: Nantes, 46 pts; 2.º Bordeaux, 39; 3.º Paris SG, 37; 4.º Monaco, 35; 5.º Laval, 34; 6.º Lens, 33; 7.º Brest, 31; 8.º Auxerre, 30; 9.º Nancy, 29; 10.º Sochaux, 29; 20.º Lyon, 22.

Holanda:

«Taça»

Resultados dos jogos da 1.ª «mão» das meias finais da «Taça da Holanda»: Ajax-PSV Eindhoven, 2-0 e Haarlem-Nec Nimega, 2-2. A 2.ª «mão» realiza-se no dia 13.

«Taça do Rei»

Real Sociedad e Barcelona perderam por 0-1 os seus jogos disputados fora da 1.ª «mão» dos quartos de final da «Taça do Rei». Resultados da 1.ª «mão» dos quartos de final da «Taça do Rei»: Real Madrid-Sevilha, 2-1; Atlético Bilbao-Barcelona, 1-0; Espanhol-Gijón, 1-0; Valladolid-Real Sociedad, 1-0.



Bento e Humberto comandam último apronto do Benfica

Outros encontros oficiais vão processar-se às 16 horas de hoje. Na 3.ª divisão, Série B: Amarante-Marco, no campo Amélia Mota, Salvador do Monte, às 16 horas. Na 2.ª, Zona Norte: Bragança-Leça, no estádio Municipal, às 16 horas.

Antecipações

Resultados dos jogos antecipados da 21.ª jornada do Campeonato da 3.ª Divisão, na Série E: Olivais e Moscavide - Cacém, 4-0; e Estrela da Amadora - Tires, 2-0. Série F: Louletano - Silves, 1-4.

Divisão 3

Prossegue hoje o campeonato nacional da 3.ª Divisão com os seguintes embates na Série A: Felgueiras-Moreirense (no jogo da 1.ª volta, que não terminou, foi atribuída a derrota a ambas as equipas, após processo disciplinar), Macedo Cavaleiros-Merelinense (0-1), Ponte da Barca-Valenciano (0-2), Neves-Aves (0-1), S. Martino-«Os Limianos» (0-1), Monção-Vianense (2-1), Fafe-Cabeceirense (1-0) e Coelima-Mirandela (1-2).

SÉRIE B: Ermesinde-Ribeirão (0-0, na 1.ª volta), Esmoriz-Paredes (0-2), Lamego-Lixa (1-1), Tirsense-Valadarens (2-0), União Lamas-C.D. José Alves (0-2), Amarante-Marco (1-2), Campo Amélia Mota, em Salvador do Monte, Vilanovense-Vila Real (1-0) e Infesta-Paços de Brandão (0-1).

SÉRIE C: Alcains-Poiães (1-6, na 1.ª volta), Naval-Tondela (0-3), Seia-Mangualde (1-1), Esperança-Viseu e Benfica (0-2), Guarda-Lusitano de Vilemoinhos, (0-1), Mealhada-S.C. Barco (1-0), Penalva Castelo-S. Romão (1-2) e Ourense-Quairos (0-0).

SÉRIE D: Cartaxo-Atouguense (0-3, na 1.ª volta), Caldas-União de Tomar (0-2), S. L. Marinha-Mariaivas (0-0), Almeirim-União de Santarém (0-0), Torres Novas-Marinhense (0-1), Alferrarede-Bombarralense (0-1) e Alvaizere-Niza e Benfica (0-2).

SÉRIE E: Olivais e Moscavide-Cacém (1-2, na 1.ª volta), (amanhã, às 16 horas), «O Coruchem-

Sob a arbitragem de Ribeiro Correia as equipas alinharam:

F. C. do Porto: Alexandre: Adelino, Dias, Moura e Festas; Berto (Toninho), Rosas e Fonseca (Tozé); Cunha, Carlos Alberto e Chico Nelo (Grilo).

Selecção de Vigo: José Ramon; Dani, Juan, Vasquez (Mário II), e Mário; Fernando (Miguel II), Miguel I e Cimadevila (Javier); Covelo (Villar), Mateo e António.

Após este jogo a classificação do grupo é a seguinte: 1.º, Sporting de Gijón, 4 pontos; 2.º, F. C. do Porto, 2; 3.º, Selecção de Vigo, 0.

Para o Grupo B do torneio, a selecção de Galícia ganhou ao Real Madrid (1-0), golo de Angel, aos 19 minutos. Sob a arbitragem de Conde Taboada as equipas alinharam:

Real Madrid: Dimanuel: Castilla, Tomás, Roda e Castrillo; Crespo, Exposito (Riesgo) e Hernando (Alcazar); Josito (Lopez Mastrin), Dino e Bohoyo.

Selecção de Galícia: Jesus; Silvio, Santi (Hector), Aneiros e Capelan; Miguel, Frank e Angel; Arda, Juanma e Jorge (Botana). Classificação do Grupo B: 1.º, Selecção de Galícia, 4 pontos; 2.º, Vitória de Guimarães, 2; 3.º, Real Madrid, 0.

Torneio de St. Malo

Portugal defronta hoje a Suécia no seu 1.º jogo a contar para o Torneio Internacional de Juniores de St. Malo, na Bretanha (França).

Jogos previstos para hoje em St. Malo: Dinamarca - Checoslováquia, Bêlgica - Hungria, Suécia - Portugal e França - Holanda. Em Combourg (perto de St. Malo): Bêlgica - Portugal, Suécia - Hungria. Em Dinard (perto de St. Malo): Finlândia - Checoslováquia e França - Dinamarca.

Amanhã à tarde terão lugar os seguintes jogos, a serem disputados todos em St. Malo: 13h30 - Hungria - Portugal; 14h45 - Dinamarca - Finlândia; 16h00 - França - Checoslováquia; 17h15 - Suécia - Bêlgica.

A final do torneio terá lugar a

ticipação do Vitória de Guimarães neste torneio internacional em Sens, 120 quilómetros a sueste de Paris. Em 1980, os vimanarenses venceram os seis jogos disputados, mas perderam o torneio por grandes penalidades.

Participam igualmente neste torneio as turmas francesas de Paris St. Germain, Poissy, Colmar, Auxerre, Alliance de Colmar e a do clube organizador. As equipas estrangeiras que estarão presentes são, além da vimanarense, Fribourg (Alemanha Federal), Liège e Kortrijk (Bélgica), Lausanne Sport (Suíça),

Meninas ao chuto

Portugal-Suíça: amanhã, em Coimbra

Com bilhetes entre os 80 e os 200 escudos, mais torrentes de entradas gratuitas facilitadas a milhares de possuidores de variados cartões, realiza-se, amanhã pelas 16 horas, no Estádio Municipal de Coimbra, o jogo entre as selecções femininas de Portugal e da Suíça, que conta para o grupo europeu de apuramento. Lista das convocadas e os clubes a que pertencem: Fernanda Seabra, dos Aliados (Londelo); Gracita, Adelaide, Ana Cristina e Paula Correia, (União de Coimbra); Maria Vera, Nela Gonçalves e Maria Manuela Alves (do marítimo do Funchal) Conceição Cerqueira, (Elevadores Fortis), Rosa Nunes (Leixões) e Gena, Albertina, Paula Leça, Paula Freitas, Alfreidina, Fátima Pinto e Eva (Boavista).

Vá ao Jamor

Este é um convite firme: vá ao Jamor, leitor. Esta tarde, no campo n.º 2, inicia-se o torneio internacional de futebol feminino organizado pelo jovem Canos Fu-

O traço de Pargana



DESPORTO

"Taça": Porto, 3-Braga, 0

Já vi treinos melhores

Vencer sem convencer podia ser o título deste jogo entre portistas e bracarense, disputado em Sexta-Feira Santa, perante cerca de 40 mil pessoas. Uma paz de alma, ou se quiserem, uma partida para bocejar a maior parte do tempo, já que a rapaziada resolveu associar-se à quadra que atravessamos e optou pelo «recolhimento» de parceria com a abstinência (de futebol). Não houve jejum, visto que os arietes «azuis e brancos» depenaram por três vezes no pitêu minhoto, mas a verdade se diga que os «roijões à moda dm Minho» ou o «cozido à portuguesa» (se preferirem) estava demasiado insofocável...

Alguns lampejos (poucos), não deram para justificar o sacrifício que muitos fizeram para desembolsar os «maravedis» em duas semanas consecutivas e, também, para arrostar com uma nortada de bater o dente. A culpa do mau espectáculo terá de ser repartida pelas duas equipas, embora a parte de «leão» deva caber aos pupillos de Pedroto que, tal como havia acontecido frente ao Benfica, voltaram a evidenciar pouca imaginação e grande dificuldade para vencer a forte oposição dos arsenalistas.

A avaliar pelos primeiros minutos, do jogo, julgamos que a intenção dos bracarense seria não sofrer golos. Com efeito, ao enveredarem por uma marcação individual muito apertada, sobretudo aos «homens-golo» do FC Porto (Gomes e Walsh), os minhotos disseram ao que iam desde muito cedo, pelo que se sujeitaram também a uma constante pressão, da qual, aliás, viriam a resultar os saborosos «frutos» da vitória portista. Êxito que começou a desenhar-se logo no dealbar da partida mas que tardou a consolidar-se. Quando (aos 8 minutos) os «azuis e brancos» lograram adiantar-se no marcador, admitiu-se que a questão estava resolvida facto, dada a forma como a defesa bracarense tinha soçobrado em tão curto espaço de tempo, nada mais natural do que a confirmação daí a pouco e (quicá) uma goleada. Mas não: ao golo sucedeu a monotonia, quebrada aqui e além por uma ou outra jogada mais espectacular. E quanto a golos, nada.

Veio o intervalo e com ele uma

modificação no xadrez arsenalista: saiu Nélio (médio) entrou Germano (avancado). O Braga surgiu, então, um pouco mais afoito, com três dianteiros em vez de dois e o último reduto «azul e branco» correu algum perigo. O equilíbrio porém, depressa cedeu lugar ao domínio da turma da «casa» que todavia, continuava a pecar por falta de objectividade. Muitos passes lateralizados, corridas loucas, com o esférico, «rodiguinhos» e mais «rodiguinhos» e o público a bocejar por entre assobios de desagrado. **Tenho visto treinos muito melhores** — afirmou um camarada sentado ao nosso lado, perante o triste espectáculo que vinhamos presenciando. Quis o acaso, porém, que os bracarense ficassem reduzidos a dez unidades por expulsão de Serra (2.º amarelo aos 70 m) e, a partir daí, o FC Porto não só consolidou a sua vantagem, como fez jus a um resultado mais dilatado. De resto, uma situação já esperada: o contrário é que seria de estranhar...

Refira-se, entretanto, que Gomes foi um jogador particularmente em evidência por duas razões: porque esbanjou diversas oportunidades de baliza aberta e, desta feita, não falhou o «penalty» com que a sua equipa fechou a contagem. Saliente-se, a propósito, que o público afecto à turma portista exigiu (como não há memória) que Gomes demonstrasse como se marca um castigo máximo e o goleador — mor das Antas, cumprida que foi essa tarefa, ajoelhou, visivelmente eufórico, por ter conseguido vencer um complexo que o vinha «atormentando».

Nada a opor, por conseguinte, ao triunfo do FC Porto, embora se deva dizer que a arbitragem de Rosa Santos, nos pareceu demasiado caseira no julgamento de certas faltas duvidosas. Os bracarense protestaram algumas vezes e com razão, o que podia ser evitado com um pouco mais de isenção. No tocante ao «penalty» (também muito contestado pelos minhotos) julgamos que o juiz da partida agiu bem, visto que Costa foi mesmo desviado por Paris, quando se esgueirava para a linha final.

Manuel Neto

Árbitro: Rosa Santos (Beja), auxiliado por Joaquim Rosa (bancada), Francisco Lobo (arquibancada).

FC Porto: Zé Beto, João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Jaime Pacheco; Frasco (Quinto, aos 80 m), Rodolfo e Sousa (Jaime Magalhães, aos 86 m); Walsh, Gomes e Costa.

Braga: Valter; Artur, Paris, Dito e João Cardoso; Serra, Nélio, (Germano, na 2.ª parte), Vítor Oliveira e Vítor Santos; Fontes e Wando.

Marcadores: Gomes (8 e 84 m, sendo este de «penalty») e João Cardoso (79 m, na própria baliza). Cartão amarelo: Serra (27 m), Lima Pereira (41 m), Jaime Pacheco (70 m) e Fontes (83 m). Cartão vermelho: Serra (70 m).

Basquetebol feminino eliminado da Europa

Portugal perdeu (45-102) frente à Espanha, na última jornada da fase preliminar do Campeonato Europeu de Basquetebol para juniores femininos. No outro jogo, Israel bateu a Escócia por 88-37. A Jugoslávia e a Espanha foram as selecções apuradas para a fase final do campeonato, que decorrerá em Junho, em Itália.

Classificação final: 1.ª, Jugoslávia, 8 pontos; 2.ª, Espanha, 7; 3.ª, Israel, 6; 4.ª, Portugal, 5; 5.ª, Escócia, 4.

Recorda-se que, na 5.ª-feira, Portugal fora derrotado por Israel: 41-83.

A jogadora portuguesa Isabel

Pascoal foi a melhor marcadora da fase preliminar do campeonato: obteve 87 pontos nos quatro jogos disputados.

O treinador da selecção portuguesa, o jornalista Vítor Hugo, disse que «Portugal fez o que lhe foi possível, atendendo a que no País existem apenas 425 jogadoras juniores inscritas».

Vítor Hugo salientou o facto de noutros países presentes na competição esse número atingir os três mil. Importante (agora) é que as jogadoras não se dispersem pelos clubes, ao regressarem a Portugal, e continuem a treinar juntas com vista ao próximo campeonato — concluiu.

Clubes e Totobola na primeira linha da nova gerência do nosso futebol

A luta eleitoral pelo domínio do futebol português terá acabado da melhor forma? Essa é a sugestão que ressalta da escolha do dr. Silva Resende, que bateu sobre o risco uma eventual continuidade de Romão Martins. Um «derby» em que os «leões» ultrapassaram o representante benfiquista, talvez porque Romão Martins foi, lentamente, ganhando animosidade da direcção do seu clube e, agora, era já vivamente contestado no emblema da Luz.

O dr. Silva Resende foi eleito, na 2.ª volta do acto eleitoral. As 22 associações de futebol do País atribuíram 192 votos à lista presidida pelo dr. Silva Resende e 163 à lista encabeçada pelo presidente da FPF ainda em exercício (Romão Martins). Verificaram-se 10 votos brancos e outros tantos nulos, perfazendo, assim, o total de 375 votos.

Na 1.ª volta, realizada há uma semana, os 185 votos obtidos pelo dr. Silva Resende contra os 180 de Romão Martins, não foram suficientes para a sua eleição, pois não atingiram a maioria absoluta (188) das associações presentes, como estipula o regulamento. A Associação de Aveiro, discordando da decisão do presidente da assembleia geral (dr. Leite Faria) de proceder a uma 2.ª volta, apresentou um recurso para que os 10 votos nulos escrutinados fossem retirados e não contassem para a obtenção da referida maioria absoluta.

Coimbra: «delegado pirata»

O recurso não foi logo apreciado, devido às associações supostamente apoiantes de Romão Martins terem abandonado a assembleia que, assim, carecia de «quorum» para tomar qualquer decisão, resolvendo o dr. Leite Faria que passaria a figurar como primeiro ponto da ordem de trabalhos de nova reunião. No entanto, na abertura da assembleia, o delegado da Associação de Aveiro (Azevedo Félix), que também faz parte do elenco eleito, informou que desistia da discussão e votação do recurso, deixando pressupor que a vitória do dr. Silva Resende em segundo acto eleitoral era um facto adquirido. Isso confirmou-se com a votação das 22 associações, pois a lista do dr. Silva Resende conquistou um triunfo claro, caso se considere que, mesmo sem precisar dela nesta 2.ª volta (bastava a maioria simples), os 192 votos obtidos correspondem a uma vitória por maioria absoluta.

Na abertura da assembleia, o dr. Leite Faria lamentou a presença na reunião anterior do chamado «delegado pirata», numa alusão ao representante de Coimbra (Pinto Gomes) que depois de intervir nos trabalhos votacionais, quando se passava à votação do recurso, que não estava credenciado, impedindo a existência de «quorum». Disse, ainda, o dr. Leite Faria, que estava salvaguardado o secretismo do voto através da criação de um boletim semelhante ao utilizado nas eleições legislativas, impedindo, assim, o controlo da expressão do voto das associações, como acontecera na 1.ª assembleia.

«Luta salutar»

Após o acto eleitoral, o dr. Leite Faria anunciou a tomada de posse da nova direcção para o próximo dia 5 e o primeiro secretário da mesa da assembleia geral (Melo Coelho) dirigiu palavras de despedida do cargo que desempenhou durante 11 anos

consecutivos. Por seu lado, o dr. Silva Resende começou por elogiar a actuação do dr. Leite Faria, garantindo que a sua permanência na presidência da assembleia foi um factor decisivo para que aceitasse candidatar-se a estas eleições. Disse (depois) que o acto eleitoral realizado tinha de ser visto por dois ângulos. O da mudança, pois pela primeira vez, as associações assumiram a responsabilidade da escolha (antes existia um sistema de rotatividade) e o da convicção de que lutar por um lugar no futebol «é salutar e saudável».

Transmitiu uma palavra de amizade aos que foram eleitos e afirmou que, apesar de não concordar com certas práticas verifi-



Silva Resende: a tarefa de dar uma grande volta ao futebol

çadas na campanha eleitoral, preferia «continuar a guerrear os erros e a amar os homens».

O dr. Leite Faria acrescentaria, também, que não houve vencedores nem vencidos. «Quem triunfou e venceu no lugar próprio foi o futebol, extraindo-se a lição de que as instituições serão sempre a vontade dos membros que as constituem», disse. «Sobre os eleitos fica a pesar a tarefa de estarem à altura da realização ética e material das suas obrigações e deveres. Sobre os que não obtiveram mais votos recai o dever de estarem, física e espiritualmente, com os que foram escolhidos», referiu, ainda, o presidente da assembleia geral.

Programa próximo

O saneamento financeiro e desportivo do futebol, envolvendo as relações clubes-jogadores, clubes-FPF e legislação que regulamente o Totobola, são os principais objectivos do elenco presidido pelo dr. Silva Resende. Em declarações aos órgãos de Comunicação Social, o novo presidente federativo considerou que as Associações, ao expressarem o seu voto, **demonstraram confiar em que este elenco será capaz de ajudar a dinamizar três ou quatro obras que há para fazer.** Alertou (porém) para o facto de ir ser difícil realizar tudo em dois anos **mas do que não haja dúvidas, é que vamos tentar mudar algumas coisas,** disse.

Considerou urgente o saneamento financeiro da modalidade, **para o que é fundamental a participação de todas as pessoas, desde o público aos dirigentes, bem como o seu saneamento desportivo, através da disciplina e do princípio da autoridade.**

Depois de lembrar que ajudou a fundar o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol **conseguindo-se um instrumento de trabalho que era justo,** apontou para a necessidade de um clima **são e justo nas relações laborais clubes-jogadores. É preciso (acrescentou) rever agora essa relação laboral, porque a injustiça que**

antes estava institucionalizada contra os jogadores passou a ficar institucionalizada contra os clubes.

Otto Glória

Defendeu a atribuição de meios de trabalho aos clubes, **quase todos em crise financeira, de que resultam, depois, as crises de relações e de actuação.** Sempre em defesa dos clubes, o dr. Silva Resende considerou-os as **células mães do futebol** e que, por isso o **contencioso clubes-federação têm de acabar, pois o futebol não será saudável se não houver estabilidade e boas relações.** Acrescentou que a lei que disciplina os lucros do totobola deve ter em atenção os interesses dos clubes **o que não tem acontecido face a decretos-lei criados no anterior regime e que continuam estranhamente em vigor.** Salientou (contudo) que a questão do Totobola passa pelos poderes públicos, mas que tudo irá fazer para que **o Governo revogue uma lei perfeitamente iníqua.**

Afirmou desconhecer a situação actual do seleccionador nacional, Otto Glória, com quem nunca falou, mas que não hesitaria em pedir auxílio à direcção em exercício no sentido da clarificação do problema. **No entanto, posso garantir que é nossa intenção darmos a Otto Glória todas as condições de trabalho que considerarmos justas,** garantiu.

Quanto à coincidência de jogos da selecção com a actividade dos clubes, nomeadamente o Benfica (presente na Taça UEFA) foi claro em dizer que os interesses do único clube português em competições europeias têm de ser defendidos. **Se os jogos particulares da selecção colidirem com os interesses do Benfica, não hesitaremos em fazer as alterações que forem possíveis,** revelou. Sobre este problema, acentuou que a actividade internacional dos clubes e da selecção **tem de ser devidamente harmonizada.**

Futebol feminino

O dr. Silva Resende considerou complexo o problema das relações clubes-Televisão: **Há interesses que nos escapam,** disse. Afirmou, no entanto que nessa questão tem faltado, também um **clima de negociação séria, generosa e ampla, clima esse que é preciso restituir ao futebol.**

Instado a pronunciar-se sobre a exagerada idade dos juvenis portugueses que tem actuado no europeu da categoria, disse **tratar-se de um lapso que não pode repetir-se, para a honra do futebol português e por respeito para com o esforço dos próprios jovens.**

Sobre o futebol feminino, disse: **é como o amor: acontece.** Referiu, porém, que esta nova classe de praticantes em Portugal **nasceu adulta** e salientou que a primeira selecção masculina perdeu na estreia por 9-0, **enquanto as raparigas têm feito exhibições prometedoras.** Temos de as apoiar porque **levam nas camisolas o nome de Portugal e tentaremos fazer um campeonato nacional, ainda que tenha de se cingir, para já, apenas a certas manchas regionais,** acrescentou.

Disse esperar muito do próximo Congresso do Futebol, apesar de não ser deliberativo, **porque chama a si todos os parceiros da modalidade, passando os clubes a falar directamente por sua própria voz, cujos dirigentes têm uma grande experiência que deve**

ser aproveitada pela Federação.

Por todas as questões que abordou, o dr. Silva Resende considerou que o mandato **tem o seu lado amargo,** mas que **há que enfrentá-lo com justiça e isenção,** acrescentando que não lhe interessava saber quais as Associações que votaram na sua lista: **Foi o futebol que elegeu e isso é que é importante, concluiu.**

Os presidentes dos dois únicos clubes, (Sporting e Boavista) que assistiram às eleições da Federação Portuguesa de Futebol, consideraram a escolha do dr. Silva Resende como «a vitória dos clubes». João Rocha acentuou que este êxito é de todos os clubes do país e não apenas do Sul, **como alguém pretendia fazer crer antes do acto eleitoral.** Revelou que, um pouco antes da eleição, recebeu um «telex» do Varzim em que desejava que **alguma coisa de diferente se passasse para salvaguarda dos clubes.** Manifestou a esperança de que, a partir de agora, problemas como a portaria reguladora das relações clubes-jogadores, Totobola e Televisão, **sejam frontalmente atacados.** Sobre o Totobola, comentou tratar-se de uma razão que assiste aos clubes e confirmou que enviou uma carta àquele organismo a informar que o seu clube não voltaria a permitir a inscrição do seu nome nos boletins. Interrogado sobre a força que os clubes têm para impedir isso, João Rocha disse que a Federação é que indica os jogos do boletim, mostrando-se convicto de que esta não irá certamente contra a vontade das colectividades. Em sua opinião, Romão Martins perdeu as eleições porque **não realizou nada que fosse visível, apesar das insistências constantes dos clubes.** Foi isso que fez com que houvesse necessidade de uma **aragem nova na Federação e que esta passasse a ser conduzida por pessoas com capacidade reivindicativa,** concluiu o presidente leonino.

Por seu lado, o tenente-coronel Valentim Loureiro (presidente do Boavista), considerou que foram eleições verdadeiramente democráticas. **Assistiu-se, por outro lado, à substituição de um homem do futebol por outro homem do futebol, acompanhado de uma equipa de dirigentes com provas dadas,** afirmou. Acrescentou, depois, **antever um mandato essencialmente virado para a defesa integral dos clubes.** Valentim Loureiro reforçou que terá de ser assim, **pois os clubes são a mola real do futebol e do que à sua volta se move.**

Colectividades

Sport Grupo Sacavense

Depois de longos anos de trabalhos e canseiras que o Sport Grupo Sacavense, vai promover hoje à inauguração da nova electrificação da tribuna coberta e de vários melhoramentos do Parque Desportivo e ainda proceder à apresentação do seu autocarro. São importantes contributos de infra-estrutura do clube inestimável importância para a população de Sacavém (do concelho de Loures) e particularmente para a sua juventude: são importantes contributos de engrandecimento da causa desportiva e das colectividades do concelho.

As inaugurações inserem-se num conjunto de iniciativas integradas nas comemorações do 73.º aniversário do Sacavense.

DESPORTO

Lisboa vê hóquei de nível

Lisboa tem este fim-de-semana hóquei da mais fina água: um torneio internacional (o «Cidade de Lisboa») que promete encaixar milhares de adeptos para o Pavilhão dos Desportos, palco de alguns dos maiores triunfos de uma disciplina desportiva, que tem conferido ao país saborosos êxitos de grande repercussão.

Com bilhetes a 150 escudos para as duas primeiras jornadas e a 200 para a final, o torneio organizado pela Associação de Patinagem de Lisboa, tem um belo cartaz:

Hoje: 1.ª Jornada - 14 horas: desfile de abertura; 14 e 30; Académica da Amadora - Oeiras; 15 e 15: Benfica - Paço de Arcos; 16; Holanda - Itália; 16 e 55; patinagem artística (Belenenses); 17; Lisboa - Porto.

Amanhã, 2.ª jornada - 14; Iniciados (3.º e 4.º lugares); 14 e 45; Porto - Itália; 15 e 40; patinagem artística (Belenenses); 15 e 45; Lisboa - Holanda.

A noite, 3.ª jornada (21 horas): iniciados (final); 21 e 45; Holanda - Porto; 22 e 40; patinagem artística (Sporting); 22 e 45; Lisboa - Itália.

Divisão 2

O nacional da 2.ª divisão continua hoje, efectuando-se a 13.ª jornada (18 horas). Os jogos na ZONA NORTE, Série A: Académico de Braga - Vigorosa, Paredes - Fânzeres, Riba d'Ave - Juventude Pacense, Barcelos - Vizela (21 e 30), Académico do Porto - Grundig (21 e 30). Série B: Ferpinta - Valadares, Carvalhos - Régua, Académica de Espinho - Paço de Rei, Ovarense - Escola Livre (em S. João da Madeira). ZONA CENYRO, Série C: Hóquei de Leiria - Académica de Coimbra, Turquel - Minas da Parnasqueira, Termas - União de Seia. Oliveira do Hospital - Marinhense. Série D: Stella Maris - Torres Novas, Sporting de Torres - Alenquer, Vilafranquense - Tigres de Almeirim, Entroncamento - Sporting das Caldas. ZONA SUL, Série E: Sintra - Cascais. O Futebol Benfica - Liga de Algués foi adiado para segunda-feira, às 18 horas e o Quéluz - Santos da Venda Nova para terça-feira às 21 e 30. Os encontros da Série F apenas se realizam no dia 9.

Valongo: uma volta

O antigo internacional António Henriques, (Paço de Arcos) é o novo treinador do Valongo, tendo já dirigido a turma norte-nha nos jogos do último fim-de-semana. José Camilo, passou a ser o responsável pelas camadas jovens.

Futebol Benfica: festa com hóquei estrangeiro

O Futebol Benfica promove, este fim-de-semana, um torneio de hóquei em campo comemorativo dos seus 50 anos com a presença de grupos estrangeiros. O programa abriu esta manhã e prolonga-se durante a tarde e o dia de amanhã.

Cartaz de hoje: Salud-Rock Gunnersx, às 15; Futebol Benfica-Ramaldense, às 16.30.

Domingo: Salud-Ramaldense, às 9 e 30 e, Futebol Benfica-Rock Gunners, às 11. Antes

Futebol: Mundial no México

O México é considerado o candidato número um à organização do «Mundial-86», de futebol - revelou o Comité Especial da Federação Internacional de Futebol (FIFA). O Comité Especial, que é presidido por Hermann Neuberger, (Alemanha Federal) resolveu, depois de minucioso estudo e considerações das delegações do Canadá, Estados Unidos e México, tratar, unicamente, da candidatura mexicana.

Como consequência desta resolução, uma delegação da Federação Internacional de Futebol (FIFA), integrada pelo argentino Carlos Alberto Lacoste, Horst Schmidt (Alemanha Federal) e pelo secretário-geral (Joseph Blatter), visitará o México de 11 a 18 do corrente para examinar todas as possibilidades técnicas, desportivas e financeiras dos organizadores mexicanos. A decisão final deste comité será apresentada à FIFA numa reunião que se realiza a 20 de Maio, em Estocolmo. Nessa reunião, a Federação Internacional de Futebol deve decidir se o México será o organizador do «Mundial-86», ao qual renunciou a Colômbia, por não poder cumprir com os compromissos exigidos pela FIFA. Um porta-voz do Comité Especial indicou que as candidaturas do Canadá e dos Estados Unidos não seriam tomadas em consideração por não cumprirem os requisitos exigidos pelo Comité Executivo da FIFA.

A oferta do Canadá para organizar o campeonato do Mundo de 1986 mereceu especial aten-

ção mas, este apenas poderia apresentar nove países concorrentes, em vez dos 12 previstos. O porta-voz indicou, como razão impeditiva da candidatura dos Estados Unidos, as grandes distâncias entre os locais de jogos, o que criaria grandes problemas à organização.

O México organizou o campeonato do mundo de futebol de 1970 e, pela sua experiência, pode converter-se no primeiro país que organiza duas vezes um «mundial» de futebol. A notícia de que o México tem todas as hipóteses de ser o organizador da importante prova futebolística provocou manifestações de regozijo em milhões de mexicanos. A televisão e a rádio suspenderam os seus programas habituais para ler a notícia, segundo a qual a FIFA considera o México como sério candidato à organização do «Mundial-86». Os directores do futebol mexicano, surpreendidos com a notícia, pediram algum tempo para a poder confirmar e emitir as suas considerações. Os interessados pelo futebol que se encontram de férias, começaram a telefonar de imediato para as várias estações de rádio e jornais para saber pormenores acerca da realização (possível) do «mundial» no seu país. Os comentaristas referem (entretanto) que enquanto o Canadá e os Estados Unidos ofereceram dinheiro, o México ofereceu entusiasmo e milhões de amantes do futebol.

Reacção do Canadá

As autoridades futebolísticas

do Canadá expressaram o seu «desgosto e desilusão» pela decisão da FIFA, de apenas considerar a candidatura do México como país organizador do Mundial de 1986. «Tanto a notícia como a forma como foi tornada pública são surpreendentes e desalentadoras», afirmou James Fleming, presidente da Associação Canadense de Futebol ao indicar que os regulamentos da FIFA não contemplam limites nas distâncias entre sedes e que o Canadá dispõe de transportes aéreos adequados para garantir fáceis deslocações das equipas, bem como dos jornalistas e dos adeptos.

«É difícil de entender porque razão a FIFA, conhecendo de sobra as distâncias entre as sedes, não recusou a candidatura há três anos e toma agora esta decisão», assinalou, desgostoso, Fleming. «Os regulamentos não estão gravados em pedra» disse «porque no Mundial de Espanha houve 17 estádios e então a FIFA queixava-se das muitas deslocações necessárias, devido ao maior número de campos».

Reacção EUA

Por seu lado a Federação norte-americana de Futebol classificou de **inaceitável** a decisão da FIFA. **A decisão de não visitar os Estados Unidos, como estipulam as regras é inaceitável.**

Placard

Olhão - Faro

Realiza-se amanhã, a XVI Estafeta Olhão - Faro, comemorativa do 73.º aniversário do Sporting Farense, com partida, de Olhão, às 11.30 e chegada a Faro, pelas 12 horas, no Largo do Mercado.

Full - Contact

Realiza-se hoje pelas 18.30 horas, no Pavilhão de Alvalade, o I Portugal - Espanha em Full-Contact, a nível de seleções nacionais. Os 6 combates disputar-se-ão em 3 assaltos de 2 minutos. A selecção nacional é constituída pelos seguintes atletas: Plumas - João Carriço; Superligeiro - Mário Martinho; Ligeiro - Carlos Ramjanali; Welter - Rui Pereira; Médios - Fernando Jaime e Paulo Amorim.

Voleibol: internacional no Porto

As seleções de voleibol do Porto venceram as suas congéneres espanholas todas pela mesma marca (3-0) na 1.ª jornada do torneio internacional da modalidade que se disputa no Porto. Resultados: Selecção Feminina do Porto - Selecção Feminina da Galiza, 3-0 (15-1, 15-0, 15-5), em 33 minutos; Esperanças Masculinas do Porto - Selecção Basca, 3-0 (15-10, 15-4, 15-5) em 58 minutos; Selecção Mista Fem. do Porto - Selecção Basca Fem., 3-0 (15-7,

15-4, 15-11) em 48 minutos; Selecção Masculina do Porto - Riego (Espanha), 3-0 (15-7, 15-5, 15-5) em 63 minutos. O torneio termina amanhã com os seguintes jogos: Selecção Fem. Porto - Selecção Mista Fem. Porto; Selecção Masc. Porto - Esperanças Masc. Porto; Galiza - Selecção Basca Fem.; Selecção Basca Masc. - Riego.

Ciclismo algarvio

Elias Campos (Centro de Ciclismo de Tavira) venceu na pista do Ginásio de Tavira uma prova disputada em 80 voltas, cerca de 40 quilómetros. Na 2.ª posição classificou-se Carlos Marta (Lousa), seguindo-se Joaquim Carvalho e Benjamin Carvalho (também do Lousa). Na 5.ª posição classificou-se o jovem Luciano Soares (Olhavense).

Patinagem: mundial

A belga Editha Thompson é a campeã mundial profissional de patinagem artística sobre gelo. A vencedora totalizou 69,332 pontos, contra 69,055 da canadense Lori Nicholl, 2.ª classificada. Editha Thompson fora 3.ª classificada no mundial de 1982.

Remo mais rico

Quatro novas embarcações da Associação Naval de Lisboa foram baptizadas e lançadas à água, junto ao Posto Náutico da Associação na Doca de Santo

Amaro. De alta competição (três das quais do tipo «shell», com dois e quatro lugares sem timoneiro e uma «double soull») foram baptizadas com os nomes de entidades que mais se destacaram na sua ajuda à Associação Naval. O «double soull» recebeu o nome de Federação Portuguesa de Remo, o «shell/2», o de Câmara Municipal de Lisboa, e os dois «shell», respectivamente, o de Direcção-Geral dos Desportos e o de Comité Olímpico Português.

Orçados em cerca de 400 contos cada um, estes novos barcos que se vêm juntar aos 22 que até agora constituíam a frota da Associação foram adquiridos, à semelhança dos anteriores, através de quotizações feitas entre os seus associados.

Pesca em T. Vedras

Integrado nas comemorações do 58.º aniversário da fundação da Associação Educação Física e Desportiva de Torres Vedras, vai a sua secção de pesca levar a efeito, no próximo dia 10, o X Concurso de Pesca Desportiva de Mar, prova que contará para o campeonato da Associação Regional de Pesca Desportiva. Dado o prestígio conseguido em organizações anteriores (e o valor dos prémios a atribuir este ano) é de prever uma afluência de concorrentes bastante superior àquela que se tem verificado em provas anteriores.

“Gandulas” na 2.ª

Aqueles nomes que o jornalista brasileiro Wilson Brasil uma vez mais resolveu distinguir com o título de «os melhores do desporto de 1982» vão estar, pelas 21 horas da próxima 2.ª feira, em Viseu (Pavilhão A, da Feira de São Mateus) para receberem os troféus «Gandula», de prestígio internacional e amplo conceito no nosso país.

Uma vez mais o jornalista Neves de Sousa, nosso companheiro de Redacção (responsável pelo sector desportivo do «DL») vai receber um «Gandula», honraria que é directa para o nosso jornal, justamente orgulhoso por possuir nos seus quadros de trabalho «o comentador desportivo do ano».

Wilson Brasil irá ter, em seu



redor, figuras de vários continentes que, com a sua aceitação, prestigiam o troféu «Gandula»: o nosso camarada da «Gazeta dos Desportos» e da Rádio Comercial viverá, sem dúvida, uma bela jornada de uma carreira que está polvilhada de êxitos e bem merece, da generalidade das plateias leitoras ou auditivas, um sinal de todo o respeito.

Xadrez: Smyslov domina Huebner

A 5.ª partida dos quartos de final dos campeonatos do mundo de xadrez entre Vassili Smyslov (URSS) e Robert Huebner (RFA), disputada ontem acabou com um empate. Smyslov, que vence por 3-2, pode permitir-se terminar com empates todos os encontros que tem ainda para jogar, até à obtenção de 5,5 pontos.

Portisch - Korchnoi

A 4.ª partida do «match» dos quartos de final do torneio de candidatos entre o apátrida Viktor Korchnoi e o húngaro Lajos Portisch, foi adiada após 40 lances. Nas primeiras três partidas, registaram-se duas vitórias de Korchnoi e um empate. O vencedor do torneio de candidatos de frente ao actual campeão mundial, o soviético Anatoly Karpov, em 1984.

Nacional de juniores

Luis Galego, empatou com António Ferreira em partida correspondente à 7.ª jornada do décimo quinto campeonato nacional de juniores de xadrez. Com este empate, Luis Galego, passa a repartir o 1.º lugar da classificação com Fernando Pereira, ambos com 6 pontos. Resultados da 7.ª jornada: Luis Galego - António Ferreira, 0,5/0,5; António Oliveira - Fernando Pereira, 0/1; José Pinheiro - Pedro Sousa, 1/0; Pedro Silva - Frederico Omm, 1/0. Classificação após a jornada: 1 - Luis Galego e Fernando Pereira, 6 pontos; 3 - António Oliveira e João Pinheiro, 5.

Nacional feminino

Três xadrezistas lideram o 6.º campeonato nacional feminino, após a 6.ª jornada disputada num hotel de Tomar. Aida Ferreira (Grupo de Xadrez da Guarda), Isabel Santos (Futebol Clube da Foz) e Luz Vilas Boas, (da mesma equipa) lideram com 5 pontos. Resultados da 4.ª jornada: Isabel P. Santos - Aida Ferreira, 1-0; Carmen Duarte - Ana P. Santos, 0,5-0,5; Céu Nunes - Luísa Duarte, 1-0; Luz

5.ª jornada: Luz Vilas Boas - Isabel P. Santos, 1-0; Isabel Mendes - Céu Nunes, 1-0; Aida Ferreira - Ana P. Santos, 1-0; Paula Ferreira - Camen Duarte, 1-0; Clarisse Botelho - Teresa Rodrigues, 1-0; Paula Gonçalves - Fátima Vieira, 0,5-0,5; Luísa Duarte - Stella Costa, 0-1; Marília T. Cadillon - Paula Barbosa, 1-0; Ana Bela Maciel - Helena Santos, 0,5-0,5; Elisabete Oliveira - Emília Tavares, 0-1; M. José Neves - M. José Santos, 0,5-0,5; Vanda Cristóvão - Luz Ferreira, 0,5-0,5; Sónia Silva - Marília B. Cadillon, 0,5-0,5; Conceição Martins - Amélia Silva, 0-1.

Sexta jornada: Isabel Mendes - Aida Ferreira, 0-1; Isabel Santos - Clarisse Botelho, 1-0; Paula Ferreira - Luz Vilas Boas, 0-1; Céu Nunes - Camen Duarte, 1-0; Ana Santos - Emília Tavares, 1-0; Stella Costa - Fátima Vieira, 0-1; Marília T. Cadillon - Paula Gonçalves, 1-0; Luísa Duarte - Ana Bela Maciel, 0,5-0,5; Paula Barbosa - M. José Neves, 1-0; M. José Santos - Sónia Silva, 1-0; Marília B. Cadillo - Luz Ferreira, 0-1; Amélia Silva - Elisabete Oliveira, 0-1; Vanda Cristóvão - Conceição Martins, 1-0.

Borg: adeus, competição

O sueco Bjorn Borg abandonou o ténis de competição. Borg foi eliminado na 2.ª jornada do Grande Prémio de Ténis de Monte Carlo, ao ser derrotado pelo jovem número dois francês, Henri Leconte. Para o ex-campeoníssimo sueco, o Torneio do Mónaco era a sua despedida do ténis de competição. Após cerca de duas horas de meia de jogo, Leconte (20 anos) venceu por 4-6, 7-5, 7-6. O número dois francês foi o 70.º jogador a derrotar Bjorn Borg, ao longo de uma carreira de 11 anos, durante os quais (em competições oficiais) obteve 736 vitórias e sofreu 129 derrotas. Borg despede-se do ténis de competição após 61 torneios conquistados.

«É o final, estou contente de saber que não vou competir mais» declarou o jogador que, com 26 anos de idade, conquistou praticamente todos os mais importantes torneios do Mundo.

Bjorn confessou que a derrota que mais o desgostou durante a sua carreira foi a que lhe infligiu o norte-americano Jimmy Connors, na final do «Open» dos Estados Unidos (em 1976) um dos poucos campeonatos que nunca conquistou. Borg anunciou que a partir de agora, se dedicará a trabalhos de promoção e comentários sobre ténis na Televisão.

Quénia: Audi Quatro domina

O queniano Vic Preston, Junior, em Audi Quatro, venceu a 1.ª etapa do «Rali do Quénia», prova pontuável para o Campeonato do Mundo de Ralis. Classificação após a etapa: 1. Vic Preston Junior, Quénia, Audi Quatro; 2. Timo Salonen, Finlândia, Datsun, 240 RS; 3. Michele Mouton, França, Audi Quatro; 4. Rob Collinge, Quénia, Range Rover; 5. Rauno Aaltonen, Finlândia, Opel Ascona, 400; 7. Vic Elford, Inglaterra, Su-

baru 1800; 8. Jayant Shah, Quénia, Datsun 240 RS; 9. Yasuhiro Iwase, Japão, Datsun 11; 10. Frank Tundo, Quénia, Subaru 1800; 11. Hannu Mikkola, Finlândia, Audi Quatro.

Entretanto, o «Grande Prémio da Suíça» de Fórmula 1, que se realiza no circuito francês de Dijon (em 10 de Julho), passará a chamar-se «Grande Prémio da Europa» e disputa-se duas semanas antes do «Grande Prémio de Inglaterra».

● TAÇA DE PORTUGAL:

União de Lams e Viso jogam no campo do primeiro, às 16 horas de hoje

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Fernando Pessoa (talvez) (1)

«FERNANDO (TALVEZ) PES-
SOA», de Jaime Salazar Sam-
paio. Encenação: Artur Ra-
mos. Cenografia e figuras:
Emília Nadal. Música: António
Vitorino de Almeida. Coreogra-
fia: Fernando Lima. Assessor
literário: Jaime Salazar Sam-
paio. Assistentes de encena-
ção: Mário Pereira e Helena
Ramos. Interpretação: Mário
Pereira, António Rama, São
José Lapa, Luís Pinhão, Ger-
mano Martinho, António Ba-
nha, Carlos Fonseca, Varela
Silva, Rogério Paulo, Curado
Ribeiro, Carlos Cabral, Antó-
nio Anjos, Igor Sampaio, Ruy
de Matos, António Sarmento.
Teatro Nacional D. Maria II. Es-
treia: 25-3-1983.

Aqui está um espectáculo do
Teatro Nacional que apresenta,
em estreia, um original, publica-
do em 1982, de um dramaturgo
português. Muito bem. É tempo
dos responsáveis pelo nosso
teatro, e em especial do que dá
pelo nome de Nacional, repara-
rem que há portugueses a escre-
ver teatro e que urge criarem-se
condições para que esses auto-
res experimentem no único lugar
possível, o palco, os seus projec-
tos. Só a partir da multiplicação
desses actos de experimenta-
ção, só a partir dos erros que
inevitavelmente se cometeram e
se vão cometer, será possível
pedir contas aos nossos drama-

turgos. Por enquanto seria injus-
to fazê-lo: condicionados pela
censura fascista, primeiras vití-
mas de outros condicionantes
(económicos), sofrendo na carne
e no espírito o embate da trans-
mutação que o teatro sofreu ao
longo do século e que fez do au-
tor do texto o malquerido do com-
plexo teatral, obrigando-o a ceder
o seu lugar, que reivindicava
como sendo o primeiro, a um ou-
tro e inevitável poder, o do ence-
nador, obrigando-o a reparar que
há ainda outro poder que exige
respeito, o do actor, o dramatur-
go português (e de outras ban-
das) viu a sua obra vítima da
mais brutal, embora muitas ve-
zes merecida, manobra de ocul-
tação.

Saudemos, nisso, este espec-
táculo, mas só nisso. Infelizmen-
te, só nisso. Porque se ainda é
cedo para pedir contas, se não
estivermos atentos como vai ser
no futuro? E as contas deste es-
pectáculo são bastante pesadas.

Que Jaime Salazar Sampaio
se tenha interessado (e de que
maneira!) por Fernando Pessoa
não deve surpreender ninguém.
Além desta peça, a antologia em
três volumes que organizou, com
Isabel Pascoal, é modelar no gé-
nero. Como diz, com rectidão, o
prof. Henrique de Barros «... Sei
que não foi a moda, o desejo de
participar no coro, que o impul-
sionou a aplicar a sua original e
penetrante capacidade desven-

dadora e criadora, ao estudo da
figura humana do grande poeta
e da sua obra multiforme...».

Não irei ao ponto de afirmar
que o dramaturgo poderá ser vi-
sto como um outro heterónimo de
Pessoa mas não há dúvida de
que o «drama em gente» pes-
soano atravessa, ainda que obli-
quamente, a obra de J.S.S. Es-
creveu Luiz Francisco Rebello:
«Para quem tenha seguido a
obra teatral do autor de 'A Bata-
lha Naval', era previsível este en-
contro com o poeta de 'Autopsi-
cografia'».

Esta relação entre o autor da
peça e esse que foi um dos gran-
des poetas europeus deste sécu-
lo (1), devia tornar aquele mais
exigente consigo mesmo, e re-
clama do espectador que o seja.
A primeira dúvida que se levanta
é esta: que se pretende com esta
peça? Há um grupo independen-
te, com as dificuldades com que
um grupo independente, sobretu-
do em formação, vive (subsídios,
etc.); o grupo independente quer
fazer um espectáculo sobre Fer-
nando Pessoa. Há discussões,
propostas, ensaios de cenas,
que pirandellianamente formam
o texto e o espectáculo. Tudo
razoavelmente óbvio.

Um grupo independente que
recruta actores e técnicos atra-
vés de anúncios publicados na
Imprensa, como uma companhia
de teatro comercial, esse não
deixa de ser um paradoxo que

se inscreve no interior do texto.
O outro, talvez mais grave, tem a
ver com a produção do espec-
táculo e desse o autor só é respon-
sável na medida em que o acei-
tou. É que o texto que levanta o
conflito vivido por um grupo inde-
pendente é posto em cena pela
companhia do Teatro Nacional
cujos problemas são outros.
Quer dizer: as personagens e os
conflitos surgidos passam a ser
vistos por outro prisma. Não es-
tamos a ver actores de um grupo
sobre os quais pesam determina-
das e específicas cargas inter-
pretando personagens que lhes
estão próximas, mas actores de
uma companhia que funcionam
noutros parâmetros. O conflito,
que já era bastante débil e aca-
bava por ser o pretexto para en-
quadrar a obra e a personalidade
pessoana, surge ainda mais de-
bilizado, inverosímil, para não di-
zer inexistente. Teria sido possí-
vel dar a isto uma volta que não
foi dada. Para isso, autor, ence-
nador, actores, teriam que criar
um conflito entre segmentos do
elenco (por exemplo, um grupo
de jovens actores que pretende-
riam impor a um grupo de acto-
res mais velhos um espectáculo
sobre Fernando Pessoa), de ma-
neira a tornar mais forte a proble-
mática suscitada a uma primeira
leitura.

(1) Opinião que não é propria-
mente original.

(Conclui na 2.ª feira)

RODA
PÉ

José Duarte



A primeira vez que o vi foi na
esquina dos 50 para os 60, na
Portela, entre os companheiros
da Orquestra de Quincy Jones.
Vinhm para um concerto em
Lisboa, que deram, foram para
um hotel ranhoso, onde se viu
afilto para chegar, mas isso são
histórias que só publicarei ja-
mais.

Depois, (ou)vi-o num palco
francês, na primeira fila da pe-
quena Orquestra de Thelonious
Monk, a contribuir para um con-
certo inesquecível.

A seguir, foi a vez dum clube
parisiense, em quarteto, ainda
muito discípulo de Parker e eu a
tropeçar na diferença entre «wi-
fe» e «widow» quando lhe per-
guntei se era verdade que a pai-
xão por Parker o levava até a
casar com a ex-mulher do gé-
nio-saxofonista.

Encontrei, mais tarde, Phil
Woods aquando do 1.º Cas-
cais-Jazz, fomos ao futebol ver o
Portugal-Bélgica (0-0) e, a se-
guir, para casa de Eusébio, «The
Black Pearl», com Dizzy e Stitt,
ouvir discos, escorropichar líqui-
dos e brincar com ritmos e adivi-
nhas. Estava, entretanto, Charlie
Haden a ser preso pela PIDE e o
nosso amigo trouxera consigo a
sua «European Rhythm Ma-
chine», onde ele era a peça-chave.

Mais tarde, foi Montreux,
Newport, «Village Vanguard»,
Cascais de novo. Enfim, encon-
tros repetidos, onde falámos
pouco de música e muito de tudo.

Phil Woods nasceu há quase
51 anos e meio, lá na Massa-
chusetts, muito branco e algo
ruivo, agora barbado e sempre
bem informado e com sólida cul-
tura musical. Não tem uma ex-
tensa obra discográfica, mas sim
uma farta colecção de prémios
do melhor alto, quer sob o ponto
de vista dos críticos, quer do pú-
blico. É um dos mais legítimos

filhos do estilo parkeriano, em-
bora, ultimamente, tenha incor-
porado, na sua linguagem, ele-
mentos do discurso de van-
guarda e do discurso «rock», o
que o coloca como um dos mais
importantes solistas contempo-
ráneos no instrumento.

Foi assim que, sem mais nem
menos, a Polygram de cá, editou
há dias o seu disco «Birds of a
Feather» da jovem marca nor-
te-americana Antilles, e que nos
deixou a todos nós, que gostá-
mos do jazz, a mexer, sentados
de e no pasmo.

A formação é a clássica, um
quarteto sem electricidades ou
outras ajudas amplificatórias, os
músicos usam uma bateria, um
contrabaixo, um piano e um sa-
xofone-alto.

O reportório é equilibrado: dois
superclássicos: o «Star Eyes» e
o «My Old Flame» (melodias
obrigatórias na instrução primá-
ria do jazz), dois originais de Phil
Woods: um «Goodbye Mr.
Evans» (homenagem a Bill, o
pianista) e uma «Petite Chan-
son» (Valsa que redonda a sua
permanência em Paris), um tema
do próprio património-jazz: «Ni-
ca's Dream», do pianista Horace
Silver e «Summer Night», um
tema muito jazzificável e pouco
conhecido.

Gravado em Agosto de 81 e
editado o ano passado nos USA,
é notável a qualidade da capta-
ção, que se mantém na edição
portuguesa. No disco de jazz
tudo é para ouvir, desde os pri-
meiros até aos mais recuados
planos, e este disco cumpre es-
pectacularmente a regra.

«Star Eyes» é apresentado
numa versão em tempo rápido e
ritmo afro-cubano, com o pia-
nista Hal Galper a murmurar o
que improvisa, com Woods a gri-
tar pelo sax, aqui e ali, com diá-
logos repetidos entre o sax, a
bateria e o piano. É evidente a

técnica dos solistas, todos ex-
-alunos das melhores escolas
americanas, da Julliard à Berk-
lee.

«Goodbye Mr. Evans» é uma
balada que se presta à interiori-
zação dos discursos a solo, ao
uso das escovas, esse elegante
elemento de percussão que não
pode cair no esquecimento. O
solo de piano, claro que home-
nageia o estilo do falecido Bill
Evans, e é executado com um
luxo de processos e uma riqueza
harmónica, notáveis. A «coda»
de Woods é antológica e revela o
incrível talento e preparo técnico
do saxofonista, que não só fala
muito bem, com diz uma data de
coisas!...

«Petit Chanson» é exposto
com um arranjo muito bem exe-
cutado e o solo de piano revela,
de novo, a influência de Bill E-
vans, onde a mão esquerda é
muito activa e progride numa su-
cessão de acordes intrínica. Em
alto, Woods exhibe a absorção
das práticas pós-parkerianas,
lembra Dolphy e comenta discre-
tamente o solo do contrabaixista
Steve Gilmore. Na Reexposição
o sax enrouquece e a introdução
do tema clássico «Django»
chega a ser aflorada. Felizes
achados de músicos cultos, isto
é, que sabem a história da lin-
guagem musical que estão a
usar.

«Summer Night» é exposto em
uníssono pelo baixo e pelo alto e,
à segunda volta, entram piano e
escovas. O primeiro solo é o de
Gilmore, com um espectacular
suporte de bateria e piano, che-
gando este a surgir, com as cor-
das, um apoio de guitarra. É em-
polgante, com todos os a swin-
gar por todos os lados. Phil, no
seu solo, dialoga consigo pró-
prio, provocando e respon-
dendo, e, nos «dize tu, direi eu»
do final, Bill Goodwin, esse per-
feito baterista, exhibe uma com-

preensão, instantânea e inteli-
gente, do discurso improvisado
de Woods.

«My Old Flame» é a obra-pri-
ma do disco. Uma introdução «ad
lib», uma exposição lenta, com
saliva e vibrato, com Woods a
soprar a lembrança de Ben
Webster, para depois surgir a
aceleração e o clima de excita-
ção provocado pelos gritos rou-
cos do alto, que se alternam com
agudos, tudo a habitar uma es-
trutura perfeitíssima. Veloz e
musculado, Woods exhibe uma
forma cirativa extraordinária. O
pianista escolhe o discurso em
acordes, tudo flutua a seguir um
bocado, até o tempo se tornar
mais evidente, para o rufo da ta-
rola anunciar o regresso de Wo-
ods, com todos longe das formas
com que iniciaram esta versão.
Tudo acaba com uma inespe-
rada acentuação de Goodwin a
chamar Woods que, entre frases
roucas e agudas, encerra esta
pequena peça histórica.

«Nica's Dream» é apresentado
em ritmo alatinado, como é da
tradição, e o solo de piano de-
senvolve-se entre um estilo de
puro «bop» e algumas influên-
cias de McCoy Tyner. Woods
discursa como se de um Stan
Getz «masculino» se tratasse,
cita a ponte de «night in Tuni-
sia», aquece muito, cumpre um
simples, mas saboroso, arranjo
com a bateria, e dá a palavra ao
baterista que confirma ser um
percussionista notável, com
tambores afinadíssimos, com a
estereofonia a servir para desta-
car os melhores efeitos rítmicos.
Um espectáculo de som e per-
cussão, educada e muito efí-
ciente. Se os discos se classifi-
cassem por estrelas eu, a este,
oferecia-lhe uma constelação!...

Nota: O programa de Rádio «Abanda-
jazz», divulga, durante este mês, em todas
as noites úteis, o tema «My Old Flame», de
que atrás falámos.

Uma das mais famosas histórias
de JÚLIO VERNE
Um filme divertido, emocionante, espectacular!

O Mistério da Ilha
dos Monstros

2.ª SEMANA

estúdio

ZODÍACO

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 16 E 21,30
AMANHÃ, SÓ ÀS 16 HFERNANDO
talvez
PESSOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

encenação

ARTUR RAMOS

cenários

e figurinos

EMÍLIA NADAL

música

ANTÓNIO VITORINO

DE ALMEIDA

coreografia

FERNANDO LIMA

com:

(por ordem de entrada)

MÁRIO PEREIRA - SÃO JOSÉ LAPA - ANTÓNIO RAMA
ANTÓNIO BANHA - CARLOS FONSECA - VARELA SILVA
CURADO RIBEIRO - ROGÉRIO PAULO - RUI MATTOS
LUÍS PINHÃO - ANTÓNIO SARMENTO - ANTÓNIO ANJOS
IGOR SAMPAIO - CARLOS CABRAL

ATENÇÃO

NÃO É PERMITIDA A ENTRADA
APÓS O INÍCIO DO ESPECTÁCULO

MATINEE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16 H
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2ª FEIRA

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin

51



Copyright Dargaud/Merbérica/ -DL

Informação Ecológica

Juventude espanhola contra matança de focas

A Associação para a Defesa da Natureza (ADENA), organização ecologista do país vizinho, recolheu cerca de 50 mil assinaturas de jovens contra a matança das focas no Canadá.

Aquela Associação revelou à imprensa que as assinaturas foram entregues na semana passada na Embaixada daquele país, como «uma contribuição da juventude espanhola contra uma actividade humana encaminhada para a destruição de uma espécie animal de grande beleza».

Foi a primeira vez que uma campanha deste género se organizou em Espanha, e o êxito da iniciativa surpreendeu os próprios organizadores. Um porta-voz da ADENA revelou à imprensa que a recolha de assinaturas foi feita nas ruas do centro de Madrid durante oito meses.

Automóvel a metano já circula no Rio

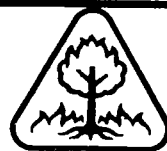
Um veículo automóvel movido a gás metano, foi testado no Brasil por iniciativa de uma empresa do Paraná.

As vantagens da utilização do gás metano como combustível, são sobretudo de natureza económica, pois trata-se de uma matéria mais barata do que o álcool ou a gasolina. Outra vantagem imediatamente visível, prende-se com a circunstância de não contaminar o ambiente tão intensamente como os outros dois combustíveis. Nos seus componentes, com efeito, não se encontram aditivos à base de chumbo, e a combustão é mais completa. Simultaneamente, permite uma melhor lubrificação do motor, e não produz depósitos de carvão nos cilindros.

No entanto, não se pense que esta alternativa é sem mácula: a potência do motor conhece uma redução com o gás metano, assim como uma certa dificuldade no arranque a temperaturas abaixo de zero graus.

Esquemáticamente, o sistema de funcionamento é o seguinte: o gás metano sai do tanque e chega ao redutor, cuja entrada é comandada por uma electroválvula que permanece fechada quando o motor está parado, ou funciona com outro combustível, álcool ou gasolina.

Carlos Pessoa



NÃO FAÇA LUME
PROTEJA
AS FLORESTAS

continua



RN RODOVIA NACIONAL

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

A Direcção de Equipamento, com as suas Divisões de Manutenção, Frota, Aprovisionamento e Sector de Infra-Estruturas, que funcionava na Av. Casal Ribeiro e Av. da República passou, a partir de 1 de Março, para a nova Sede da Rodoviária Nacional — EDIFÍCIO RN — na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 86, Telefones 72 53 22-72 53 63.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Censura e outras coisas

Sabem porquê a RTP não transmite variedades portuguesas? Por falta de qualidade, dizem eles.

Por causa disso, tem de aproveitar a qualidade que há e que, por ser reduzida, constantemente se repete: o Marco Paulo, o Joel Branco, o José Cid, etc. (Ri, leitor. Não faças cerimónia).

Princípios

Sabem porquê o Telejornal não deu a homenagem aos capitães de Abril, na Casa do Alentejo? Dizem eles que foi por falta de meios.

Não seria antes por falta de princípios?

Os critérios

Sabem porquê a RTP não esteve presente na festa da ANOP? Dizem eles que foi por subordinação de critérios jornalísticos.

Não seria antes por critérios jornalísticos de subordinação?

Censura na RTP

O Conselho Director da SPA, na sua reunião de 23 de Novembro, em face de vários actos de censura praticados pela RTP, dirigiu ao respectivo Conselho de Administração as duas cartas que a seguir se transcrevem:

«O Conselho Director desta cooperativa, em cujo objecto estatutário se inscreve «a defesa da liberdade de criação cultural», acaba de tomar conhecimento de uma grave medida discriminatória praticada pela RTP contra um dos seus membros. Pouco

tempo após a reposição, na «Casa da Comédia», em Maio último, da peça «Dias Felizes», de Samuel Beckett, em tradução de Jaime Salazar Sampaio, interpretada por Glicínia Quartim e Fernando Heitor, numa encenação de Artur Ramos, com cenário de João Abel Manta, a actual directora de Programas da RTP deu a conhecer àquele teatro a sua intenção de proceder à gravação do espectáculo para sua ulterior transmissão.

Confirmada essa intenção em Setembro, a directora de Programas convoca uma reunião para se fixar a data da gravação, após o que, num «volte-face» inesperado, a mesma directora informa a «Casa da Comédia» de que ela já não se efectuará «por haver um contencioso entre a RTP e o encenador Artur Ramos».

Assim, aparentemente sem problemas de consciência nem de dignidade ética profissional, aquela funcionária superior da RTP é desautorizada, recusando-se para cúmulo, depois daquele «diktat», a discutir o assunto com as várias pessoas a quem tinha comunicado o seu propósito de gravar e transmitir a peça.

Nada teríamos, evidentemente, com os escrúpulos profissionais (ou a falta deles) duma funcionária duma empresa pública, se não fosse a inadmissível argumentação por ela utilizada para proibir a gravação dos «Dias Felizes» — quer lhe pertença, quer não, a iniciativa dessa proibição.

O alegado «contencioso» entre a RTP e Artur Ramos está confiado ao Tribunal do Trabalho e diz exclusivamente respeito às relações patrão/empregado.

(Aliás, já esse contencioso existia quando a RTP apresentou a série «Retalhos da Vida de um Médico», em que o nome de Artur Ramos figurou, com todas as letras, no genérico.) Mas já a marginalização de um encenador e o obstáculo levantado à transmissão de uma sua encenação, constituem inqualificável atentado aos direitos que à SPA cumpre defender. Com a agravante de violarem abertamente o disposto no art. 37.º da Constituição em vigor, que a todos garante o direito de se «exprimir e divulgar livremente o seu pensamento (...) sem impedimentos nem discriminações» e proíbe expressamente «toda e qualquer forma de censura».

Ao erguer o seu enérgico protesto contra esta atitude discriminatória e censural, a Sociedade Portuguesa de Autores manifesta a sua solidariedade com o seu associado que dela foi vítima, reservando-se o direito de tornar público este protesto.

O segundo protesto é do teor seguinte:

«Não ignoram V. Ex.ªs — porque ninguém pode alegar o desconhecimento da lei para se eximir a cumpri-la — que a Constituição da República proíbe, no seu art.º 37.º, todas as formas de censura e garante aos cidadãos portugueses o direito de livremente exprimir e divulgar o seu pensamento, sem impedimentos nem discriminações de qualquer espécie.

E no entanto, múltiplas são as violações deste preceito constitucional que a RTP tem praticado. Um caso recente, a proibição de gravar para fins de transmissão uma peça teatral encenada por um membro da

SPA motivou já um enérgico protesto da sua parte. A esse caso outro veio acrescentar-se, a proibição da série «Gato por Lebre», também da responsabilidade de membros da SPA, só porque num dos respectivos programas se denunciavam, com base em provas concretas e inofensíveis, vários exemplos de «desrespeito, por parte da RTP, da legislação sobre publicidade», e nomeadamente as Leis n.ºs 75/79 e os Decretos-Lei, n.ºs 321 e 421/80.

Empresa pública, a RTP deve obediência às leis da República. Infringindo-as despudoradamente, e afectando com essa atitude os direitos de autores cuja defesa incumbe à SPA, tem esta o dever de erguer o seu protesto e exigir a reposição da legalidade.

É o que vimos fazer através desta carta, que nos reservamos o direito de divulgar pelos meios competentes.»

Informar, sem

Um dos processos mais utilizados na Televisão portuguesa consiste em informar... sem informar:

Hoje, na Assembleia da República, o governo continuou a ser interpellado sobre política económica... A interpelação partiu do Partido Comunista que ontem interrogou o governo sobre questões como défice da Balança de Transacções correntes e dívida externa.

A informação está dada. Mas do que realmente se passou, do que realmente se disse — nem uma palavra.

Informar sem informar — a nova tática.

Hoje



Em «Festa é Festa» actua hoje o Rancho Folclórico de Seia, composto por 41 figuras, dirigidas por Joaquim Melo e Cesário Mota. Agradecemos a visita efectuada esta manhã ao «DL»

- 14.30 Ela por Elas
- 15.30 Festa é Festa
- 18.30 «Espaço 1999» — 4.º episódio, realizado por David Tromblin.
- 19.30 Telejornal
- 19.45 TV Repórter
- 20.05 Girabola
- 21.10 Alegro
- 22.10 «Dallas» — com interpretações de Howard Keel, Audrey Landers, Lois Chiles, Ben Piazza, Ray Wise e Timothy Patrick Murphy.
- 23.15 Vigília Pascal — transmissão da Sé Patriarcal de Lisboa.



Lauro António, realizador do filme «Manhã Submersa», que se exhibe esta noite, na RTP-2, no programa Cabra-Cega



- 20.00 Cabra-Cega — com o filme «Manhã Submersa», realizado por Lauro António.
- 22.15 Tortelier — 3.ª parte.

Amanhã



09.10 Transmissão Directa de Roma da Missa de Pascoa e Bênção Urbí et Orbi, 11.30 70X7 12.00 Tempo dos Mais Novos, 13.50 Sumário, 14.00 Sombra Sol, 14.25 Já Ca Cantar, 17.30 Vivamusica, 17.50: Catanz TV, 18.30 Flauta Mágica, 20.05 O Tempo, 20.30: Telejornal, 21.00 «Jesus de Nazareth» — 7.º e 8.º episódios

15.30: Eurovisão Tennis de Monte Carlos, 18.30 Ora Bem, 20.00 Os Grandes Rios 21.00 Top 2 22.00 «A Lei de McClain»

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



«Dallas»
(22.10)



«Manhã Submersa»
(20.00)

...e sugere para hoje...



22.10 — DALLAS
Intérpretes: Howard Keel, Audrey Landers, Lois Chiles, Ben Piazza, Ray Wise, Timothy Patrick Murphy.
Realizador: Leonard Katzman
Miss Ellie está no meio da luta entre J.R. e Bobby, e Ray sente-se muito feliz por estar, financeiramente, a par de Donna.
Bobby e Pam recebem notícias agradáveis acerca de Christopher e Lucy tenta voltar ao trabalho.
Afton, entretanto, tenta ajudar Cliff a sair do seu desespero e a aceitar a oferta da mãe, apesar de isso o poder colocar na rota de colisão com J.R.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Carreira, 17 - Cruz Vermelha

COVA DA PIEDADE



Herlander Jorge de Oliveira Fernandes Ferreira
Publicista da Columbia & Warner Filmes de Portugal, Lda.

AGRADECIMENTO

Sua extremosa esposa e seu querido filhinho, pais e sogros agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar-nos e confortar-nos na nossa grande dor, até à sua última morada. Que a sua imagem fique bem viva entre todos nós.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
TELEF. 2767583-2767410

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

6.ª e SÁB. às 21.30
DOM. às 16

ANASTAS

de JUAN BENET
Enc. de FERNANDO GUSMÃO
COM

ANTÓNIO ASSUNÇÃO

UM MAGNÍFICO GRUPO
DE ACTORES UM BELO
CENÁRIO UM EXCELENTE
ESPECTÁCULO

JOSÉ MANUEL DA NOBREGA
"O SETE"

GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE

Tel. 275 21 75

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.45 H



ANTÓNIO FERREIRA 4.º MÊS

ENCENAÇÃO JOAO MOTA

terça-feira a sábado
AS 21.45

sábado e domingo
AS 17 H

XV EXPOSIÇÃO EUROPEIA
DE ARTE
PRACA DE ESPANHA

8 SEC TEL 72 08 18

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70

TELEF. 68 63 00 (subMCCC) (m/13)

— 3.º MÊS —



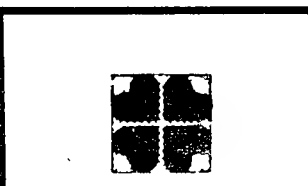
UM DIA
NA CAPITAL
DO IMPÉRIO

ÚLTIMA SEMANA

Textos de A. R. Chaves Direcção de Art. Costa

3.ª a SÁB 21H30 DOM 19H, 16H

EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE



ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

Cinema

A Cinemateca Portuguesa apresenta a partir de 5 de Abril um Ciclo dedicado a Jacques Tourneur, um dos esquecidos do cinema americano. Especialistas do filme de aventuras — policial, western, terror, capa e espada — realizou algumas das obras-primas destes géneros variados e invariavelmente todos como menores.

Depois de ter sido montador dos filmes do seu pai, Maurice Tourneur, e de ter realizado quatro filmes em França, Jacques Tourneur emigrou em 1934 para os Estados Unidos, arranjou trabalho na MGM, fez uma vintena de curtas metragens narrativas e, em 1939, a sua primeira longa metragem americana série B (menos de 80 minutos); «They All Come Out», filme sobre as prisões. Após três outros filmes, iniciou a sua colaboração na RKO com o produtor Val Newton, que deu «Cat People», «I Walked with a Zombie» e «The Leopard Man».

Após estes três filmes, a RKO encomenda-lhe «Days of Glory», o primeiro filme de Gregory Peck (1944) e «Experiment Perilous», no mesmo ano, e depois «empresta-o» à Universal para um western de grande orçamento, o magnífico «Canyon Passage» (1946). Tourneur regressa à RKO e faz «Out of the Past», em 1947, e «Berlin Express» em 1948.

Para mais apenas os seus filmes mais recentes: «The Flame and the Arrow» (1950), «Anne of the Indies» (1951), «Way of a Gaucho» (1952), «Appointment in Honduras» (1953), «Wichita» (1955).

«Great Day in the Morning» (1956) e o relativamente célebre «Night of the Demon» (1957).

A excepção de «Stars In My Crown», que para poder fazer não se importou de receber um salário de principiante, todos os filmes de Tourneur foram filmes de encomenda. Tido em Hollywood com um homem de ofício, para não dizer um tarefeiro, agora que as glórias terrestres da Meca do cinema se apagaram ou morreram, a sua obra solitária, modesta, sem brilho, surge como um manifesto da verdade que se esconde no próprio cinema. Nada lá está camuflado: os elementos mais miseráveis ou os mais pobremente convencionais encontram nela o seu pleno aproveitamento e têm a sua palavra a dizer. Mesmo o vazio das convenções ou da censura encontra nela expressão. Nos tempos mortos dos filmes de Jacques Tourneur é a vaidade de Hollywood que é posta a nu.

O programa é o seguinte: terça-feira, «A Pantera» (1943); dia 6 de Abril, «I Walked with a Zombie» (1943); dia 7, «O Arrependido» (1947); dia 8, «O Expresso de Berlim» (1948); dia 9, «O Gato Miou Três Vezes» (1963).

Rádio

Destaques do Programa 2: Hoje, às 21 horas, «Para Além da Leitura — Judas», um episódio dramático, de António Patrício (real. Carlos Achenmann); amanhã, às 21, «Biografia-Fernão Lopes e a Histeriografia Nacional» (real. de Maria Estrela Serrano e José Manuel Gonçalves); dia 4, às

roteiro cultural



Um momento de «Cinco Tangos», pelo Ballet Gulbenkian

17 horas, «Hosa, Rosae», programa de temática feminina (real. de José Manuel Nunes);

às 19.30, «Terra Viva, Planeta Azul» — as armas nucleares e a educação para a paz, com-

clusão de um encontro de professores (real. de Gil Montalverne).

Bailado

Na próxima segunda-feira, 4 de Abril, a RTP (1.º Canal) transmite, após o «Telejornal» da noite, o bailado «Cinco Tangos» gravado pelo Ballet Gulbenkian expressamente para a Televisão.

«Cinco Tangos» constitui um dos maiores êxitos do actual repertório do Ballet Gulbenkian. Com coreografia de Hans van Manen, música do compositor argentino Astor Piazzolla, e figurinos e cenário de Jean Paul Vroom, «Cinco Tangos» é um bailado de elegância requintada, em que a linguagem da dança clássica se conjuga com os movimentos estilizados do tango.

Exposições

Em Vila Verde de Ficalho, por ocasião da Festa de Nossa Senhora das Pazes, realiza-se de 3 a 10 de Abril, na cantina escolar, uma exposição de pintura de homenagem a Picasso, em que figuram numerosas reproduções de obras do artista, bem como alguma bibliografia. A exposição é promovida e organizada pela Biblioteca-Museu da localidade e conta com a colaboração dos Serviços Culturais da Embaixada de Espanha, do pintor Francisco Relógio, da Câmara Municipal de Serpa e da Junta de Freguesia local.

A exposição «Escavações Arqueológicas na Ilha do Pessegueiro» está patente ao público no Museu de Arqueologia e Etnologia da Assembleia Distrital de Setúbal (Av. Luísa Todi, 162). A mostra, aberta até 6 de Maio, foi montada com a colaboração do Gabinete da Área de Sines.

PARA COMPANHIA DE PETRÓLEOS OPRECISA-SE 2 OPERADORES

PRETENDE-SE:

- Idade compreendida entre 30 e 35 anos;
- Experiência em sala de controlo;
- Experiência profissional — Mínimo 5 anos como operador em Terminal de Carga de óleo bruto ou actividade semelhante;
- Habilitações académicas — Curso Industrial ou equivalente;
- Falar correctamente a Língua Inglesa.

OFERECE-SE:

- Regalias sociais de acordo com os regulamentos da Empresa;
- Ordenado de acordo com os parâmetros internacionais.

Resposta a este jornal ao n.º 2404

rádio

Antena Um

17.00: Informativo de trânsito; 19.00: Mosaico; 20.00: Teatro radiofónico; 21.00: Desporto em revista; 21.30: Viva a noite; 22.30: Transmissão directa da Sé Patriarcal de Lisboa das cerimónias da Vigília Pascal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Música de câmara; 16.55: Transmissão directa do Teatro de S. Luiz de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 19.00: Festival Bach da Madeira; 20.10: Música sacra; 21.00: Para além da leitura; 21.40: Poema sinfónico, «Fontes de Roma», de Respighi; 22.00: Música de câmara; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Música para meditar; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.45: Transmissão desportiva; 18.00: Magazine regional; 18.30: Terço; 19.00: Saltilho; 20.00: Horizonte; 21.00: Concerto da Quaresma pelo Coral de Linda-a-Velha; 22.00: Espaço musical; 22.30: Vigília Pascal.

Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 12701

HORIZONTAIS:

- Recusa. Tempo do verbo haver. Gálio (s.q.).
- Arara. Paladar.
- Mulato. Antigo Testamento. O lado do vento (inv.).
- Isto é. Arruinai.
- Lantânio (s.q.). Senhor. Ave pernalta.
- Adoptar.
- Curo. Catafalco.
- Antiga medida agrária. Fedor.
- Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Acento. Prender com elos.
- Esgano. Acima!
- Ruins. Estados Unidos da América (abrev). Preposição e artigo (pl.).

VERTICAIS:

- Cidade de Itália. Preposição.
- Altar cristão. Ocultara.
- A Pérsia (inv). Estava. Reis.
- Mágoa.
- Tempo do verbo haver. Criminoso. Solitário.
- Estimas.
- Arcanjo, que anunciou a Virgem haver ela de ser a mãe do Salvador. Batráquio.
- Pingo. Arsénio (s.p.). Espera resposta.
- Artigo definido. Região da Grécia setentrional, limitada pelo Olimpo, o Pindo, o monte Eta, o Ossa e o Pélion.
- Levam à toa. Termino.
- Gigante filisteu que tinha a altura de 6 côvados. Lavras.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9551

HORIZONTAIS:

- Espiohar. Tombadilho.
- Prefixo que designa afastamento. Estrépido de desmoroamento. Aguçam.
- República federativa e o maior Estado da América Meridional. Pertences.
- Versejem. Nome de homem.
- Nome de letra (pl). Profunda.
- Clima. Derrote. Deus dos pastores.
- Prasidónio (s.q). Oferecera. Batráquio.
- Caule. Mamífero americano alim da corça.
- Ódio. Taberna.
- Raera. Balizas.
- Lavasse. Artilharia antiaérea.

VERTICAIS:

- Fêmea do bode. Folha de videira.
- Acolher. Prefixo que designa ar.
- Estimar. Saca.
- Elevação da voz ou do tom. Concedias.
- Nau. Formosa.
- Ilha do Pequeno Belt. Pronome pessoal.
- Basta! Elevada. Alto aí.
- Dádiva. Ramo delgado de árvore.
- Rol. Embriaguez (pop).
- Quinto filho de Jacob. Festa anual dos judeus, em memória da sua saída do Egipto.
- Sente desgosto. Duna na Suécia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13700

HORIZONTAIS:

- Am. ANTES. PJ
- Missa. Liara.
- Elas. Atel.
- MOREIRA.
- Diápero. QUE.
- Srs. Dou.
- Em. Otão. Elo.
- las. ONU. AT.
- Ruim. Save.
- Arm. Cor. Fel.
- Aal. Rana.

VERTICAIS:

- AMENDOEIRA.
- Mil. Maura.
- Samas. Sima.
- Assopro.
- Na. Resto.
- Per. Andor.
- El. Iodou. Rã.
- Siar.
- Ataque. Afã.
- Pré. Lave.
- Jaime. Otelo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9550

HORIZONTAIS:

- Vaso. Atraca.
- Imo. Relas.
- Guatemala.
- Arrel. Agiota.
- Ae. Aa. Um.
- Salam. Pi.
- Bo. Rol. Cl.
- Orar. Marota.
- Açorara. Es.
- Age. Avila.
- Roma. Amoras.

VERTICAIS:

- Viga. Ibo. AR.
- Amura. Orago.
- Soares. Acém.
- Te. Ero.
- IE. Elo. Ri.
- má. Alma.
- Relia. Aram.
- Relia. Cravo.
- Alão. Pio. Ir.
- Cá. Tui. Tela.
- Assam. Casas.

PROVERBIO: Antes moreira que amendoeira.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	78\$45	84\$45
ALEMANHA FED (marco)	39\$80	40\$90
AUSTRIA (xelim)	5\$55	5\$75
BELGICA (franco)	18\$22	25\$022
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$160
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	78\$40	80\$40
(notas de 5 a 1000)	78\$90	80\$90
DINAMARCA (coroa)	11\$20	11\$60
ESPAÑA (peseta)	\$672	\$792
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	96\$50	98\$50
(notas de 5 a 1000)	97\$00	99\$00
FINLÂNDIA (markka)	17\$65	18\$25
FRANÇA (franco)	13\$25	13\$95
HOLANDA (florim)	35\$35	36\$35
INGLATERRA (libra)	141\$05	145\$05
IRLÂNDIA (libra)	126\$30	130\$30
ITALIA (lira)	\$061	\$071
JAPÃO (yên)	\$051	\$086
NORUEGA (coroa)	\$366	\$401
SUECIA (coroa)	13\$40	13\$90
SUIÇA (franco)	12\$80	13\$40
VENEZUELA (bolívar)	46\$40	47\$40
	9\$50	10\$50

Observações

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055-

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
N. acons. m/13 anos
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Int. m/13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 15, 18 e 21.30 — Para Todos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15, 17, 19 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
Aqui estão eles à solta mas a tropa apanhou-os

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
16.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Falado em português
Para todos
DUMBO
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
Às 00.00 — Int. men. 13 a.
LUTA DE GIGANTES

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CONFLITO DE GERAÇÕES
Às 21.30
SEM AMOR E SEM REMORSOS
(JOSEPHA)

CITY CINE .49999

R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
2.ª Semana
Às 23.45 — N. ac. men. 18 a.
FLIC STORY

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
— Int. men. 13 a.
11.ª Semana
Às 24
A CONSPIRAÇÃO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DO PASSADO
Amanhã às 11
TIM TIM E O MISTÉRIO DAS LARANJAS AZUIS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para Todos
A GRANDE PARÓDIA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 16 anos
A FÚRIA DO HERÓI
Às 24
OS PATRIOTAS DO IMPÉRIO MING

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS
2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
— Para Todos
Les Charlots vão à inspecção militar e começam as grandes barracadas!
OS MALUCOS DA CASERNA
Às 24 — M. 13 a.
NUCLEAR? NÃO, OBRIGADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
FUGA PARA A FELICIDADE
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO
5.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
ATOR — A ÁGUA INVENCIÍVEL
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
BELDADES SELVAGENS DA IBIZA
Às 18.15 e 24 — N. ac. men. 18 a.
OS JOVENS LEÕES

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 14.15, 16.15, 18.15 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
A FÚRIA DO HERÓI
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
A ESTRANGEIRA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
OS CAMPEÕES

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
DEMÉTRIO, O GLADIADOR



GELADO DE LIMÃO IV, um filme para a juventude. Em exibição nos cinemas ROMA e AVIS.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
14, 15.45, 17.30, 19.15, 21, 22.45
FIM DE SEMANA SANGRENTO

Às 00.15
PASQUALINO DAS 7 BELDADES

SALA 2
Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE

Às 23.30
FITAS LOUCAS

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
HOMENS PARA QUEIMAR

SALA 4
Às 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO

Às 00.15
O HERÓI SACRÍLEGO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANGELO
4.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15
— N. ac. men. 13 a.
GANDHI

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA

S. JORGE SALA 3

Às 14.15, 16.15, 18.30 e 21.45
— Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
12.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO
2.ª Semana
Às 24 — N. ac. men. 18 a.
TOMMY

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
— N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
c/ Dustin Hoffman
Domingo às 11.15 — Para Todos
FESTIVAL PANTERA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
37.ª Semana
Às 00.00 — Int. men. 13 a.
OS BOINAS VERDES

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
— N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
Falado em português
DUMBO
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30
— Int. men. 18 a.
FIM-DE-SEMANA SANGRENTO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 — «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 — «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL — «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA — «Sexo alucinante» (18 anos)
SESSÕES PERMANENTES
CAPITÓLIO — «Os Bombeiros do sexo», às 21.00 e 23.00 (13 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS — «Os Malucos da Caserna», às 21.30 (13 anos)
RESTELO — «Os Homens que eu Amei», às 21.30 (13 anos)
ZODÍACO — «O Mistério da ilha dos Monstros» 21.30 (13 anos)
ROYAL — «Gardenia o Indomável», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO — «O Palco e a Vida», às 21.30 (13 anos)
2000 — «20 Mil Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «Os Malucos em Espanha», às 21.30 (6 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «O As dos Ases», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Os 5 Magníficos», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS — Oeiras-Cine — «Assim Nasce um Herói», às 21.15 (13 anos)
PAREDE — Royal-Cine — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ESTORIL — Casino — «Annie», às 21.15 (6 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Cine-Plaza — «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)
AMADORA — Lido — «Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Romance em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «O As dos Ases», às 21.30 (13 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
MAFRA — Cine-Teatro — «Chove em Santiago», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA — Cine-Estúdio — «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALMADA — Incrível — «Flash Gordon», às 21.15 (13 anos)
ALMADA — Academia — «E. T., o Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.15 (13 anos)
SETUBAL — Júpiter — «Annie», às 21.15 (6 anos)

Porto

TERÇO — «Caçada Implacável», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Christinianne», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO — «O Grande Zorro», às 21.30 (13 anos)
TRINIDADE — «Gandhi», às 21.30 (13 anos)
FOCO — «Romance em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA — «Onde se Meteu a 7.ª Companhia?», às 21.30 (6 anos)
RIVOLI — «O Soldado», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO — «Sombras brancas» 21.30 (13 anos)
BATALHA — «João Broncas», às 21.45 (6 anos)
COLISEU — «A Fúria do Herói», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL — «E. T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM — «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT — «O Veredicto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A — «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L — «A Tempestade», às 21.45 (13 anos)
JULIO DINIZ — «Uns e outros» 21.30 (13 anos)
ÁGUA — «Dumbo» 21.45 (6 anos)
BEBÉ — «Yol-licença precária» 21.45 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALVALADE**: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS** — DUQUE D'ÁVILA: Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BAIRRO AZUL**: Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA**: Normal de Lisboa, R. da Prata, 220 (T. 721342); **BENFICA** — BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavínia, R. Eng. Paulo Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO D'OURIQUE**: Lindeira, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHILE** — ALAMEDA: Nobel, R. Actor Valé, 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO** — SANTA MARTA: Davi, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342); **PAMPULHA** — JANELAS VERDES: Lealdade, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **CHELAS**: Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 384904); **ALGÉS**: Miramar, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **ODIVELAS**: Batela Tavares, R. Prof. Dr. Augusto

teatros

Lisboa

A BARRACA — «Um Dia na Capital do Império», às 21.30 (13 anos)
COMUNA — «A Castro», às 21.45 (13 anos)
PRIMEIRO ACTO — «Vigilância Especial», às 21.30 (18 anos)
CASA DA COMÉDIA — «A Marquesa de Sade», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA — «Sem rei nem rock» 20.30 e 22.45 (18 anos)
VARIEDADES — «Há mas são verdes» 20.30 e 23.00 (18 anos)
D. MARIA II — «Fernando talvez possa» 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO — «O Suicidário» 21.30 (13 anos)
ABC — «É Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Abreu Lopes, 29-A (T. 915446); **PONTINHA**: Leão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

PERMANENTE (Amanhã)

ALFAMA — ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ANJOS** — CHILE: Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **ALTO DE SÃO JOÃO**: Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE**: Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **AV. DA REPÚBLICA**: Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA** — COLISEU: Frazão, R. Protas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BELEM** — ALTINHO: Gomes Sucr., R. Junqueira, 326-328 (T. 638193); **BENEFICÊNCIA** — SETE RIOS: Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES**: Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **ENCARNAÇÃO**: Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **LUMIAR**: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-A (T. 311216); **PICHELEIRA**: Marluiz, C. da Picheleira, lote 12-A e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **ALTO DE ALGÉS**: H. Amaral, R. X, lote 146-A; **AMADORA**: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15A (T. 938149); **ODIVELAS**: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911159); **PONTINHA**: Pontinha, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

Linha de Cascais

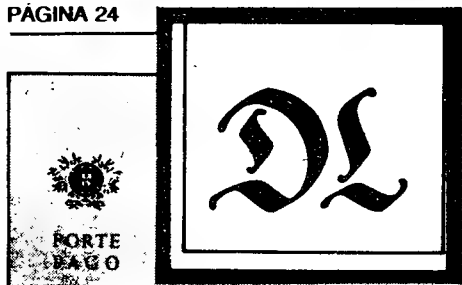
CAXIAS: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Permanente; **OEIRAS**: Acantara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 h; **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PAREDE**: Macau, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **CASCAIS**: Cordelro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Permanente; **DAMAIA**: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ**: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726). Até às 19 horas; **CACÉM**: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS**: Químia, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Cargaleiro Lourenço. Até às 22 horas; **COLARES**: Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA**: Valentim (T. 980456). Permanente

Outra banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Até às 22 horas; **ARANJEIRO**: Baptista Marques, Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:

RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 368740

Serviço de noite (depois das 21):

Porto: 321154

Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO

Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO

Telefones: 20954/5

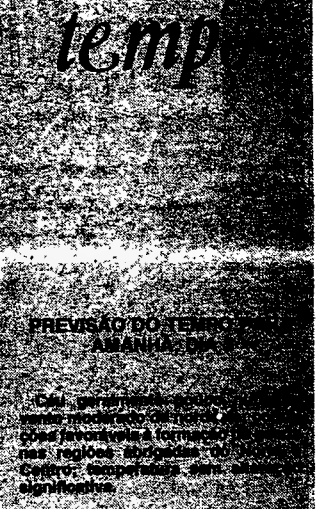
Distribuição: INTERPRESS

Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA

Telefones: 322100-322204-320784



O TEMPO			
MARES DE HOJE			
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
6.58	3,8 m	12.30	1,3 m
19.15	3,7 m	24.51	1,4 m
Dia 3			
7.37	3,5 m		
19.57	3,5 m	13.08	1,5 m
TEMPERATURAS DO AR			
AS 9 HORAS			
VIANA DO CASTELO	10°		
BRAGANÇA	5°		
VILA REAL	6°		
PORTO	8°		
PENHAS DOURADAS	2°		
COIMBRA	8°		
CABO CARVOEIRO	12°		
PORTALEGRE	5°		
LISBOA	11°		
ÉVORA	9°		
BEJA	8°		
SAGRES	13°		
FARO	11°		
PONTA DELGADA	14°		
FUNCHAL	16°		



últimas

O MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, apoiado pelo governador social-democrata do Estado, Leonel Brizola, provocou verdadeiras reacções de paixão na sexta-feira por não ter desbloqueado este ano as somas necessárias para a organização do tradicional Caminho da Cruz do Rio. Há três anos que o Caminho da Cruz era representado numa praça do Rio por milhares de actores e figurantes, mas desta vez o município não desbloqueou os 24 milhões de cruzeiros (cerca de 38 400 escudos) necessários à representação.

KARANDACHE, o célebre palhaço soviético, faleceu aos 82 anos de idade, anunciou hoje o órgão do PC da capital da URSS, a «Pravda» de Moscovo. Mikhail Rumiantsev, mais conhecido pelo público sob o nome de Karandachê, fez várias viagens ao estrangeiro com o circo de Moscovo durante vários anos. Artista da URSS, herói da União Soviética, Karandache também tinha recebido a ordem de Lenine e era titular de várias condecorações.

SETE PESSOAS MORRERAM no Japão quando a avioneta, em que viajavam se despenhou num campo de arroz em Sandai, 800 quilómetros ao norte de Tóquio. Segundo a Polícia, a avioneta, uma Cessna de fabrico norte-americano, caiu quando efectuava manobras de aproximação ao aeroporto de Sendai.

A AUTOPSIA EFECTUADA ao corpo do deputado socialista italiano Antônio Canepa, encontrado morto quinta-feira, excluiu qualquer hipótese de suicídio, tudo indicando que sucumbiu ao efeito de uma dose excessiva de heroína. O cadáver de Antônio Canepa, 43 anos, foi encontrado quinta-feira na casa de banho da sua residência com grandes manchas de sangue no braço. A notícia foi recebida normalmente pela opinião pública italiana, pois há anos que Antônio Canepa era conhecido por toda a classe política como um dos 600 mil drogados que vivem em Itália.

A CABEÇA DO «SHERGAR», o cavalo mais caro do mundo raptado há sete semanas, será posta hoje, em Dublin se o resgate não for pago antes das 8 horas locais (tmG), indicou, sexta-feira, à noite, à rádio irlandesa RT, um correspondente anónimo. O correspondente que se exprime com um sotaque inglês, pediu a um jornalista para difundir esta informação no boletim das 23 horas da rádio irlandesa - o que foi cumprido. Ele precisou que o montante do resgate se elevava a 1 500 000 liras e que os contactos tinham tido lugar entre os autores do rapto e o consórcio proprietário de «hegar».

«PS SEM OBJECTIVOS para o distrito do Porto» - foi a gralha que saiu, na nossa edição de anteontem, a acompanhar a notícia do manifesto eleitoral do PS para aquele distrito. Como se lia no texto, são, de facto, vários os objectivos definidos pelo PS para o Porto. Do erro técnico pedimos desculpas.

Quase todos os jornais "brincaram" Afundamento da Madeira foi "peta" antecipada

A ilha da Madeira não está a afundar-se e ainda não foi necessário o desembarque de americanos, mesmo que professores. O esclarecimento impõe-se a respeito de uma nossa notícia publicada na quinta-feira, dia 31. Tal não passa da antecipação da «peta» do dia 1, inviabilizada pelo facto de ontem ser feriado nacional.

O afundamento conhecido da ilha da Madeira é só no domínio da economia e, obviamente, aí não é necessário fazer observações por meio de satélites artificiais. Toda a gente conhece as dificuldades que a economia madeirense atravessa.

O suporte verdadeiro em toda a notícia é que Alberto João Jardim se encontra ausente na Austrália, onde no dia 1 visitava uma colónia portuguesa, em grande parte originária da Madeira. E aproveitaria para fazer um apelo a que esses portugueses continuem a apoiar o país «particularmente nestes momentos difíceis».

Imprensa brincou

A Imprensa em geral apro-

veitou para «brincar» com os seus leitores a propósito do «dia das mentiras». Uma das mais curiosas notícias terá sido a difundida pela ANOP, cujos trabalhadores ainda não receberam os salários de Março, mercê do bloqueamento mantido por José Alfaia. Dizia assim, o texto da ANOP:

«Lisboa, primeiro de Abril (ANOP) - José Alfaia, secretário de Estado para a Comunicação Social, visitou hoje de manhã a agência ANOP a fim de comunicar ao piquete de serviço a intenção de pagar de imediato os salários em atraso.

«Não me sentia bem nesta sexta-feira Santa, sabendo que trabalhadores sob a minha tutela tinham dificuldades em comprar um pacote de amêndoas para os seus queridos filhos», explicou».

A data seria assinalada pelos matutinos portuenses, com incidência particular no domínio do desporto. O «Comércio do Porto», por exemplo, noticiava a transferência de Laurie Cunningham do Real Madrid para o Futebol Clube do Porto.

O «Jornal de Notícias», pela

sua parte, anunciava a construção da nova ponte sobre o rio Douro, entre a Ribeira e a margem de Vila Nova de Gaia, com obras financiadas pelo Banco Europeu de Investimentos. Quanto ao futebol, dava-se conta da contratação pelo Boavista do treinador jugoslavo Miljani.

A Imprensa bracarense deitava-se a «brincar» só no domínio desportivo. Para o «Correio do Minho», servia uma transferência de Fernando Gomes, do Futebol Clube do Porto para o Benfica, envolvendo cem mil contos de luvás. O «Diário do Minho» noticiava o impedimento do jogo entre o Braga e o Futebol Clube do Porto, por divergências entre os jogadores e a direcção do clube bracarense.

O «Notícias D'Évora», único jornal que saiu nesta cidade, não se esqueceu do «Dia das Mentiras» e fez sair uma cuja intenção passará certamente despercebida.

Segundo o velho jornal ebo- rense numa caixa de «última hora», o Conselho de Ministros, reunido ontem, teria deferido o pedido de instalação do emissor do Alentejo...

A mentira incidiu sobre o

que tem sido, há já alguns anos, uma batata quente para os sucessivos Governos que, até ao momento não deram «luz verde» ao novo posto emissor, pretendido por um grupo de carolas ligados ao comércio e Imprensa locais.

E um grupo de foliões

Uma moeda de 25 escudos, faiscando ao sol e aparentemente perdida num passeio da Rua do Bonjardim, no centro portuense, atraiu a cobiça de transeuntes de acaso que se não lembravam ser ontem o «Dia das Mentiras».

No passeio em frente, os autores da partida riam dos incautos que caíam na inofensiva brincadeira - uma das muitas que se fazem neste dia na cidade.

«A moeda estava colada, ao chão com «Araldite» e as reacções dos ingénuos que se dobravam para a apanhar eram das mais diversas. Alguns coravam, embaraçados, outros fingiam «não ser nada com eles», mas houve quem se risse da sua própria inocência e achasse graça à partida.

Mentira custa despedimento

A agência noticiosa oficial grega «ANA» não é para brincadeiras, e não hesitou em despedir o seu correspondente em Bruxelas, que tinha achado bem participar no dia das mentiras enviando para a sua sede um telegrama anunciando que a Grécia ia em breve ser ligada à Itália por um túnel submarino, a fim de a aproximar da comunidade europeia.

Georges Daratos enviou o seu telegrama de Bruxelas, precisando que a construção do túnel se ficava devendo a uma iniciativa da Comissão Europeia.

Infelizmente para ele, a direcção da agência «engoliu» a peta, e distribuiu a notícia no seu serviço quotidiano.

Mas pouco depois informava o seu colaborador de que, por não ter avisado que se tratava de brincadeira, devia considerar-se despedido.

A única esperança que resta a Georges Daratos é a de que a notícia do seu despedimento seja, por seu turno, mentira do «primeiro de Abril».

Apesar da ameaça de despedimentos maquinistas ignoram requisição civil

Em resultado da greve decretada pelos sindicatos da CP que integram a chamada Frente Independente e Democrática e que teve início às 12 horas do passado dia 30, o tráfego ferroviário mantém-se paralisado praticamente em todas as linhas, excepto na região Sul do País.

No seu quarto dia, esta greve, que se prolongará até ao meio-dia de terça-feira, «continua a registar uma adesão de 100 por cento» dos trabalhadores filiados no Sindicato dos Maquinistas, segundo um porta-voz desta organização.

A mesma fonte afirmou que os sindicatos mantêm a decisão de não acatar a requisição civil decretada pelo Governo, apesar de a CP já ter levantado 75 processos disciplinares com intenção de despedimento.

De acordo com as relações públicas da CP, o movimento na zona Sul, onde a maioria do pessoal é afecto à Federação dos Sindicatos Ferroviários (CGTP) tem-se processado quase regularmente, estando, praticamente, paralisado todo o movimento nas outras zonas do País.

Aos passageiros das linhas internacionais continua a ser assegurado transporte alternativo rodoviário a partir de Vilar Formoso.

O mesmo tipo de transporte, que, habitualmente, tem sido posto em funcionamento nas linhas periféricas de Lisboa, hoje funciona com frequências reduzidas, nos percursos Sintra-Lisboa e Azambuja-Lisboa, não sendo possível assegurar qual-

quer serviço de autocarros amanhã, na Linha de Cascais.

No Porto, segundo informação colhida junto do posto da Estação de Campanhã, apenas dois maquinistas têm assegurado ligações ferroviárias entre aquela cidade e Marco de Canavezes e entre Ermesinde-Porto-Espinho.

Processos disciplinares

O Sindicato dos Maquinistas considerou ilegais os 75 processos disciplinares com suspensão de trabalho levantados pela CP, por desobediência à requisição civil.

Um dirigente sindical afirmou que os trabalhadores não têm conhecimento de quais são os serviços mínimos a cuja comparação a requisição civil os obriga.

O mesmo informador acrescentou que, para além disso, o Sindicato dos Maquinistas recusou a recepção da comunicação do Conselho de Ministros sobre a requisição civil, por não ter nem número, nem data.

A nota do Conselho de Ministros refere que, a verificar-se o não cumprimento do disposto na sua resolução de 29 de Março e da portaria de requisição civil, que leva os trabalhadores faltosos a incorrer no crime de desobediência qualificada, continuarão a ser instaurados processos disciplinares com suspensão.

A nota oficiosa sublinha que o artigo oitavo do decreto sobre requisição civil estipula que «da decisão de requisição será dado conhecimento aos interessados

através dos meios de Comunicação Social, produzindo efeitos imediatos».

Para além da difusão na Comunicação Social - afirma o Governo - foram enviados, pelo Ministério dos Transportes, aos Sindicatos dos Maquinistas, dos Trens e Revisão e dos Ferroviários de Estação, cópias autênticas da resolução do Conselho de Ministros e da portaria dos Ministérios dos Transportes e Trabalho, tendo aqueles sindicatos recusado a sua recepção.

O debate e a clareza

tecem as ilusões do poder, de que Portugal nos falam, que modelo nos propõem a nove anos de distância do 25 de Abril.

Dir-se-á que nada de novo nos é oferecido. Que algum «regresso» inspira discursos que põem em causa a «ordem constitucional», e que, por outro lado, a divisão do campo político favorável ao ideário de Abril suscita uma preocupação justificada pela experiência política nacional e internacional. Quanto à continuidade e à consolidação democráticas, o debate não deu respostas. Alianças de partilha do Poder não são, neces-

A nota do Conselho de Ministros afirma que «o Governo manterá, por todos os meios legais, ao seu alcance, o respeito pela autoridade democrática própria de um Estado de direito».

De referir que a maioria dos trabalhadores sobre quem impendem as participações são maquinistas, porque - segundo o porta-voz da empresa - houve pessoal de outros sectores que acatou a requisição civil.

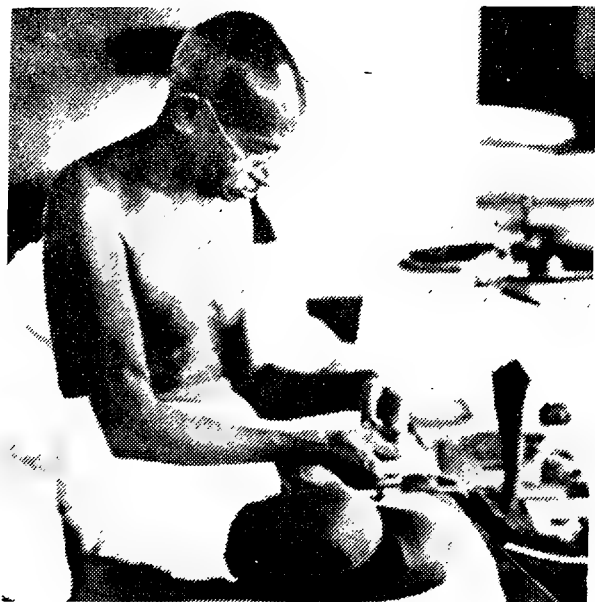
sariamente, alianças que consolidem a democracia. A «experiência AD» mostrou os limites e as graves consequências de uma aliança de interesses, à qual não correspondia identidade de projecto político. Os problemas nacionais não se compadecem com equívocos e ambiguidades políticas. A situação nacional exige clareza e vontade política.

Terá sido clarificador o debate da RTP? Ou teríamos ficado a saber o que sabíamos da situação do País e da personalidade dos homens que conduzem os maiores partidos?

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 2 DE ABRIL DE 1983



*“Gandhi”, um filme
de Attenborough*

A história comunicada



Claire Devarrieux

GANDHI, um homem, uma acção. Meio século de história resumido em três horas. Eis o monumento que nos cai em cima da cabeça.

O autor, Richard Attenborough, tem sessenta anos. Actor, produtor, mais tarde realizador, é um inglês bastante conhecido por Moti Kothari, funcionário indiano residente em Londres. Kothari pediu-lhe que fizesse um filme sobre Gandhi e deu-lhe a biografia feita por Louis Fisher. Só vinte anos depois o filme veria a luz do dia.

O próprio Richard Attenborough diz que teve de esperar vinte anos, com este projecto e esta figura que transformaram a sua vida. **«O meu objectivo principal, escreveu ele, era realizar um filme tão fiel quanto possível ao espírito do homem que foi Gandhi. À partida uma admiração convicta. E, para servir, um método: «Se, ao reduzir os setenta e nove anos da sua vida a um filme de três horas, eu tinha de deixar de parte alguns fenómenos históricos, era absolutamente necessário que uma investigação aprofundada me desse a exacta**

consciência das liberdades cinematográficas que eu tomava.»

A imagem é, nos mínimos pormenores, a imitação de outra imagem, de outra reprodução: a fotografia. O museu nacional Gandhi, em Nova Delhi mostrou a sua colecção inteira, e a equipa do filme trabalhou tendo constantemente em conta ampliações cujos elementos foram minuciosamente repertoriados, a ponto de respeitar o seu enquadramento ou a sua iluminação.

A maior parte dos principais personagens históricos, Nehru, Jinnah, lord Mountbatten e outras são reencarnadas com um máximo de semelhança. Ben Kingsley, no Mahatma, é quase um sócio, e representa o seu papel com galhardia.

Os acessórios que o rodeiam, ao longo da vida, os óculos de Gandhi, as suas roupas, naturalmente, o seu progressivo despojamento, o seu modo de rapar o crânio ou de deixar crescer os cabelos, tudo é exacto. Tal como a narrativa que se apoia numa documentação abundante que garante a veracidade, ou, pelo menos, a verosimilhança.

A partir daí tratava-se de contar uma história e de transmitir

uma mensagem. Richard Attenborough conseguiu uma e outra coisa.

Não vemos a infância de Gandhi. A aventura começa quando ele tem vinte e cinco anos, à sua chegada à África do Sul, e termina com funerais grandiosos. Para não perder aquilo que escolheram afastar, argumentista (John Briley) e o realizador introduzem no diálogo uma quantidade de noções que não aparecem nas imagens. Por exemplo, o amor de Gandhi pelas mulheres, antes de optar pela abstinência, é evocado, no fim do filme, por Kasturba, sua esposa. Ou então, um homem numa assembleia, refere as torturas sofridas na prisão, o que evita mostrá-las.

Outro processo: o velho casal Gandhi mima a cerimónia do seu casamento (aos treze-catorze anos). Claro que o sistema de condenação é lei. Um determinado jejum de Gandhi terminou realmente com um golo de sumo de laranja, mas esse jejum representa muitos outros.

A vitória de uma estratégia

Tudo isto é geralmente feito com habilidade, e, se o especta-

dor sente que num pedaço de plano nem uma emissão de voz são devidas ao acaso, essa densidade pedagógica absorve-se sem dificuldade.

A grande sorte de Attenborough num tema tão difícil, quase impossível, foi as acções defendidas por Gandhi serem redutíveis a imagens simples, fortes, como queimar as roupas de origem inglesa e adoptar o **Khadi** artesanal. O punhado de sal que ele apanha na praia é uma bofetada ao imério britânico e tem, como o diz Gerald Gold, um «simbolismo límpido». Há, enfim, a violência espectacular da não-violência.

O jovem advogado de Pretória queimado incessantemente os papéis de identidade impostos aos seus compatriotas, ao mesmo tempo que num ataque à bastonada lhe tira as últimas forças, é uma cena que não necessita de comentários. Tal como não necessitam de comentários os trabalhadores que se deitam perante uma carga de polícia a cavalo, e os manifestantes que avançam, em filas de quatro ou cinco, logo espancados e imediatamente substituídos pela fila seguinte que vem colocar-se à mercê da polícia, e assim sucessivamente.

A partir do momento em que a filosofia de Gandhi repousava na aplicação das suas teorias a si próprio, era fácil fazê-lo interromper uma conversação séria para cuidar de uma cabra. A sua esplêndida presença no meio dos Britânicos é uma aparição que se basta a si própria.

Aí se detêm, porém, as qualidades do filme de Attenborough. Fiquemos no terreno que lhe cabe, o da reconstituição histórica destinada ao grande público. A sua formidável minúcia peca no entanto curiosamente, por falta de realismo e até de emoção.

Não se trata de censurar ao autor um certo domínio na encenação. O tema exigia-o. Mas imaginemos que um Michel Cimino tivesse filmado o massacre de Amritsar. A simples ideia do horror transmitido seria insuportável.

Por que não se vê Gandhi caminhando pelos pântanos, movendo-se na desgraça suja, a da pobreza e da doença purulentas? Por que ter feito um filme tão limpo? A Índia que Attenborough nos descreve é uma Índia assepticada e um país fantasma que se agita em volta dos protagonistas.

A imagem de Gandhi, talvez por ser tão claramente explicada resulta enfraquecida. Tanto mais enfraquecida e simplificada quanto Attenborough se empenha, evidentemente, na vitória de uma estratégia. Nenhum risco parece ter sido vivido pelo pequeno homem singular que abate tranquilamente as suas fortalezas. Todas as suas acções já surgem aureoladas pelo resultado que ele vai obter.

Mas não esqueçamos que esta forma de cinema — que diz menos respeito à arte do que aos fenómenos de comunicação de massa — é excepcionalmente útil. Num tempo em que os movimentos pacifistas tomam amplitude, no momento em que se anuncia tanta brutalidade, a lição política, humana, ideológica, de Mohandas K. Gandhi devia ser recordada.

Mais tarde, talvez um cineasta indiano se lance por seu turno, ao herói, ao morrer, não dirá «Oh my God», mas «He Rama». Entretanto ténis de aceitar o inglês como esperanto e meditar mais nos ensinamentos do mestre do que na encenação do admirador disciplinado.



Estórias de Portugal

ERA a era vamos sendo. Somos o que fomos ou seremos o que somos?... Se assim fosse era bom ou era mau?... Dependia da era que nos antecederse ser uma era boa ou uma era má?... Como uma discussão, como esta inteligentíssima, diga-se de passagem, pode alegrar um pós-meia-noite, bem bebido, e facilitar uns olhares penetrantes nos umbigos!... Para animar o blá-blá e fazer boquinha para mais umas rodadas, aconselha-se o recurso a uma nomenclatura onde não faltam vocábulos como: «arqueano», «ordoviciano», «triásico», «mioceno» e «plistoceno», que, agarrados a

uma «proterozóica», «paleozóica», «mesozóica» ou «cenozoica», são muito susceptíveis de fazer sede, ou qualquer outra coisa própria da madrugada.

E varia. E tem qualquer coisa de novo. Porque se (a imaginação!...), a essa hora, como a qualquer outra, blabamos sobre os discursos da grande maioria dos nossos políticos, arriscamos uma overdose de bafio...

Se viajarmos ao que nos disseram há uns tempos atrás para que era todo aquele palavreado?... Para que é o mesmo palavreado, agira?... Porque o que era é.

E as nossas discussões, tão cultas e inteligentes, serão, ao serão, para quê?... Repetindo-os, repetim-nos, somos o que já fomos, monocórdicos, chatos, discos rachados a girar em torno de uma frase que não faz ideia, duma ideia que não faz sentido. Uma merda. Modifiquemos o discurso. Alonguemo-nos sobre o «algonquiano», permeabilizemo-nos ao «permiano», devotemo-nos ao «devoniano». O nosso auditório ficará, certamente, muito impressionado... Não perceberá menos do que lhe dizemos do que percebe do que a maioria dos nossos políticos lhes diz a respeito da nossa entrada para a CEE, da Revisão Constitucional que foi

uma vitória que precisa de ser revista, urgentemente; da inflação, da crise, da «abrangência», do «nacionalismo liberal», do «consenso - alargado» e outras curiosidades da quinquilharia de palavras com que ornamentam os peshibeques das ideias. E naturalmente, com o mesmo à vontade, aderirá a uma discussão frontal, aberta, porque o que tem a dizer sempre disse, principalmente depois da meia-noite e com uns bons copos a encorajarem-lhe as entranhas. Traremos com a quaternária ou a terciária outras eras ao rebeubéu nocturno. Diremos coisas sem nexos, falaremos do que não sabemos com a violência da nossa ignorância inabalável... Operaremos milagres em matéria de cirurgia plástica metendo os pés pelas mãos. Se for possível introduziremos uns insultozitos pelo meio para apimentar a sessão. Depois... bem depois ficará tudo na mesma. A verdade é que a única diferença entre os bêbados e certos políticos é que com alka-seltzer a bebedeira passa.

Francisco Nicholson

Agenda

Sete Ponto Sete

Cinema

● Victor/Victoria
de Blake Edwards
(USA — 1982)

A desenvoltura, o prazer do cinema, a felicidade dos equívocos. **Victor/Victoria** é a hilariante encenação dos enganos que nos não cegam: queremos todos ser enganados quando se trata de cinema.

Cinema S. Jorge 2
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
e ABCine — sala B
(14.45, 17, 19, 21.15 e 23.15 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Trepidando pelos imaginários da adolescência que aqui marcam encontro connosco, os espectadores eternizam o sucesso deste filme de Spielberg.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

● A estrangeira
de João Mário Grilo
(Portugal — 1982)

Respiração, densidade, interior: **A estrangeira** é um filme triste e belíssimo. Como quem sufoca de memória.

Cinema Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Blade Runner
de Ridley Scott
(USA — 1982)

O visionarismo de Ridley Scott, a paisagem urbana do futuro, o ferro-velho do progresso fazem deste filme uma coisa memorável. O resto (argumento, actores, metafísica) não acompanha a pedalada.

Uma desilusão fascinante.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)



António Cara d'Anjo (à esq.) e Márlo Viegas numa cena de «Sem sombra de pecado»

● O veredicto
de Sidney Lumet
(USA — 1982)

Se o argumento é clássico, se a **mise-en-scène** o é menos, se Paul Newman é uma rocha, **O veredicto** é o protótipo do filme para uma noite bem passada.

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Na calada da noite
de Robert Benton
(USA — 1982)

Se o cinema é também actores e actrizes, frise-se que este filme vale por Meryl Streep, desejável, estranha, temível, desamparada, enigmática.

Cinema S. Jorge 3
(14, 16.15, 18.30 e 21.45h)
(interdito a men. 13 anos)

● Contos da loucura normal
de Marco Ferreri
(Itália — França — 1981)

Marco Ferreri no espaço americano de Bukowski. Ben Gazzara para a América, Ornella Muti para a Itália, a Europa ganha, apesar de tudo. Mas Ferreri, esse parece cada vez mais num círculo vicioso.

Cinema Quarteto — sala 3
(14, 16, 18, 20 e 22h)
(interdito a men. 18 anos)

● Do fundo do coração
de Francis Ford Coppola
(USA-1982)

Desculpem lá os adjectivos, mas **Do fundo do coração** é um filme arrojado, apaixonante, comovente, transfigurador, penetrante, decadente, renovador, luminoso, agressivo, fabuloso. Desculpem lá, mas **Do fundo do coração** é uma criação tão rara que o leitor fica desde já obrigado a vê-lo. Ou então nunca mais diga que gosta de cinema.

Cinemas Apolo 70
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)

e Satélite
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Uma comédia Sexual
numa Noite de Verão
de Woody Allen
(USA-1982)

Um filme como este será menos perfeito que **Annie Hall** mas talvez seja mais sincero, mais tocante, mais perto das pessoas e das suas fraquezas.

Cinema ABCine-sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21 e 23 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Tootsie
de Sydney Pollack
(USA-1982)

Um registo de comédia para Sydney Pollack? E porque não? Dustin Hoffman, Jessica Lange e Teri Garr enchem o ecran. De humor e de dúvida.

Cinemas Castil
(15.30, 18.30, 21.30 h; aos sá-

As estrelas

Do fundo do coração	★★★★
Uma comédia sexual numa noite de Verão	★★★★
E.T. — o Extraterrestre	★★★★
Sem sombra de pecado	★★★★
Tootsie	★★★★
Ao correr do tempo	★★★★
Victor/Victoria	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
A estrangeira	★★
Blade Runner	★★
O veredicto	★★
Na calada da noite	★★
Contos da loucura normal	★★

A «Chave»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- — Desinteressante
- — A evitar

bados e domingos: 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
7.ª Arte
(14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45 h)
e **Terminal**
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● E.T. — o Extraterrestre
de Steven Spielberg
(USA-1982)

Está na calha para vários oscars mas, premiado ou não, é já um marco, sempre que se falar das relações entre o público e o cinema.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(para todos)

● Sem sombra de pecado
de José Fonseca e Costa
(Portugal-1982)

Vale a pena enumerar os actores que dão corpo ao discurso de ironia de Fonseca e Costa: Victória Abril, Mário Viegas, Lia Gama, João Perry, Isabel de Castro, Armando Cortês, Henrique Viana, Rogério Paulo, António Cara d'Anjo, Lena d'Água, etc. etc. Estão merecedores de parabéns.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

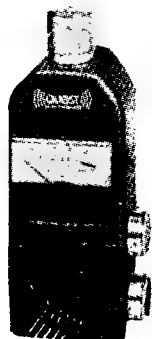
● Ao correr do tempo
de Wim Wenders
(RFA-1975)

Vazio de ficções é a estrada pelo interior que urge. Wim Wenders é o cineasta em trânsito: em despedida e ao encontro do cinema americano. Mas descrente.

Cinema Quarteto — sala 4
(14.30, 17.45 e 21 h)
(interdito a men. 13 anos)

EQUIPAMENTOS PARA TODOS OS TESTES EM AUDIOMETRIA

Audiómetros
Impedâncímetros
Cabines Audiométricas
Instrumentos de Reeducação
Próteses Auditivas



Representamos:

QUALITONE
MAICO
PHONAK
AMPLISILENCE
TELEDYNE AVIONICS
PHONIC EAR
HANSATON

Informações e pedidos a:

Casa Sonotone — Poço do Borratém, 33 S/L — 1100 LISBOA Tel. 868352-865978
Praça da Batalha, 92-1.º — 4000 PORTO Tel. 315602

MONTADORES/OFFSET

Grande empresa gráfica, situada em Lisboa, admite para ampliação dos seus quadros:

- montadores de jornal.
- montadores offset com prática de montagem de cores.

Enviar resposta c/experiência anterior e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 23 305

Evite o encandeamento.
Vele pela sua segurança
e pela dos outros.

circular e viver.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português



O escrivão de «Guerra do Mirandum» de Fernando Matos Silva

GOMES, JOSÉ — actor José Mendes Gomes nasceu em Cantanhede a 8 de Dezembro de 1938. Faz o liceu na sua terra e, em 1959, transfere-se para Coimbra onde se matricula na Faculdade de Medicina.

É em Coimbra, no âmbito universitário, que José Gomes começa a fazer teatro. Estreia-se em 1960, no CITAC («Dulcineia ou a última aven-

tura de D. Quixote» de Carlos Selvagem, enc. António Pedro), passa também pelo TEUC e pelo Coral de Letras.

Em 1966 vem para Lisboa, integra-se no Grupo Cénico de Direito, onde faz, em 1967, o espectáculo «Mestre Gil», sobre textos de Gil Vicente, Sussuna, Brecht e Martim Pena (enc. Luis de Lima) e, em 1969, «Volpone» de Ben Johnson (enc. Adolfo Gutkin). É durante a sua permanência no Cénico de Direito que José

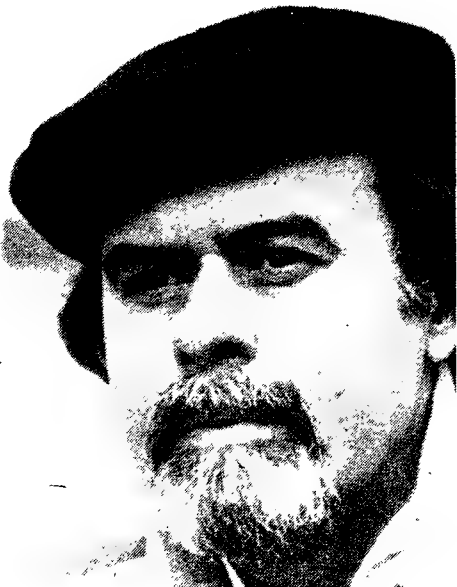


O capitão de «Sem sombra de pecado» de Fonseca e Costa.

Gomes faz a sua primeira experiência no cinema, em *Nojo aos cães* de António de Macedo.

Profissionalmente, a sua carreira no teatro começa em 1970, no Grupo de Acção Teatral, sediado no Teatro Villaret. Aí fez «O processo» de Kafka (enc. Artur Ramos) e, já em 1971, «Depois da queda» de Arthur Miller (enc. A. Ramos), «Emílio e os detectives» de Erich Kastner (enc. Glicínia Qartin), «A Capital» de Eça de Queiroz (enc. A. Ramos).

Em 1971, José Gomes é um dos fundadores dos Bonecreiros, grupo onde permanecerá até 1974. Nos Bonecreiros faz, sucessivamente: 1971 — «O circo imaginário de Super Basílio» de Tankred Dorst (enc. João Mota); 1972 — «A grande cegada dos touros, mulheres e fado», Teatro de cordel do séc. XVIII, encenação colectiva; «A comédia Moscheta» de Ruzante (enc. Mário Barradas); 1973 — «A grande imprecação diante das muralhas da cidade» de



José Gomes (foto de Monteiro Gil)

Tankred Dorst (enc. M. Barradas); 1974 — «Noite de guerra no Museu do Prado», de Rafael Alberti (enc. M. Barradas).

Em 1975, José Gomes ingressa no Grupo 4, onde interpreta: 1975 — «A investigação» de Xavier Pommeret (enc. Fernando Gusmão); «Como o sr. Mokimpote se libertou dos seus tormentos» de Peter Kleiss (enc. Rui Mendes); 1976 — «O círculo de giz caucasiano» de Bertold Brecht (enc. João Lourenço); 1977 — «Os macacões» de Ary dos Santos e Augusto Sobral (enc. Morais e Castro).

Nos anos seguintes José Gomes faz um hiato no seu trabalho teatral e faz apenas cinema.

Regressa aos palcos em 1980 para interpretar, no Teatro da Trindade, «Baal» de Bertold Brecht (enc. João Lourenço). Em 1982 integra-

-se na companhia A Barraca e faz, nesse ano, «Tudo bem», colectivo (enc. Hélder Costa). Em 1983 interpreta «Um dia na capital do Império» de Hélder Costa, sobre textos de António Ribeiro Chiado (enc. H. Costa).

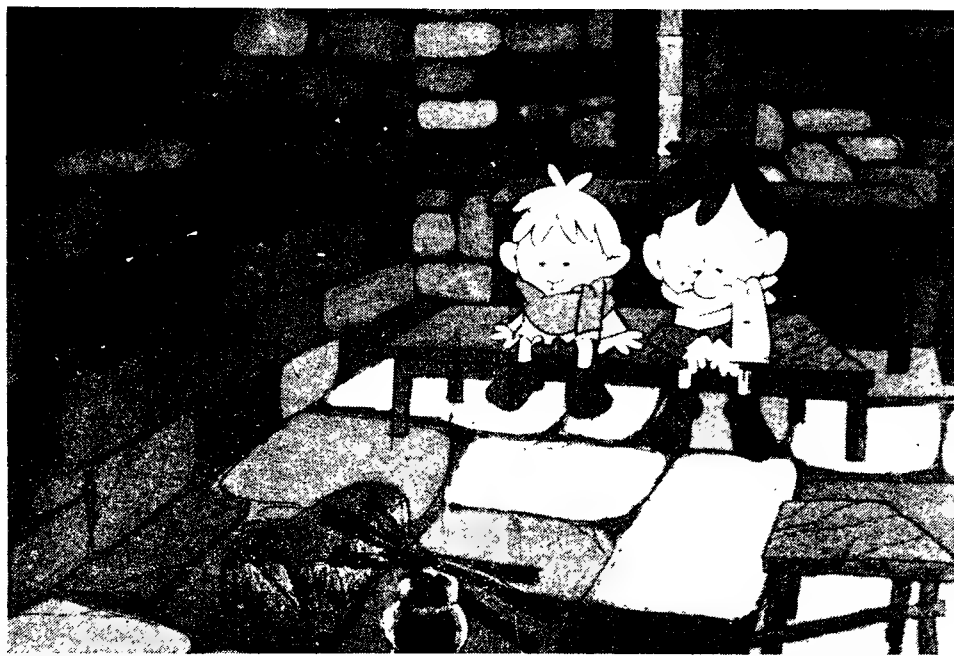
FILMOGRAFIA: *Nojo aos cães* de António de Macedo (1970); *Pedro só* de Alfredo Tropa (1971); *O princípio da sabedoria* de António de Macedo (1975); *Antes a sorte que tal morte* de João Matos Silva (1975/82); *Acto dos feitos da Guiné* de Fernando Matos Silva (1977/80); *Kilas, o mau da fita* de José Fonseca e Costa (1977/80); *Guerra do Mirandum* de Fernando Matos Silva (1978/80); *Permanência* MM de Fernando Matos Silva, episódio da série TV *Entre marido e mulher* (1979); *Uma cidade como a nossa*, série TV de Luis Filipe Costa (1980/81); *A carta roubada* MM de Ruy Guerra (1981); *Sem sombra de pecado* de José Fonseca e Costa (1982).

Uma filmografia não muito longa para um actor secundário que foi sabendo deixar memória nos filmes por que passou.

O guarda de *O princípio da sabedoria*, o hóspede da madrinha em *Kilas, o mau da fita*, o marido de *Permanência* ficaram como curtos e correctos trabalhos. O escrivão de *Guerra do Mirandum* (o seu mais importante trabalho até à data) ressentia-se do desequilíbrio geral do filme: não é um desempenho homogéneo e é duvidoso que o personagem tenha ganho espessura e credibilidade totais.

Mas o capitão que sonha com impérios e guerras e disserta sobre a mística da alma russa, em *Sem sombra de pecado*, vai ficar como o melhor papel, até ao momento.

Num registo de farsa, meio tom acima da restante pauta do filme, esse personagem é dos mais nítidos de *Sem sombra de pecado*. E é ele que sinaliza toda uma zona fulcral da ficção.



DUAS COMADRES (AS) — curta metragem

— 35 mm/cor

Realização: Artur Correia, Ricardo Neto. **Argumento:** Artur Correia, Ricardo Neto, em adap-

tação de um conto tradicional português. **Deseñhos:** Júlio Goes. **Animação:** Ricardo Neto, Artur Correia. **Intervalista:** Miguel Santos. **Decalque e pintura:** Graça Pisco, Cristina Robalo, Artur José, Carlos Leal. **Cenários:** A. Rodrigues. **Câmara:** Armando Ferreira. **Sonoplastia:** Paulo Correia. **Produção:** Topefilme. **Duração:** 7 minutos. **Rodagem:** 1977. **Estreia:** ? **Localização de cópias:** Instituto Por-

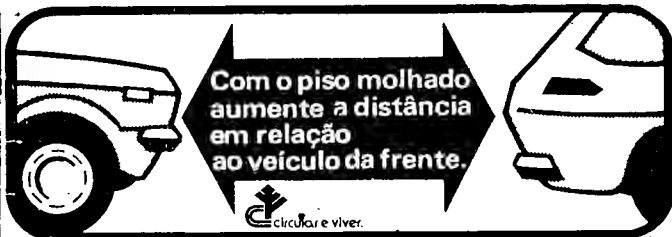
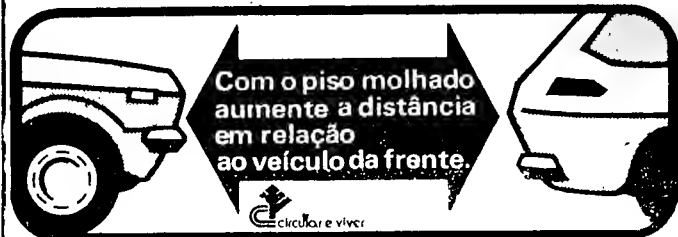
tuguês de Cinema/Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Trata-se do terceiro filme da série de contos tradicionais portugueses que a Topefilme transpôs em cinema de animação.

Se a técnica base permanece limitada, *As duas comadres*, talvez por não ter um tom de humor, é aquele onde há um trabalho mais forte ao nível da cor e dos cenários.

O rigor etnográfico já habitual encontra uma recreação fantástica assaz feliz. De novo se deve anotar o trabalho de vozes.

E não será demais tornar a realçar a importância da divulgação do património oral português por esta via cinematográfica e de real eficácia.



BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões
Av. João XXI, 5-D - 1000 (metro Arroios) - Rua Infância, 15-56-C - 1300 LISBOA

Sociedade Sete Ponto Sete

Wanda Ramos

Intimidade da fala percurso errático

Íntima recôndita, partindo de **dentro**, a fala de Wanda Ramos desliza como um baioço. Embalada desprende-se sem contenção e de repente pára: em pequenos textos, fragmentos do quotidiano, esse quotidiano complexo que afinal, como ela diz é «**a minha matéria-prima**». Há quem encare o quotidiano como rotina e assim o viva, sem surpresa nem descoberta — somente dia a dia, tão banal, ligado à sobrevivência, abdicando do sentir, do feitiço que é **olhar** as coisas para além das aparências. E depois transfigurá-las como se quer.

MAS ha quem «ande de olhos abertos», atento e desperto, e se tenha apercebido que o quotidiano «agride-nos, acaricia-nos, penetra-nos, repele-nos». É isto o livro ou diário de Wanda Ramos que a editora & etc publicou, bem encaixado na sua colecção «subterrâneo três». Escrito anteriormente aos «Percursos» o livro repousou três anos na gaveta de um editor, não obstante o contrato assinado com a autora. «fui buscá-lo e já estava a pensar se não iria fazer com ele uma fogueira quando me sugeriram para contactar o Victor Silva Tavares que numa semana resolveu um caso de quase cinco anos. Por intuição entendi que o livro cabia ali... se ajustava ao tipo de critério que aquela editora persegue...»

Que as palavras se desmanchem no feminino ou actuem magicamente sobre os leitores compreendeu o editor da «Intimidade da Fala», título que resume as «divagações» de Wanda Ramos. «... E a pessoa dobrada sobre a própria, embora não olhando para o seu umbigo.

Na minha juventude contemplava-me mais no espelho de mim sempre repudiando o dado e o existente. Hoje aceito o dado e o existente para os tentar reformular... Estou hoje melhor com o mundo do que antes — o que não quer dizer convívência, nem aceitação nem conformismo».

Lugar-comum

Tendo Wanda Ramos passado a infância (até aos nove anos) numa colónia branca em Angola, onde nasceu, isolada no Dundo, foi marcada por essa contingência. O seu pai era um funcionário da Companhia de Diamantes. «funcionário exemplar e humilhado... talvez sem o perceber» (os funcionários exemplares engolem as humilhações provavelmente por serem tão exemplares): a mãe, doméstica, lia Faulkner, Hemingway... tinha a paixão da leitura. E ali, nessa micro-sociedade, terrivelmente fechada, construída segundo o modelo das cidades de província americanas, no «arranjo do espaço, casinhas com jardim, as vacas da companhia, as lojas... as pessoas da companhia», Wanda não reprimia a

curiosidade que sentia pelo outro lado, o proibido.

Ela diz: «Tinha de facto o fascínio pelo proibido: o contacto com os negros, a cultura deles. Era a perplexidade pelo outro mundo que eles me cercavam...» Mais tarde a adolescência em Setúbal! colégio e depois liceu, e finalmente a Faculdade no curso de Germanísticas. «a época do fingimento constante e da ocultação». A sua família tinha o estatuto de classe média, embora vivesse à maneira da pequena burguesia, com os seus preconceitos, os seus alibis morais (?). «... Então para me deixarem em paz não lhe revelava nada do que fazia. Tinha um vida dupla...»

E a escrita? Surge, indomável, aos quinze ou dezasseis anos. Mas só se torna significativa no princípio da década de setenta com a publicação do primeiro livro, edição de autor, «As Coxas do Tempo». Passa nesse texto um certo erotismo, ao de leve vertido da acumulação das sensações e que no percurso literário de Wanda se vai, depois, perdendo porque ela, hoje mais madura e mais reflexiva, tem um medo tremendo «de cair no lugar-comum, na mensagem gasta, no já dito...»

Com vinte e poucos anos era menos exigente do que é agora. Menos crítica à que respeita à sua escrita e à dos outros. «Vendo bem... a gente fala sempre das mesmas coisas: do amor, da luta, de liberdade, do desejo. São categorias do pensamento universal. Se fizeres um poema imediato é igual a cem mil outros. Há que fugir da vulgarização da mensagem, há que levar o leitor a penetrar nela, a decifrá-la... Tudo o que não nos pede esforço resulta frouxo». Assumindo-se elitista, na escrita, Wanda Ramos diz que tem «horror ao pitoresco», e com isto, pode (o que é preferível) escorregar para o hermético da linguagem.

«Intimidade da Fala» é uma viagem ao quotidiano. Aquilo a que ela chama «um percurso errático», na área do sonho, em que «as palavras se impõem obrigando-me a dar-lhes forma». Recortes de momentos, alguns instantâneos, «de amor, prazer e desprazer», imagens onde se conjugam referências aos escritores que ama (Anaïs Nin, Dunell, Magritte, Lautréamont) e as suas reflexões sobre as coisas que a tocam.

«Anaïs Nin é um autor sempre subjacente, sempre há



Sentimo-nos por vezes lassos de viver...

minha volta. Volto sempre a ela. Nos Diários transmite a visão da mulher numa determinada época... embora ache que ela nunca diz tudo. Deve-se dizer mais, muito mais, sobretudo quando se é uma mulher descontraída, sem peias como ela parece ser...»

Bordado

Onde estou eu agora! Were am i now — não sei se é pergunta o que Anaïs faz. Não sei se Wanda Ramos, ao pegar nesta frase, pretende realmente interrogar-se sobre a sua situação no espaço e no tempo. Identifica-se na liberdade de mulher com a outra e propõe que «... regenere-se necessariamente a história». Antes, porém, afirma ou divaga, deixando-se ir em «direcção ao acolá da vida», cada vez mais disponível para se certificar que «em cada empenho me redescubro, tornada sófrega e espessa pelo meu sangue».

O que feminiza a escrita de Wanda Ramos? Não apenas palavras como **placenta, sangue, hemorragia, dor menstrual** que ela maneja não interessa se com intencionalidade mas o corpo modelado da escrita, cerimónia de culto que se entrega e se dá. «Há o amor das palavras, o que elas sugerem e evocam. Claro que não tive a intenção de criar um panfleto feminista mas não repudio que fazem parte do quotidiano das mulheres e do seu ser biológico...»

Aqui, neste canto o país, as mulheres que escrevem foram acometidas de um incontável desejo de falar com se quiséssem compensar-se do silêncio de séculos. E falar de si — e falar saboreando as palavras, usufruindo do prazer de as possuir e com elas desluzir os outros. «A escrita das mulheres é delicada como os bordados e os arranjos de flores. Isso está ligado à tentativa de

um melhoramento da forma de expressão. É a fuga ao já visto, ao lugar comum. É uma escrita feita de entrega às palavras onde se nota a preocupação de que elas digam mais coisas do que o habitual...»

É uma escrita de ritual e não de registos. Se, se quiser, diremos de retorno ao barroco, o que provoca revolução, na medida em que se opõe ao discurso seco, desenfreado, quase de morse do mundo masculino. Como comunicar assim? «Talvez a minha escrita se integre nas novas tendências da literatura em que se nota uma vontade de ruptura com os modos de escrever tradicionais. Há um desejo de remontar muito longe, de ir às origens, talvez à Idade Média, talvez ao barroco. De ir buscar coisas esquecidas, catalogadas de coisa pirosa, e recuperá-las, introduzindo-lhes ingredientes actuais.

Pedra

O que existe de sedutor na escrita de Wanda Ramos, sobretudo, no livro «Intimidade da Fala» é o que se advinha, o que não chega a ser dito, o que se insinua somente. Quando «filosofa» sobre a moral instituída não produz um manifesto, considerações óbvias ou punhais escondidos nos bolsos das palavras. «... Não venham dizer-me que alguma vez o desejo se dissolve em pedra: responderei, há quem exerça sobre ele o ácido do medo... e assim fique como quem se morre.»

Em pedra, deduzo. Aqui ela fala das convenções, das instituições — casamento, família, isso — dos preceitos e regras que corrompem as relações e as degradam. «O desejo é sempre transgressão, é subversivo...» Diz Wanda Ramos, rosto iluminado por uns olhos castanhos-escuros e que, por vezes, ficam fulvos. Não exagera nos gestos nem na tonalidade da voz.

exprime-se muito com os olhos.

Inicia o livro, este último (não me refiro aos «Percursos») com uma deambulação por Lisboa e foi através desse passeio, seguindo-a, que eu voltei a gostar desta cidade, a apetecer-me abraçá-la. «Gostaria de poder escrever mais sobre Lisboa e até com investigação se possível. Para mim é descoberta nova e renovada, constante e frequente. Mesmo que não saia da Avenida de Roma, onde vivo, sinto a cidade...»

... Cidade triste? «Mais melancólica. O meu texto mostra pouca energia vital — é como Lisboa. Pelo menos no momento em que escrevi o texto. Depende muito do nosso estado de espírito. Se a vemos melancólica é porque estamos melancólicos, lassos de viver...»

A Lisboa de Wanda Ramos (cada um tem a sua Lisboa) não é rainha nem pobre diabo. E muito menos mulher fatal. «Não aparece lambida pelo Tejo, pelas vagas — aí, que lugar comum! — ou enfeitada de sardineiras. É como se fosse uma mulher sofrida e insofrida, ora alegre, ora de mau humor. Mas nem sempre está melancólica. Pelo seu corpo, pelo tom das casas, pelo azul, por uma certa «coqueterie» que vai perdendo dada vez mais... é uma cidade sorridente.

Presa à imagem, ao visual ela anuncia-me uma das suas frustrações maiores: não ter feito um curso nas Belas-Artes. Desenha, sempre desenhou, desde a instrução primária em que delirava com as caixas de lápis de cor. Aliás, o desenho que abre a «Intimidade da Fala» é dela. E curioso: aos dezoito anos, imitava os pintores surrealistas. Tinha a «mania» de pintar mulheres com raízes por todos os lados, relógios na barriga, e coisas dessas.

Mais do que nunca, agora, neste ponto do seu percurso a concepção plástica interfere com a sua escrita. Precisa de

fazer uma invocação visual antes que a imagem escrita lhe saia. Ela conta como foi custoso o parto do romance que terminou há dias: «... Se queria descrever um personagem num momento determinado e que correspondia a uma situação difícil e delicada, dentro da sua evolução, tinha de chamá-lo como se ficasse presente e representá-lo visualmente para a partir daí tentar descrevê-lo com a força e a concisão que pretendia. Se não ele fugia-me... e ao fugir perdia-o, o que tornava a coisa frouxa.»

O romance que não é romance no sentido tradicional do termo tem um personagem central: **Telma**. Uma jovem, entre os onze e os dezasseis anos, uma heróina discreta que vai tomando consciência dos mecanismos que a envolvem até à idade adulta. Passa-se a acção na década de sessenta que foi, segundo Wanda Ramos «muito importante para a formação das gerações que hoje são actuais». A geração das rupturas, dos conflitos, dos Beatles, do «rock», de Maio de 68... E também a geração da grande utopia. «Os Beatles são referidos, no romance, um pouco à superfície...»

Qual é a estrutura do romance?

«Será a que os teóricos da literatura chamam romance de formação do personagem... de tipo alemão. O personagem, sem quase desenvolvimento vai aparecendo enquanto se forma como criatura. O que nós herdámos como definição do romance tem estrutura clássica e hoje fazem-se todas as variantes, uma das quais é a que tento fazer. Eu diria que, tal como venho escrevendo prosa, não tenho planos pré-concebidos. Parto de uma tema geral e a frase se me impõe: exige que seja aquela.»

Também nos «Percursos» não encontramos unidade temporal. Abrange três épocas e a «história» que não é história decorre em Angola, onde Wanda Ramos viveu, no arame farpado, tempo de guerra colonial, com o marido da altura, um miliciano do Exército português. A narrativa submete-se sempre ao discurso indirecto. «O narrador confunde-se com o personagem... e às vezes o narrador desaparece para ser o personagem a falar na primeira pessoa.»

Wanda Ramos diz gostar muito, mesmo muito, de Anaïs Nin. Da feminilidade que há nela: «Descreve como os personagens vão vestidos, com plumas ou sem plumas, os adereços, as cores... isso encanta-me.» Pois o que me encanta na «Intimidade da Fala» é algo que essa escrita tem de comum, sobretudo na última parte do livro, com Florbela. «Falo pois intempestivamente do que não ousa receber-te por isso que pode arreigar-te mais este amar-te, impredizendo-se...» O desvario, no amor.

Lourdes Féria



O martírio das bruxas

Jacques Solé

Dezenas de milhares de pessoas foram torturadas ou massacradas entre a Idade Média e o século XVIII, acusadas de feitiçaria pelos tribunais eclesiásticos. Isto mostra como o medo e o desejo de purificar o mundo podem conduzir à barbárie.

DURANTE a grande epidemia de caça às bruxas entre a Idade Média e o século XVIII, no Ocidente, dezenas de milhares de pessoas que nem sempre eram pobres velhas, afirmaram haver participado em reuniões nocturnas presididas pelo diabo, e participado em várias facécias monstruosas e blasfematórias. Os participantes deste «sabbat» tinham sido muitas vezes transportados através de um voo tão demoníaco como sobrenatural. A narrativa destes actos ocupa volumes inteiros dos nossos arquivos.

Poucos fenómenos do passado foram tão claramente provados através de testemunhos oculares devidamente registados por leigos ou eclesiásticos. Quando os segundos entregavam à tortura os acusados dos processos de feitiçaria, a fim de os fazer confessar o seu crime, nem por um só instante duvidavam da mitologia do «sabbat». De onde vem este curioso episódio da história das mentalidades ocidentais, modelo perfeito das confissões imaginárias, mais tarde caras às ideologias totalitárias? Recentemente traduzida para o francês, a obra do grande historiador britânico

Norman Cohn, *Europ's Inner Demons*, permite responder de maneira quase definitiva, parece-nos, a esta pergunta (1).

O seu primeiro mérito é o de lembrar a corrente contínua dos especialistas que, desde o início do século XIX atribuíram uma certa realidade às reuniões nocturnas das feiticeiras, esse partido do crime. Asseguraram também um belo êxito póstumo às proezas dos processos inquisitoriais. Historiadores alemães da época contra-revolucionária, partidários da reacção católica e portanto hostis às sociedades secretas, responsáveis por todos os vícios, imaginaram a existência, neste modelo recente, de uma organização clandestina que teria permitido a sobrevivência, na Idade Média, do paganismo e os seus costumes.

Num espírito diferente, Michelet prolongaria essa interpretação fazendo do «sabbat» o quadro do protesto dos servos contra uma ordem económica iníqua. Sob este ponto de vista romântico, a oposição satânica da missa negra era uma forma naturista e anticlerical da revolta popular. Banquete, dança e ritual demoníacos não seriam as provas da irrisão do sagrado oficial? A simulação eucarística no corpo da sacerdotisa do mal, representaria o seu máximo.

Apesar da reputação do seu autor, trata-se de pura imaginação, estranha aos documentos originais, não dizendo nada do malefício que era, no entanto, o seu essencial, e interpretando de maneira tendenciosa as indicações orgíacas das fontes. Ela teve, no entanto, prestígio suficiente, nos meios dos historiadores franceses, geralmente de votos de Michelet, para que Emmanuel Le Roy Ladurie, nos seus *Paysans de Languedoc*, publicado em 1966, a siga sem grandes críticas.

Adoradores do diabo

Teve, de resto, numerosos predecessores, ainda menos inspirados. A influência de Frazer e das suas considerações sobre os cultos de fertilidade, também levou Margaret Murray a apresentar, em 1921, uma interpretação «realista» da feitiçaria ocidental. Ela manteve as mesmas teses do seu *Dieu des sorcières*, publicado em 1933, livro que teve uma longa influência nos pises anglo-saxónicos. A feitiçaria medieval e moderna conjuga-se aqui com uma religião rural pré-cristã, em que os adoradores de Diana se juntam em reuniões semanais, consequência natural da repressão oficial. Estas explicações fantasistas não se baseiam de modo algum em descrições realistas, mas em crenças de panfletos ingleses ou escoceses relativos aos banquetes das bruxas.

O tema da demonologia de fertilidade será, no entanto, re-

tornado, depois da segunda guerra mundial, por folcloristas mais ou menos ligados a Murray. Eles associavam, sem provas, a feitiçaria, perseguida pelos grandes processos, a ritos mágicos e a sociedades secretas cujo «sabbat» teria constituído o centro, em volta de um culto dionisíaco. Mais isolado, o católico inglês Summers, obcecado pela onnipresença do diabo, afirmará, no fim dos anos 20, em trabalhos que julgava documentados, a realidade das criações históricas dos servidores de Satã.

Nem todos os eruditos da actualidade abandonaram estes sonhos. O impecável medievalista californiano J. Russel continua a ver, nas vítimas da Inquisição, criminosos adoradores do diabo, partidários de uma revolta de tipo herético. O êxito recentemente obtido pelas investigações do italiano C. Ginzburg é parcialmente explicado pela aproximação que faz entre as práticas da caça às bruxas e as crenças populares relativas aos ritos de fertilidade.

Não atentou, no entanto, suficientemente, no facto de os camponeses que descreve se contentarem em *sonhar* os seus combates com as servas do mal. Numerosos admiradores de Ginzburg deixam-se inconscientemente levar por um erro metodológico, baseado na primazia do imaginário na observação das realidades sociais. Ela leva os seus autores, interessados em afirmar a realidade de um mito, a apoiar-se em documentos falsificados, sobre

perseguições feitas a bruxas meridionais pela Inquisição medieval. Estas invenções anacrónicas do século XVI ao século XIX, muitas vezes devidas a romancistas melodramáticos, transformaram-se, porque isso convinha, em crónicas das mais seguras (3).

Pelo contrário, Cohn reconstitui com minúcia o processo provável da elaboração deste estereótipo puramente intelectual. Não é por acaso que a reunião dos seus diferentes elementos, termina em vésperas da grande caça às bruxas. Os contemporâneos acreditavam, devido a uma tradição literária e teológica que ajudará a perseguição, na existência de um abominável complot anti-humano no seio da sociedade. Essa ilusão universalmente difundida postulava a realidade do «sabbat» e justificava a acção judicial da tortura para provar essa mesma realidade.

Foram assim queimadas dezenas de milhares de pessoas, na época do Renascimento e das Reformas, devido ao esforço feito pela elite cristã, desejosa de purificar o mundo do mal. Herdeiros que somos de Auschwitz e do Goulag, da mitologia anti-semita e das confissões dos processos de Moscovo, podemos julgar do exterior essa confusão entre o imaginário e o real?

A perseguição criminal dos malefícios

Cohn vê-a, de resto, aparecer, desde a Antiguidade pagã,

sob a forma de uma calúnia dirigida aos cristãos, acusados de praticar, nas suas reuniões secretas, a orgia incestuosa e o consumo ritual de crianças. Essa acusação foi igualmente feita aos judeus. Visando um grupo essencialmente anti-humano, seduziria sempre os inimigos do cristianismo, mesmo o jovem Marx de 1847. Mas, entretanto, a Igreja triunfante associava este conto aos heréticos medievais, por ela ligados ao demónio.

Inaugurada na época patrística essa tradição continuou em Bizâncio e depois do ano Mil em todo o ocidente. O processo inquisitorial deu, a partir do século XIII toda a força institucional a essa obsessão clerical dos poderes do diabo. Ela deu origem, dos Vaudois aos Fratriceltes, à perseguição de diversas seitas acerca das quais se contavam estranhas histórias. A ciência demonológica, eminente criação intelectual da Idade Média ocidental, deulhes, sem dificuldade, valor de prova. Sabe-se o que se passou com os Templários.

Dessa origem teológica convém distinguir a prática do malefício cuja efectivação seria por fim amalgamada, no quadro do estereótipo descrito por Cohn, à das servas criminosas do diabo, que participavam na sociedade anticristã do «sabbat». Técnica destruidora, a prática do malefício constituía, nos campos eu-

Sete Ponto Sete

Infernos



MUNICÍPIO DE LOURES

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

MOÇÃO

A Assembleia Municipal do Concelho de Loures, reunida na Freguesia de São João da Talha em 30 de Março de 1983, na discussão sobre o problema do tráfego na Estrada Nacional N.º 10 e Estrada Municipal N.º 504, e no seguimento de vários contactos havidos entre as autoridades oficiais do Governo Central e os Órgãos Autárquicos das Freguesias e do Concelho, onde foram feitas promessas de solução do problema que ainda não foram cumpridas, delibera solicitar a essas autoridades, com vista a solucionar o grave problema, o seguinte conjunto de medidas:

- Que imediatamente se façam, no conjunto das Obras de Beneficiação da Estrada Nacional N.º 10, os arranjos referentes à zona de Sacavém, incluindo a instalação de semáforos. Que na sequência desses arranjos a Câmara Municipal de Loures estude e accione um novo ordenamento de trânsito em Sacavém.
- Que rapidamente se apresentem os estudos necessários para que se proceda a uma ligação à auto-estrada Lisboa-Vila Franca, como medida mais importante para resolver tamanha intensidade de tráfego.
- Que a longo prazo se proceda ao prolongamento da Avenida Infante D. Henrique como forma de evitar, num futuro muito próximo dado o crescimento anárquico desta zona, situações tão ou mais graves do que esta que no momento tentamos resolver.

Loures, 30 de Março de 1983

O martírio das bruxas

Continuação da pág. 5

ropeus, uma acusação antiga, atestada e frequente. Atribuía-se-lhe geralmente, por exemplo, a impotência ou os diferentes desastres da meteorologia rural.

Estas crenças persistiam, naturalmente, na época da grande caça às bruxas. Antes da legalização das perseguições, tratava-se de linchamentos populares espontâneos. Por sua vez a Igreja via no malefício uma transgressão religiosa, acto de magia pagã e demoníaca. Mas durante muito tempo isso não teve nenhuma influência judicial.

Tudo mudou com os novos processos de tipo inquisitorial. Só ele permite compreender o grande aumento do número das acusações por malefício, que fez com que aumentasse a perseguição. O antigo sistema judiciário, que só conhecia as acusações privadas teria, com efeito, sido incapaz de dar origem às grandes perseguições que caracterizaram a caça às bruxas. Mais do que de um crescimento imaginário das tensões das aldeias, elas foram muitas vezes vítimas, nos séculos XVI e XVII de um aumento das facilidades jurídicas na sua perseguição (4).

A transição para o domínio público das acusações de malefício integrou este último à repressão geral da magia ritual e da conjuração demoníaca. Ligada à perseguição, pela Igreja, deste tipo de invocação, foi atribuída à feitiçaria rural um novo estatuto de heresia diabólica que terminou por a aumentar aos olhos dos investigadores e de constituir o estereótipo descrito por Cohn.

Ele descobre, entre as principais etapas da marcha para a caça às bruxas nos séculos XIV e XV a extensão da acusação de actividade mágica, a simples mulheres, muito mais próximas do mundo do malefício. Tornava-se então normal imputar-lhes igualmente uma organização em seitas heréticas de tipo demoníaco. Para tal, bastava aos crentes obcecados, metamorfoseados em torcionários entusiasmados, obter as confissões que desejavam. O máximo da sua felicidade foi atingida quando se persuadiram de que as suas vítimas podiam voar a fim de se dirigir ao «sabbat».

Os voos nocturnos

Tratava-se de uma antiga lenda que a Idade Média conservou associando-a ao canibalismo. Surge, por exemplo, na tradição germânica. O voo sobrenatural das servas nocturnas de Diana é atestado por textos carolíngios. A ilusão dessa manifestação espectacular de um culto pagão e mágico enriquece igualmente o folclore francês, cheio de referências medrosas perante a visita das damas da noite. A Sicília ainda hoje as conhece. Essa convicção assegurará, na imaginação popular, a fortuna do tema da bruxa nocturna.

Nascida da crença em espíritos benéficos, associada aos mortos, e que os camponeses queriam atrair, essas visões passaram para o preto no branco quando, no século XIV a Igreja resolveu transformá-los em realidade de uma actividade demoníaca. Essa metamorfose

foi facilitada pelos sonhos frequentes das mulheres velhas, relativos à sua participação em tais trajectos aéreos. Os inquisidores puderam enfim utilizar, nesse material folclórico, a ideia de um corpo organizado das servas do mal.

Claro que numerosas pessoas, segundo as investigações antropológicas o confirmaram, pensaram de boa fé voar de noite e assistir ao «sabbat». O Ocidente cristão ficou assim, tal como a África negra, repleto de fêmeas canibais que confessavam de boa vontade tais actos, produzidos pelo inconsciente colectivo. Podem aproximar-se dessa evidência as descobertas feitas por Ginzburg no seu **Frioul**: os inimigos rurais das bruxas conhecem aí, em estado de transe, experiências espirituais e oníricas análogas às das acompanhantes medievais de Diana (5).

Foi muitas vezes censurada a grande repressão das feitiçarias e o famoso **Marteau des maléfices**, devido à invenção delirante de dois dominicanos alemães, de resto estimulados pelo Papa, em 1486. De facto, o estereótipo em causa existia desde há quase um século nas perseguições de justiça. A imaginação dos inquisidores já estava bem cheia quando se encarniçou contra os Vaudois dos Alpes, onde devoradoras de crianças, voando, lhes permitiam explicar as assembleias invisíveis de mágicos rurais. Depois do Valais, o Briançonnais também se tornou, no tempo de Joana d'Arc, um dos locais privilegiados do «sabbat» e dos seus ritos diabólicos.

O fantasma das massas e a obsessão da elite

O prosseguimento dessa actividade sectária representou então, em meios ortodoxos, um lugar comum teológico. De resto, dizia respeito tanto aos homens como às mulheres (como o infeliz Pierre Vallin, supliciado em 1438 em La Tour du Pin), tanto as planícies como as montanhas, como o mostra o caso de Arras, no fim dos anos 1450.

Esta última, outra facanha de dominicanos, apresenta o interesse suplementar (em consequência da inocência proclamada pelos acusados por entre as chamas e também de uma reabilitação posterior) de conformar a irreversibilidade das confissões arrancadas pela tortura. Isto não impediu que na época do Renascimento e das Reformas cada vez florisse melhor a lenda do pacto demoníaco. O estereótipo da feitiçaria constituiu aí, com efeito, a síntese, feita pelos religiosos e pelos sábios, de uma série de fantasmas que vinham do seu próprio meio ou das massas populares. Esta espantosa conjunção assegurou o dinamismo moral de um inquérito que metamorfoseava o malefício aldeão tradicional numa participação na orgia dos apóstatas (6).

Essa elucidação de um célebre enigma histórico permite compreender o papel complexo que aí tiveram os elementos sociológicos e culturais provenientes de vários meios. Se os

camponeses sempre receram os autores de malefícios, as suas queixas nunca foram tão bem acolhidas como no contexto inquisitorial da caça às bruxas. Estas duas origens dessa caça misturam-se por vezes mas não devem ser confundidas. Foi a elite cristã do tempo, prisioneira do seu tipo particular de racionalismo, que acreditou no mito da sociedade secreta satânica e nas suas consequências. Senhora de um grande poder de coerção e de processos adequados, essa minoria levou a efeito uma repressão que as massas, entregues a si próprias, não teriam conseguido.

Protestantes ou católicas, no tempo de Descartes e de Newton, numerosas regiões da Europa mandaram assim para a fogueira todo um povo culpado de cópulas demoníacas, banquetes de carne de criança e outras adorações diabólicas. É difícil avaliar o número das vítimas mas sabe-se, não sem horror, que só a doce região do Vaud, à sombra de Calvino, executou assim quase 3400 pessoas, vítimas de um ordálio exigido pelos vigilantes religiosos, decerto cheios de boa consciência. Esses torcionários burocráticos, que massacravam com inocente ligeireza, segundo imaginações que consideravam evidentes, oferecem-nos a pintura preciosa das devastações causadas pela aceitação colectiva de um estereótipo ideológico.

Nestas épocas perturbadas onde os espíritos mais elevados, como Jean Bodin aprovavam os morticínios, as vozes da sabedoria como as de Monntaigne, Alonso de Salazar (céptico inquisidor no país Basco espanhol por volta de 1610) ou Cyrano de Bergerac, poucas possibilidades tiveram de ser ouvidas. Sê-lo-ão em tempos mais calmos ou preocupados com outras paixões. Com o desaparecimento das dos inquisidores, a feitiçaria actual perdeu todos os prestígios fantásticos do «sabbat». Caída na rotina de uma banal prática individual, já não merece que por ela se supliciem dezenas de milhares de seres humanos. Sabe-se que este privilégio só pertence, através da história, às ilusões mortais associadas a vastos empreendimentos. Sagradas ou seculares as grandes religiões forneceram a este respeito, um lote impressionante (7).

(1) Publicado em 1975 este livro foi traduzido para francês em 1982, com o título de **Demonologie et sorcellerie au Moyen Age** (Payot).

(2) Ver **La Sorcière** de Michelet e **les Paysans de Languedoc** de Le Roy Ladurie.

(3) **Le Rameau d'or**, de Frazer, reeditado em 1981 por Laffont; **History of Witchcraft and Demonology**, de M. Summers; **Witchcraft in the Middle Ages**, de J. B. Russell; **I. Benandanti**, de Ginzburg.

(4) A interpretação sociológica da feitiçaria nos séculos XVI e XVII foi apresentada com maior força por K. Thomas em **Religion and the Decline of Magic**.

(5) Acerca da África negra note-se que as investigações clássicas de E. E. Evans Pritchard, **Witchcraft, Oracles and Magic among the Azande**, influenciou muito o estudo recente das feitiçarias do Ocidente.

(6) Boa edição do **Marteau des sorcières** de H. Institoris e J. Sprenger, ed. A. Danet.

(7) Estudo exaustivo e excelente do caso de Salazar no trabalho de Henningsen, **The Witches' Advocate**.

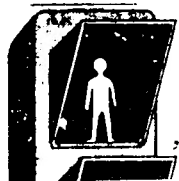
Al Pacino O Autor... A Mulher... A Amante... O Campo de Batalha!

O Palco e a Vida AL PACINO DYAN CANNON TUESDAY WELD

"AUTHOR! AUTHOR!" BOB DISHY · ALAN KING

Realização de ARTHUR HILLER Música de DAVE GRUSIN Produção de IRWIN WINKLER Argum de ISRAEL HOROVITZ

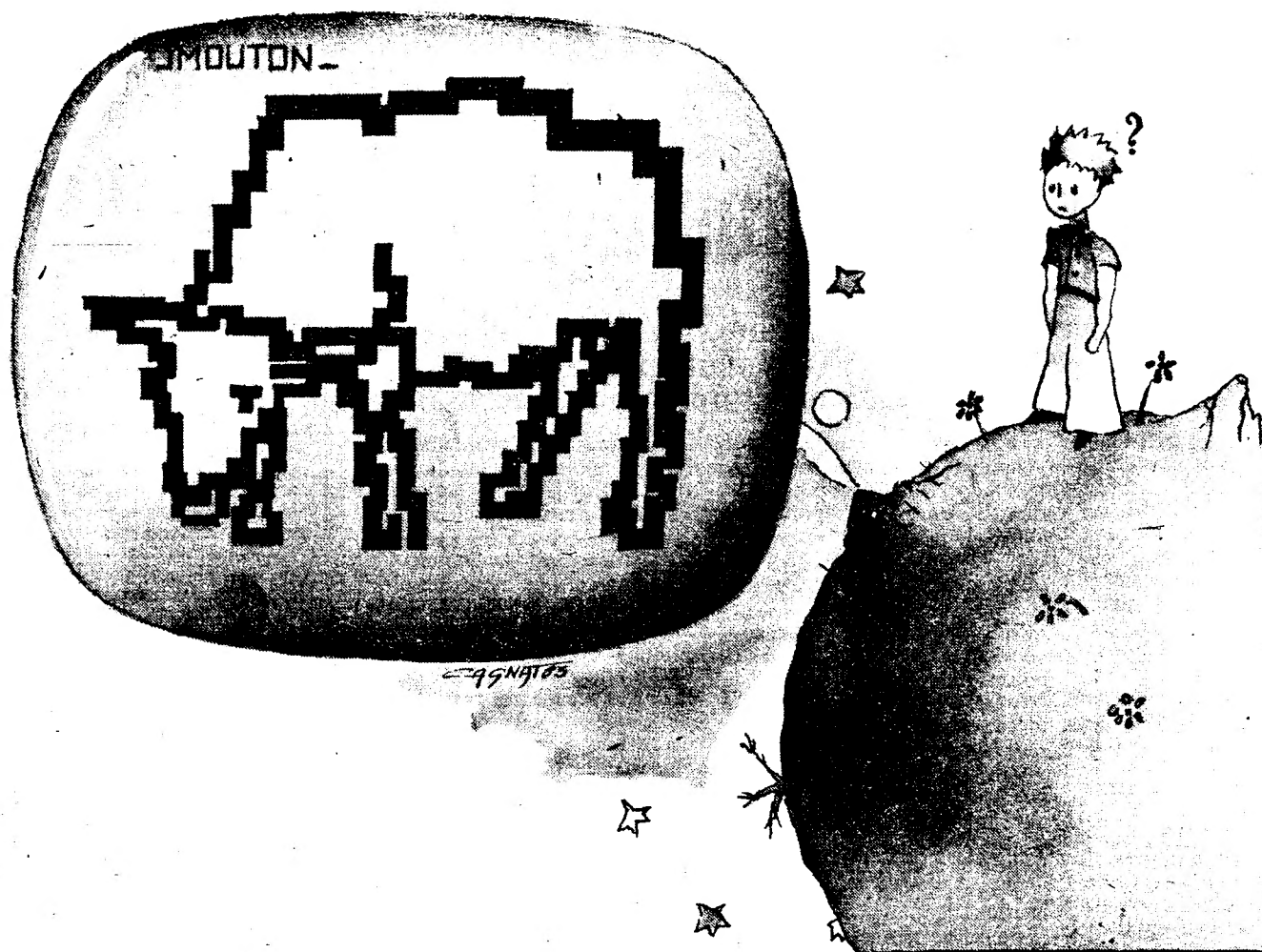
HOJE às MATINÉES, ESTREIA EM 2 CINEMAS



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa





O écran que desenha

Richard Clavand

«Desenha-me um avião». O homem põe os dedos num teclado. A criança olha para os pontinhos luminosos que acabam de surgir no écran. Não se mostra impressionada. Para além desse avião que surge no écran, escondem-se, no entanto, centenas de milhares de equações que um computador poderoso resolveu em poucos segundos. Mas para essa criança que os pais conduzem pelo SICOB, a C.A.O. (concepção assistida por computador) não é mais do que uma versão para adultos de um **Space Invaders** qualquer.

DEPOIS deste salão, o engenheiro que bate sobre a sua mesa, irá vender os seus «brinquedos» aos construtores de aviões, de automóveis, de barcos, de casas, aos industriais da química ou da electrónica. Apesar do seu preço elevado — de 1 a 3 milhões de francos os seus sistemas terão comprador, porque, depois de ter conquistado os serviços de gestão, a informática dedica-se, com êxito aos «bureaux» de estudos. Na maioria das grandes empresas, em especial a construção aeronáutica, os métodos tradicionais de concepção, desenho e fabrico têm os seus dias contados.

O exemplo da SNIAS ilustra essa revolução tecnológica e cultural. No hall do «bureau» de estudos de Blagnac, perto de Toulouse, sob vidraças enormes, dezenas de empregados e de técnicos trabalham nas suas pranchas de desenho: os melhores profissionais do desenho industrial. Mas é num escritório vizinho que o futuro se prepara.

Técnicos de bata branca saem fechando cuidadosamente a porta: a sala está climatizada. Estamos na secção C.A.O. Aqui já não há grandes jorros de luz mas uma penumbra conti-

nua. «Terminais gráficos» compostos de um écran e de um teclado, ligados a computadores, substituíram as mesas de desenho. Um operador escreve duas ou três instruções. Em poucos décimos de segundo aparece no écran o plano de um elemento de carlinga. Com um lápis luminoso ligado ao terminal por um cordão, o técnico aponta depois para uma «ementa» junto ao écran. Aparece uma nova imagem. O operador dialoga em tempo real, com uma base de dados onde é descrita nas linhas gerais toda a geometria do avião.

Por vezes um esboço realizado por um desenhador é afinado pelo computador. Outros elementos foram criados directamente a partir de formas simples fornecidas pelo sistema C.A.O.: ponto, linha, cubo, cilindro, cone, pirâmide, esfera, toro, prisma. Nos sistemas C.A.O. tridimensionais, o operador pode manipular estas formas no espaço, e representá-las em qualquer posição.

Mais um passageiro

Este jogo de construção não é tão simples como parece. Graças a um programa específico, o

operador estuda os esforços a que serão obrigadas algumas partes do avião, calcula os limites de tolerância das peças, segundo a sua forma, a sua espessura e o material utilizado. E em função de todas estas operações que o modelo definitivo é elaborado e depois guardado na memória do computador esse ser matemático que é possível fazer surgir no écran terá a mesma função de referência que uma maquette de tamanho natural.

O computador permite criar formas muito complexas e simular o movimento das peças móveis. A sociedade francesa Messier-Hispano-Bugatti (M. H. B.), instalada em Montrouge (Hauts-de-Seine), utiliza a C.A.O. para conceber e realizar os trens de aterragem. Ela retirou do mercado os trens de três aviões de transporte regionais (entre os quais o modelo franco-italiano ATR-42) dos cinco em projecto no mundo. «Se conseguirmos ganhar 80 quilos num trem, a companhia transporta mais um passageiro e o avião será mais rentável», explica Daniel Abchsera, director das relações internacionais. Para limitar o peso embora conservando limites de resistência elevados somos obrigados a conceber peças de formas torturadas que não poderíamos realizar sem a C.A.O.. Estas peças complexas só representam 20% da produção da M.H.B., mas a sua concepção ocupa 50% do tempo do bureau de estudos.

O caso complica-se quando é preciso reunir estes elementos e simular o seu movimento. Os construtores de aviões só reservam, em geral, um espaço muito limitado ao trem de aterragem. O fabricante deve solucionar o problema. Diante da mesa C.A.O., o operador faz evoluir o trem no écran: os seus diferentes elementos desenvolvem-se em volta dos seus eixos,

mas recuam. A menor interferência com a carlinga é apontada. Assim é possível evitar o problema que um construtor teve recentemente: ao dobrar-se o trem tocava no reservatório de carburante: foi preciso partir novamente do zero.

Essa simulação dos movimentos complexos tem aplicações muito prometedoras no domínio da robótica. Até agora devia ensinar-se ao «robot» a repetir o movimento do operador humano. Com a C.A.O., pode definir-se a deslocação da sua «mão» em função da tarefa a efectuar. O «robot» de soldadura «Barnabé» que surgirá este ano na fábrica Citroën, de Meudon, está programado desta maneira. A «régie» Renault, da SNIAS, e os Dassault-Systèmes também trabalham neste sector-chave da automatização.

A C.A.O. já permite programar máquinas de comando numérico. Fala-se então do F. A. O. (fabrico assistido por computador). A informática serve agora de traço de união entre a concepção e o fabrico. Numa empresa tradicional, os agentes dos métodos que preparam a tarefa das máquinas, recebem os planos do «bureau» de estudos. Eles refazem cálculos, desenhavam peças, escolhiam ferramentas e programam as suas trajectórias. Tudo à mão, com o simples auxílio de uma calculadora e de muita experiência. Na empresa «assistida por computador», também aprendem a trabalhar com o «écran».

Na SNIAS, os planos «papel» devem ser transportados do «bureau» de estudos de Blagnac para a fábrica de Saint-Eloi, a uma dezena de quilómetros de distância. Aí são fabricadas as peças elementares dos Airbus, Transall, Falcon e outros Mirage. Mas os dados que dizem respeito às peças realizadas no C.A.O. circulam numa rede de teleinformática, à velocidade de

9600 «bits» por segundo. Em Saint-Eloi são armazenados por um computador que vai alimentar, quando isso lhe for pedido, os terminais do serviço F. A. O.

Batendo num teclado, o operador chama ao «écran» o plano de uma peça e realiza programas de fabrico correspondentes. O computador escolhe a peça, a sua velocidade e o seu ângulo de corte, calcula o tempo necessário ao seu fabrico e simula o trabalho das máquinas. A cada passagem da peça e da ferramenta no «écran», o metal «retirado» desaparece. Quando a peça é «terminada», o programa é memorizado em fita magnética. Basta transferir essa fita para a máquina para que esta reproduza com fidelidade as instruções do computador.

As máquinas já não precisam do plano

Em breve o fabrico será directamente pilotado pelo computador, sem passar pela fita magnética: desde este ano certas máquinas da fábrica de Saint-Eloi serão programadas pelo sistema F. A. O. em tempo real. Os construtores de sistemas podem esfregar as mãos de contentes: na aeronáutica e em toda a construção mecânica, as empresas devem equipar-se ou desaparecer.

No último andar de um edifício, nos arredores de Londres, o estado-maior de Computervision, o número um mundial do C. A. O., traça o futuro. «O plano manter-se-á durante algum tempo como instrumento de comunicação entre os homens, mas as máquinas já não têm necessidade dele: elas não sabem lê-lo», diz Patrick Alias, vice-presidente do «marketing» Europa. Mas elas conhecem hoje o significado da linguagem binária. Alguns dos nossos clientes já preveniram os seus construtores de que não lhes forneceriam mais planos mas sim bandas magnéticas: eles que se adaptem. Os construtores deverão equipar-se com o mesmo material que o dador, porque os sistemas raramente são compatíveis entre si (1).

Antes mesmo de serem generalizadas as máquinas-ferramenta de comando numérico, já se esboça uma revolução na comunicação. O C. A. O. de amanhã integrará todas as funções da empresa incluindo a gestão de produção, em volta de uma base de dados única, afirma Eric Boissard, director de «Computervision France». Todos tirarão daí as informações necessárias ao seu trabalho: concepção, cálculos, simulação, fabrico, controlo, documentação. No centro deste sistema: o produto da empresa.

O papel na empresa das redes de comunicação internas irá aumentando. Depois das transmissões de planos e da encomenda de máquinas, asseguraram todo o intercâmbio entre os serviços ou então, graças aos satélites, entre unidades distantes. Uma tal perspectiva inquieta a administração das telecomunicações, que se arrisca a ver uma parte importante dos seus recursos absorvidos por estas redes privadas.

O C. A. O./F. A. O. vai transformar profundamente os métodos de trabalho. Quando a SNIAS vende um helicóptero, deve fornecer ao seu cliente uma massa de planos de um peso equivalente ao do aparelho. Para um avião é uma pilha de catálogos de um milhão e quinhentas mil páginas, que é preciso reactualizar de três em três meses. É mais fácil fazer aparecer estes documentos em banda magnética do que em papel. Com um sistema C. A. O. tridimensional, por exemplo, toda e qualquer modificação em face de um objecto é automaticamente colocada nos outros planos do espaço, quando um desenhador pode esquecer-se de o fazer.

A participação do C. A. O. no domínio do controlo é igualmente importante. Na M. H. B. descobrem-se certas peças complexas, com o auxílio de uma máquina tridimensional: uma apalpadeira com almofada de ar, acompanha o rebordo da peça a ser controlada. «E a hora da verdade», explica Daniel Abchsera. «As coordenadas geométricas do ponto de contacto são transmitidas ao computador que as compara com as do modelo. Em poucos décimos de segundo a máquina diz-nos se a peça está de acordo (em centésimos de milímetro) com as especificações, ou não está».

Estão em estudo outras aplicações. Daqui a poucos anos as maquetas também vão desaparecer. O modelo matemático tridimensional concebido pelo C. A. O. será analisado e dará todas as informações necessárias. Mas o sistema exige uma força de cálculo quarenta vezes superior à dos maiores computadores hoje disponíveis, como a CRAY I ou a Iliac IV, que, no entanto, podem realizar vinte milhões de operações por segundo. A NASA prevê a instalação de uma destas em 1986, mas o projecto tem sido retardado pelas reduções do orçamento americano.

A penetração do computador nos factores da concepção e do fabrico, parece-se muito com uma nova revolução industrial.

(1) Há vários projectos de normalização internacional da C. A. O. O mais conhecido é o IGES (Initial Graphics Exchange Specification). A importância da aposta leva cada construtor a tentar impor os seus próprios «standards».

INATEL - TURISMO

Excursões a realizar no mês de Maio
Inscrições a partir de 4/4/1983
Várias no País - Torremolinos - Benidorm
Feira de Madrid, etc...

Informações: Calçada de Santana, 180
Telefone 538871 - Telex 12669 Relax P

Ultima página Sete Ponto Sete

Nos EUA o governo veta filmes ecológicos

A administração Reagan instaurou a censura cinematográfica nos Estados Unidos, a grande meca do cinema, e proibiu a projecção nos ecrãs do país, de três documentários canadianos, a não ser que sejam acompanhados por um rótulo em que se diga que o governo norte-americano desaprova o seu conteúdo. Ao mesmo tempo, o ministério da Justiça, numa acção sem precedentes, pediu os nomes e as moradas de todos os indivíduos que vejam as películas e das organizações que as exibam.

Um dos filmes censurados pelas autoridades de Washington está apontado este ano para um Oscar de Hollywood. Intitula-se «If you love this planet» («Se amas este planeta»), e o seu argumento gira em volta do perigo de uma guerra nuclear e da necessidade de fazer algo para a evitar.

Os outros dois referem-se à chuva amarela, um resíduo químico que está danificando gravemente a vegetação do Canadá.

A surpreendente atitude do governo norte-americano causou sérios problemas entre os Estados Unidos e o Canadá, e o ministro dos Negócios Estrangeiros de Ottawa dirigiu-se oficialmente ao Departamento de Estado norte-americano para que esta permitisse a projecção das três películas no país.

A opinião pública canadiana, os editoriais dos jornais das

principais cidades e até membros do Parlamento e do Governo disseram que o comportamento da Administração Reagan é um atentado sem precedentes contra a liberdade de expressão na América do Norte.

O presidente Reagan e alguns dos seus assessores (os chamados falcões, o conselheiro de segurança Nacional William Clark, o ministro da Defesa Caspar Weinberger e a embaixatriz na ONU Jeanne Kirkpatrick) pensam que a União Soviética está a inspirar e a apoiar o movimento em prol da congelção de armas nucleares, e está a convencer a opinião pública europeia de que são os Estados Unidos quem põe obstáculos a um acordo de redução de armas nucleares por ambas as superpotências.

A censura feita à película canadiana «If you love this planet», tem por objectivo, dentro deste contexto, dificultar a chegada ao público norte-ame-

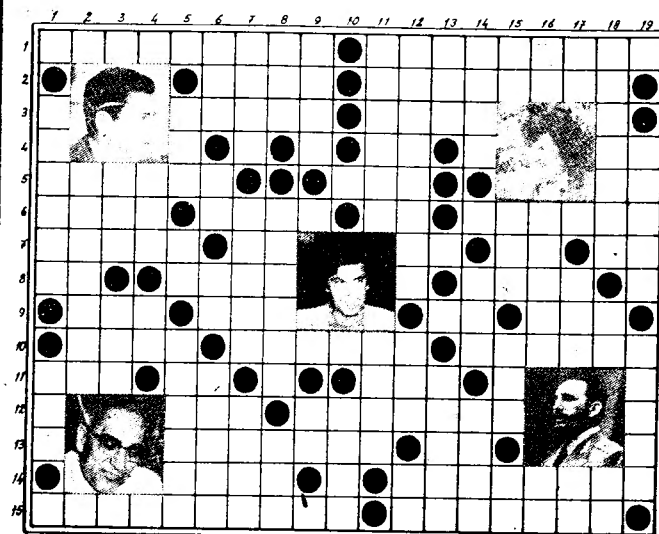
ricano de um documentário partidário da congelção do armamento atómico, movimento que ultimamente adquiriu grande força nos Estados Unidos e que conta com o apoio de uma parte influente do Congresso (entre os senadores que o apoiam conta-se Edward Kennedy).

O referido movimento concentrou meio milhão de pessoas, há uns meses, em Nova Iorque, e conseguiu que nas passadas eleições legislativas de Novembro, vários Estados aprovassem por referendo (embora sem carácter vinculativo para o governo) a imediata congelção dos arsenais bélicos dos Estados Unidos e da União Soviética. A Administração Reagan receia que (graças a películas como a censurada) a sua força continua a aumentar e, eventualmente, obrigue a cancelar em cinco anos o projecto de rearmamento e modernização das forças armadas, que o actual presidente está a efectuar.

«If you love this planet» («Se amas este planeta»), a película apontada para um Oscar de Hollywood na categoria de documentários, é uma produção de 26 minutos de duração, na qual se mistura um discurso da doutora Helen Caldicott (uma activista anti-nuclear) com imagens de Hiroshima e Nagasaki, destruídas pelas bombas atómicas, e com outras de um filme realizado pelo Departamento de Defesa no tempo da segunda guerra mundial... e interpretado por um actor chamado Ronald Reagan...

A censura destas três películas parece mais uma decisão da União Soviética do que dos Estados Unidos que é, supostamente, o paraíso da liberdade, da democracia e da livre expressão, comentou o ministro canadiano encarregado da protecção do meio ambiente, John Roberts, cujo departamento supervisiona a produção dos polémicos filmes.

Palavras cruzadas Interpretativas



HORIZONTAIS:

1 - Ele é o nazismo do nosso tempo. Adesão de Portugal e Espanha à CEE dificultada por essa crise. 2 - Lodo. Realizaram. 3 - O comerciante morto em Lisboa era «receptor» delas. Caem elas, ficam os espinhos. 4 - Reis. Letra grega (inv). 5 - Em artigo concedido ao jornal «The Guardian», este dirigente cubano afirma que, enquanto as companhias multinacionais «obtem quatro dólares por cada dólar que investem, 40 milhões de pessoas, metade delas crianças, morrem de fome por ano». O da Suécia juntou incógnito, no Bairro Alto. Cento e um em romano. 6 - Joeirai. Quem a tem sempre escapa. Cobre (s. q inv). A TASS acusa este presidente dos EUA de histeria militar ao querer continuar a sonhar militarizar o espaço. 7 - É a moeda forte da América e custa aos portugueses cerca de cem escudos. Duas consoantes usadas antigamente num pregão popular. Ela só interessava aos empresários, isto, segundo Ferraz da Costa. Cidade da antiga Caldeia. Item. 8 - Ribeira da Ásia Russa. Ela, marcará o Verão lisboeta. Ele foi convidado a visitar oficialmente a Polónia de 16 a 22 de Junho. 9 - Fortaleza da antiga Messénia. Uma das Espórades. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 10 - Este país apoia a Nicarágua na ONU. Em São Salvador, Arturo Rivera, presidiu na catedral metropolitana, a uma homenagem em memória deste arcebispo assassinado há três anos e a quem João Paulo II considerou como «um apóstolo do Evangelho e um defensor dos direitos humanos». Nunca o perigo da nuclear, foi tão grande e iminente. 11 - Diz-se que ele é o melhor amigo do homem. A essa sorte, boa cara. Arbusto muito comum em Cuba, onde as folhas são usadas contra a paralisia. 12 - Donzela de Orleães. O Ministério Público pede 12 a 16 anos de prisão para o que matou homossexual em Monsanto. 13 - Uma de seis anos, morreu numa sessão de magia negra em França. Letra grega. 14 - Lagoa do estado da Baía. Há conflitos internos no governo deste político espanhol. 15 - Esta ex-primeira-ministra esteve presente em nome de Eanes na sessão inaugural da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente. Voejaria.

VERTICAIS:

1 - Desvalorização dele vai agravar a inflação segundo opinião da CGTP. O hospital psiquiátrico do Porto comemorou esses anos. 2 - Custa 500 contos e tem garantia de 15 dias a sobrevivência a essa guerra e, está à venda nos jardins do Estoril. 3 - Ele e o açúcar são os erros alimentares mais nefastos. Saio frequentemente à rua. 4 - A que não casa, fica para isso. Prefixo que designa afastamento. 5 - Acrescentando uma vogal, é palavra que, quem a usa mais vezes, mais mente. Reis. Amansa. 6 - Tempo do verbo haver. Ondas curtas. Era Cristã. Cidade de França. 7 - A Irlanda. Paixão. Cento e três em romano. 8 - Cólera. Foram isso, alguns activistas da Solidariedade. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 9 - Quinhão. Duas consoantes desiguais. 10 - Quem não gosta de trabalhar sofre disso. 11 - Sobreviveu 112 dias, e agora aconteceu isso a Barney Clark, o homem do coração artificial. A quem acontece isso, morre cedo. 12 - Ela passa a dirigir os principais Estados do Brasil. Rio da Sibéria. Gálio (s. q). 13 - Nome também dado a letra N (pl). O mesmo que acroleína. 14 - Épocas. Página. Rio de França. 15 - Basta! Na Cimeira dos Não-Alinhados esta potência esteve no banco dos réus. Larva das feridas dos animais. Letra árabe. 16 - Dizer coisas nele, é falar à toa, sem fundamento. Seduza. O encanado, é o mesmo que corrente de ar. 17 - Batráquio. Oásis. Cinquenta e um em romano. 18 - Encalhai. Fazer castelos nele, são planos irrealizáveis, fantasias. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. 19 - Com as eleições à porta, «assegurar a saúde do escudo e insectivar a economia privada» são os objectivos, ou as promessas deste futuro candidato a primeiro-ministro. Forte. (Prov. trasm).

SOLUÇÃO

Ar. Arpo. Ar. 17 - Ra. Ar. 18 - Imbical. Ar. Ea. 19 - Pinto. Amaz. Ga. 13 - Nés. Acrol. 14 - Eras. Pag. Ione. 15 - Tal. EUA. Ura. Za. 16 - Aal. 9 - Dose. Pn. 10 - Ocio. 11 - Morreu. Rata. 12 - Oposição. Odi. Armacia. 6 - Hao. Oc. EC. Arras. 7 - Erin. Ardor. Cili. 8 - Ira. Presos. 1 - Escudo. Cem. 2 - Atómica. 3 - Sal. Ruu. 4 - Tia. Ab. 5 - Jur. Rs.

VERTICAIS:

Ro. 14 - Iala. GONZALEZ. 15 - PINTASILLO. Alcant. ROMERO. Guerra. 10 - Cao. Ma. Aba. 12 - Arc. Policia. 13 - Criança. AD. Ur. It. 8 - Om. Sede. Papa. 9 - Ira. Cós. Ca. Oia. 10 - Cuba. Pl. 5 - CASTRO. Rel. Cl. 6 - Uti. Capa. Cu. REAGAN. 7 - Dólar. RR. 1 - Apartheid. Moneta. 2 - Arro. Operaram. 3 - Jódias. Rosa. 4 - Rs.

HORIZONTAIS:

PARA COMPANHIA DE PETRÓLEOS

PRECISA-SE

CHEFE DE MANUTENÇÃO

PRETENDE-SE:

- Idade entre 35 e 40 anos;
- Mínimo 5 anos de experiência em posto de chefia;
- Formação de base em electricidade e instrumentação-electrónica;
- Habilitações académicas — Curso Industrial ou equivalente;
- Bons conhecimentos de língua inglesa e francesa.

OFERECE-SE:

- Regalias sociais de acordo com os regulamentos da empresa;
- Ordenado de acordo com os parâmetros internacionais.

Resposta a este jornal ao n.º 2402.

Oficina do Grotresco

ACOTA-TE AQUI AO MEU LADO!



TEATRO DO BAIRRO ALTO
A PARTIR DE 1 DE ABRIL
6.ªs e SAB. 21.30 H.
DOMINGOS 17.30 H.



TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
(Sábados e domingos às 15,30 h.)
A peça mantém-se em cena até ao fim de semana de Abril
BANDO QUINTA DA CASQUILHA
SUB SEC 1500 LISBOA
Telefone 703056

Consulte as secções de informações
Caminhos de Ferro Portugueses

É mais cómodo.
É mais económico.
É mais funcional.

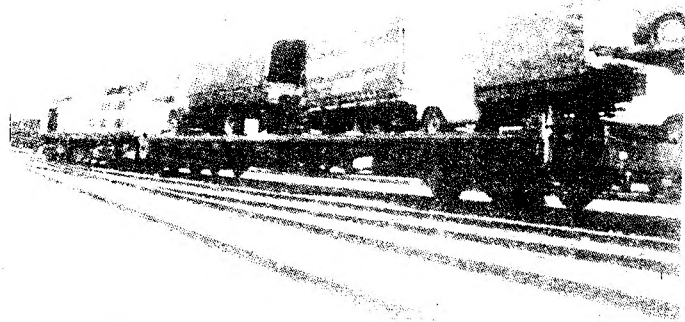
É o novo serviço TECAM para o transporte de furgões e camiões.

É verdade!
Este novo serviço TECAM, para o transporte de veículos comerciais médios e pesados, até 11 toneladas, funciona entre Lisboa/Sta. Apolónia e o Porto/Campanhã. É muito simples! Basta entregar o veículo, com ou sem carga, até às 21 horas e ele poderá ser levantado no seu destino às 8 horas do dia seguinte. Isto significa enormes vantagens para as empresas de transporte rodoviário de mercadorias. Em tempo ganho. Em economia de custos humanos e de material. Em funcionalidade.

Este é o novo serviço TECAM. As vantagens são suas!



Comboio, a opção inteligente.



Para informações mais completas, contactar
Departamento Comercial (Serviço Comercial de Mercadorias)
Lisboa - Sta. Apolónia - Tel. 86 61 01
Serviço Comercial da Região Centro
Lisboa - Tel. 86 77 85
Serviço Comercial da Região Norte
Porto - Tel. 56 41 41
Serviço Comercial da Região Sul
Barreiro - Tel. 207 30 28